



Do Monsenbor Ferreira.

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



siue

Rodrigues 647 Rarissimo

Extr. rare

Azeredo Samokain 924

Bosche de Moroso I - 157

OBRAS
DE
CLAUDIO
MANOEL DA COSTA.

O R B A S
D E
CLAUDIO

MANOEL DA COSTA,
Arcade Ultramarino , chamado
GLAUCESTE SATURNIO,
OFFERECIDAS

Ao

^{mo} I L L . E ^{mo} E X . S N R .
D. JOZE LUIZ DE MENEZES
ABRANCHES CASTELLO-BRANÇO,
Conde de Valladares , Commendador das Com
mendas de S. Joaõ da Castanheira, S. Juliaõ de
Monte-negro, S. Maria de Viade, e S. Maria
de Locores, da Ordem de Christo, Governador,
e Capitão General da Capitania das
Minas Geraes, &c. &c. &c.



C O I M B R A .
Na Officina de Luiz Secco Ferreira.

M.DCC.LXVIII.

Com licença da Real Meza Censaria,

*Primus ego in Patriam mecum, modò vita superfit,
Aonio rediens deducam vertice Musas. Virg. Georg.*



C A R T A
DEDICATORIA.



MO MO
ILL. E EX SNR.



*A Ô he a vaidade de hon-
rar os meus escritos, a que
me obriga a escrever na frente delles*

o grande nome de V. Excellencia ; nem
be o empenho de prevenir a mordaci-
dade dos criticos , o que me anima a
buscar taõ superior Mecenas. Persua-
do-me , com o parecer do Sulmonense ;
que, se a cauza por sua natureza não
he boa , se faz peyor com o patrocínio
e pouco me devem as produçoens inu-
teis da minha ociosidade; na qual per-
di apenas as breves horas , que pude
respirar de huma vida seria. A obriga-
ção , Senhor, e o affecto são os dous for-
tissimos, e unicos estimulos, q̃ promovem
à presença de V. Excellencia o meu
esteril obzequio. Produzir ao publico

esta confissão he toda a minha gloria.

Não se engane o mundo ; se para formar o elogio de V. Excellencia espera, que eu entre a desenvolver a dilatada serie da sua Genealogia. Eu sei, que largo campo me pudera offercer huma Ascendencia, que honrando a duas Monarquias, interessou no seu sangue os Senhores Reys, D. Fernando em Portugal, e D. Henrique Segundo em Castella. Depois desta ponderação pouco importara o dizer-se, que ella se tem enlaçado com as primeiras cazas do Reyno. Pouco importara o contar na sua Varonia os Titulos, e

Brazoens de Noronha , Cascaes , Villa Real , Linhares , Bragança , Monfanto , Portalegre , Caminha , Alvito , Povoa de , Abranches , Ilha do Principe , Obidos , Angeja , e Alegrete. Bastaria apontar , que a memoria de taõ esclarecidos Progenitores foi condecorada , em dous de Junho de mil, settecentos, e dous, na Pessoa do Senhor D. Miguel Luiz de Menezes , com o Titulo de Conde de Valladares ; Titulo , de que V. Excellencia , para honra de Portugal , he o quinto, felicissimo, e legitimo successor.

Eu vendo huma profunda veneraçã a taõ illustre Familia : mas deixo esta

lembrança : porque V. Excellencia taõ-
 hem a deixa. Estimando por casuali-
 dade a fortuna do berço , nós o ve-
 mos fundar a mayor nobreza nas ven-
 tagens do seu espirito. Virtuozo , libe-
 ral , sabio , e magnifico , mayor pelos
 merecimentos peſſoaes , do que pelos
 Titulos , que tem , nós vemos ; que
 os Pobres q amaõ , como seu Pay ; os
 Politicos q attendem , como seu Mestre,
 e os Grandes o respeita , õcomo seu Mo-
 dello. Lisboa em fim , e todo a Por-
 tugal publicaçã as suas virtudes.

Quem naõ admira o perfeito zelo,
 com que V. Excellencia busca em todas

às couzas a honra de Deos , a gloria do Rey, e o bem dos vassallos ! Quem não louva aquella generosa piedade , com que edifica os Povos , aquella prudencia illustrada , com que regula as acçoens, e aquella bondade natural, com que se faz universalmente amavel ! A quem não arrebatou o genio vasto , que brilha em V. Excellencia , a penetração viva , e delicada , com que tudo comprehende , e a sciencia dilatada , com que profundou os systemas da moral mais sãa , e da melhor politica ! Estas são as qualidades , que formão o caracter de huma alma grande; e estas

as que distinguem hum Heroe do resto dos mais homens.

O SENHOR D. JOZE , O PRIMEIRO, digno deste nome, e digno de reynar pelos seculos , querendo mostrar a estimaçãõ , que faz de hum Vassallatãõ distincto , confiou de V. Excellencia o governo das Minas Geraes , da minha patria , da Capitania mais importante: pois em fim he a mais rica.

Oh! E quantas lagrimas não a'ropellou V. Excellencia na occasiaõ de deixar a Europa ! Que suspiros não custou a Lisboa a inveja nobre de ver transportar se para o Brazil o objecto mayor das

suas esperanças ! O espaço breve de vinte, e dous annos, que V. Excellencia apenas contava, tinha enchido as gentes de tanta expectação, como pudera fazer recommendaveis os ultimos dias de qualquer Grande. A benevolencia, a piedade, e a inteireza qualificavaõ à preciosa indole de V. Excellencia, não menos no serviço do Rey, que no zelo da Religiaõ.

Ainda, Senbor, ainda se ouvem os suspiros do Hospital; onde V. Excellencia, com o emprego de Mordomo Mór, eternizou a sua virtude. As provas da caridade, que acabou alli de

exercitar; forão tão dignas de admiração, quanto mayores de todo o credito, e proprias só do seu grandioso animo. Eu mesmo, eu mesmo estou vendo ainda o dezordenado tropel de pobres, de doentes, e de afflictos; que forcejavaõ por demorar os passos ao seu Bemfeitor. Qual se desfazia em prantos! Qual com os ays embaraçava a despedida! Qual mostrando as chagas à aquella mão, que as costumava curar, queria com esta lembrança attrahir a compaixão! EV. Excellencia cheyo de bondade, e cheyo de espirito, conzelando a hums, beneficiando a outros;

abraçando a todos , com amor , com zelo , com piedade , despedindo-se , partindo , voltando Que he o que faço ! Insensivelmente cheguei a enternecer o coração do meu Heroe. Bastou huma leve imagem de ternura, para abalar as suas entranhas. Eu cedo já, Senhor , eu cedo. Reserve-se à posteridade o estender o nome de V. Excelencia , e o ecco das suas acçoens. Eu teria huma grande satisfação de ajuntar a minha penna a esta fama.

Felizes os habitadores das Minas!
Felizes os vassallos d'El-Rey Fidelissimo!
Feliz a minha patria, e feliz eu,

Que da prudente conduçta de hũ taõ grande General devemos auspiciar a nós mesmos hum governo suavissimo ! Feliz eu mil vezes ; que devendo a V. Excellencia a honra de consentir , que passem as minhas obras debaixo da sua protecçaõ , tenho a gloria de confessar com o mais profundo respeito , que sou

De V. Excellencia

Subdito obrigadissimo

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

PROLOGO AO LEITOR.



SENA O for muita a tua
 maldade , sempre hasde
 confessar , q̃ algum agrade-
 cimento se deve a hum Engenho, que
 desde os fertoens da Capitania das
 Minas Geraes aspira a brindar-te com
 o pequeno obzequio destas Obras. Co-
 nheço , que só entre as delicias do

**

Pindo se pôdem nutrir aquelles espiritos , que desde o berço se destinaraõ a tratar as Muzas: e talvez nesta certeza imaginou o Poeta desterrado , que as Cycladas do mar Egeo se tinhaõ admirado , de que elle pudesse compor entre os horrores das embravecidas ondas.

Naõ permittio o Ceo , que alguns influxos , que devi ás agoas do Mondego, se prosperassem por muito tempo : e destinado a buscar a Patria, que por espaço de cinco annos havia deixado , aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos pudera eu fa-

zer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia ! Que menos, do que abandonar as fingidas Ninfas destes rios ; e no centro delles adorar a preciozidade daquelles metaes , que tem attrahido a este clima os coraçoes de toda a Europa ! Não são estas as venturozas prayas da Arcadia ; onde o som das agoas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feya a corrente destes ribeiros primeiro , que arrebate as idéas de hum Poeta , deixa ponderar a ambicioza fadiga de minerar a terra ; que lhes tem pervertido as côres.

A desconfortação de não poder estabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima, e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço: mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a mayor paixão. Esta me persuadio a invocar muitas vezes, e a escrever a Fabula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania; que corre, e dava o nome á Cidade Mariana, minha Patria, quando era Villa.

Bem creyo, que te não faltará, q̃ censurar nas minhas Obras, principalmente nas Pastoriz; onde preoccupa

do da commua opiniaõ, te naõ ha de agradar a elegancia , de que saõ ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume , encontrarás alguns lugares , que te darão a conhecer ; como talvez me naõ he estranho o estilo simples ; e que sei avaliar as melhores passagens de Theocrito , Virgilio , Sannazaro , e dos nossos Miranda , Bernardes , Lobo , Camoens , &c. Pude- ra desculpar-me , dizendo ; que o genio me fez propender mais para o sublime : mas temendo , que ainda neste me condemnes o muito uzo das metáforas ; bastará , para te satisfazer ,

o lembrar-te, que a mayor parte de
estas Obras foraõ compostas ou em Co-
imbra, ou pouco depois, nos meus pri-
meiros annos; tempo, em q̃ Portugal
apenas principiava a melhorar de go-
sto nas bellas letras. A liçaõ dos Gre-
gos, Francezes, e Italianos sim me
fizeraõ conhecer a differença sensivel
dos nossos estudos, e dos primeiros
Mestres da Poezia. He infelicidade,
que haja de confessar; que vejo, e
approvo o melhor; mas sigo o con-
trario na execuçaõ. (a)

Contra esta obstinaçaõ não ha ar-
gumento: e sendo empreza difficulto-

za accommodar semelliante genero de
 guaria ao paladar de todos (porque
 uns o tem muito entorpecido, e outros
 demaziadamente delicado) contentar
 me-hey , com que nestas Obras ha-
 ja alguma couza, que te agrade; ain-
 daque huma grande parte te desgoste.
 A experiencia do contrario me fará
 condemnar o teu genio, ou de indif-
 creto, se tudo approvas, ou de inve-
 jozo, se nada louvas. (b)

(a) *Video meliora, probo que;*

Deteriora sequor. Ovid.

(b) *Qui legis ista, tuam reprehendo, si mea laudas
 Omnia, stultitiam, si nihil, invidiam.*

Owen. L. 1. Ep. 3.

AD LECTOREM:

Epigr.

*Ipse sibi plaudat Naso, plaudi que peroptet ;
Dum videt in formas corpora versa novae !
Exige, fronde virens cingat tua tempora laurus,
Dum blandis resonas, culte Tibulle, modis :
Maonides longum, longum sibi spondeat ævum ;
Qui cecinit segetes, Arma, virumque, Maro ;
Non eadem nobis repetuntur munera, Lector ;
Cum tibi sint gratius, præmia digna ferant ;*



SONETOS.

SONETO I.

P ara cantar de Amor terros cuidados ,
 Tomo entre vós, ò montes, o instrumento;
 Ouvi pois o meu funebre lamento ;
 Se he , que de compaixão sois animados:
J á vós vistes , que aos eccos magoados
 Do Thracio Orfêo parava o mesmo vento ;
 Da lira de Anfião ao doce accento
 Se viraõ os rochedos abalados.
B em sei , que de outros Genios o destino ,
 Para cingir de Apollo a verde rama ,
 Lhes influio na lira estro divino ;
O canto pois , que a minha voz derrama ,
 Porque ao menos o entõa hum Peregrino ;
 Se faz digno entre vós tambem de fama.

A

II.

L Ea a posteridade , ò patrio Rio ;
 Em meus versos teu nome celebrado ;
 Porque vejas huma hora despertado
 O somno vil do esquecimento frio :
 Não vês nas tuas margens o sombrio ,
 Fresco assento de hum álamo copado ;
 Não vês Ninfa cantar , pastar o gado
 Na tarde clara do calmozo estio.
Turvo banhando as pallidas arêas
 Nas porçoens do riquissimo thezouro
 O vasto campo da ambição recreás.
Que de seus rayos o Planeta louro ,
 Enriqecendo o influxo em tuas vêas ,
 Quanto em chamas fecunda , brota em ouro

III.

P Astores , que levais ao monte o gado ,
 Vede lá como andais por essa terra ,
 Que para dar contagio a toda a terra ,
 Basta ver-se o meu rosto magoado :
Eu ando (vós me vedes) taõ pezado ;
 E a Pastora infiel , que me faz guerra ;
 He a mesma , que em seu semblante encerra
 A causa de hum martirio taõ cansado.
Se a quereis conhecer , vinde cõmigo ,
 Vereis a formozura , que eu adoro ;
 Mas não ; tanto não sou vosso inimigo :
Deixay , não a vejas ; eu vo lo imploro ;
 Que se se seguir quizerdes , o que eu sigo ;
Chorareis , ò Pastores , o que eu choro.

SONETOS.

IV.

Sou Pastor ; não te nego ; os meus montados
 São effes , que ahí vês ; vivo contente
 Ao trazer entre a relva florecente
 A doce companhia dos meus gados ;
 Alli me ouvem os troncos namorados ;
 Em que se transformou a antiga gente ;
 Qualquer delles o seu esfrago sente ;
 Como eu sinto também os meus cuidados :
 Vós , ó troncos , (lhes digo) que algum dia
 Firmes vos contemplastes ; e seguros
 Nos braços de huma bella companhia ;
 Consolai-vos cômigo , ó troncos duros ;
 Que eu alegre algum tempo assim me via ;
 E hoje os tratos de Amor choro perjuros

V.

Se sou pobre Pastor , se não governo (tes ;
 Reynos,naçoens,provincias,mundo,e gen-
 Se em frio , calma , e chuvas inclementes
 Passo o veraõ , outono , estio , inverno ;
 Nem por isso trocára o abrigo terno
 Desta chossa, em que vivo, co' as enchentes
 Dessa grande fortuna : affaz presentes
 Tenho as paixoens desse tormento eterno.
 Adorar as traçoens , amar o engano ,
 Ouvir dos lastimozos o gemido ,
 Passar afflicto o dia , o mez , e o anno ;
 Seja embora prazer ; que a meu ouvido
 São melhor a voz do dezengano ,
 Que da torpe lizonja o infame ruido

SONETOS.

VI.

B Randas ribeiras, quanto estou contente
 De ver-vos outra vez, se isto he verdade!
 Quanto me alegra ouvir a suavidade,
 Com que Filis entôa a voz cadente!
 Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,
 Tudo me está cauçando novidade:
 Oh como he certo, que a cruel saudade
 Fâz tudo, do que foi, mui differente!
 Recêbei (eu vos peço) hum desgraçado,
 Que andou thê agora por incerto giro
 Correndo sempre atrás do seu cuidado:
 Este pranto, estes ays, com que respiro,
 Podendo commover o vosso agrado,
 Façaõ digno de vós o meu suspiro.

VII.

O Nde estou! Este sitio desconhêço:
 Quem fez taõ differente aquelle prado!
 Tudo outra natureza tem tomado;
 E em contemplallo timido esmoreço.
 Huma fonte aqui houve; eu não me esqueço
 De estar a ella hum dia reclinado:
 Alli em valle hum monte está mudado:
 Quanto pôde dos annos o progresso!
 Arvores aqui vi taõ florescentes,
 Que faziaõ perpetua a primavera:
 Nem troncos vejo agora decadentes.
 Eu me engano: a regiaõ esta não era:
 Mas que venho a estranhar, se estão presentes
 Meus males, com que tudo degenera!

VIII.

E Ste he o rio , a montanha he esta ,
 Estes os troncos , estes os rochedos ;
 São estes inda os mesmos arvoredos ;
 Esta he a mesma rustica floresta.
 Tudo cheyo de horror se manifesta ,
 Rio , montanha , troncos , e penedos ;
 Que de amor nos suavissimos enredos
 Foi Scena alegre , e urna he já funesta.
 Oh quam lembrado estou de haver subido
 Aquelle monte , e as vezes , que baixandô
 Deixei do pranto o valle humedecido !
 Tudo me está a memoria retratando ;
 Que da mesma saudade o infame ruido
 Vem as mortas especies despertando.

IX.

P Ouço importa , formoza Daliana ,
 Que fugindo de ouvir-me , ofuzo tomes ;
 Se quanto mais me affliges , e consomes ,
 Tanto te adoro mais , bella Serrana.
 Ou já fujas do abrigo da cabana ,
 Ou sobre os altos montes mais te assomes ,
 Faremos immortaes os nossos nomes ,
 Eu por ser firme , tu por ser tyranna.
 Hum obzequio , que foi de amor rendido ,
 Bem pôde ser , Pastora , desprezado ;
 Mas nunca se verá desvanescido :
 Sim , que para lizonja do cuidado ,
 Testemunhas seraõ de meu gemido
 Este monte , este valle , aquelle prado.

X.

E U ponho esta sanfona , tu , Palemo ;
 Porás a ovelha branca , e o cajado ;
 E ambos ao som da flauta magoado
 Podemos competir de extremo a extremo.
 Principia, Pastor ; que eu te não temo ;
 Inda que sejas tão avantejado
 No cantico Amabêo : para louvado
 Escolhamos embora o velho Alcemo,
 Que esperas ? toma a flauta , principia ;
 Eu quero acompanhar-te ; os horizontes
 Já se enchem de prazer , e de alegria :
 Parece , que estes prados , e estas fontes
 Já sabem , que he o assumpto da porfia
 Nize , a melhor Pastora destes montes.

XI.

F Ormoza he Daliana ; o seu cabelo ;
 A testa , a sobrançelha he peregrina ;
 Mas nada tem , que ver co' a bella Eulina ,
 Que he todo o meu amor , o meu desvelo ;
 Parece escura a neve em parallelo
 Da sua branca face ; onde a bonina
 As cores misturou na côr mais fina ,
 Que faz sobre sahir seu rosto bello.
 Tanto os seus lindos olhos enamoraõ ,
 Que arrebatados , como em doce encanto ,
 Os que a chegaõ a ver , todos a adoraõ.
 Se alguem disser , que a engrandeço tanto
 Veja , para desculpa dos que choraõ ,
 Veja a Eulina ; e entaõ suspenda o pranto.

XII.

F Atigado da calma se acolhia
 Junto o rebanho à sombra dos salgueiros ;
 E o Sol , queimando os asperos oiteiros ,
 Com violencia maior no campo ardia.
 Suffocava-se o vento , que gemia
 Entre o verde matiz dos foveiros ;
 E tanto ao gado , como aos Pegureiros
 Desmayava o calor do intenso dia.
 Nesta ardente estação , de fino amante
 Dando mostras Dalizo , atravessava
 O campo todo em busca de Violante.
 Seu descuido em seu fogo desculpava ;
 Que mal seria o Sol tão penetrante ,
 Onde maior incendio a alma abrazava.

XIII.

N Ize ? Nize ? onde estás ? Aonde espera
 Achar-te humma alma , que por ti suspira ;
 Se quanto a vista se dilata , e gira ,
 Tanto mais de encontrar-te dezespera !
 Ah se ao menos teu nome ouvir pudéra
 Entre esta aura suave , que respira !
 Nize , cuido , que diz ; mas he mentira.
 Nize , cuidei que ouvia ; e tal não era.
 Grutas, troncos, penhascos da espessura, (conde,
 Se o meu bem , se a minha alma em vós se es-
 Mostray, mostray-me a sua formozura.
 Nem ao menos o ecco me responde !
 Ah como he certa a minha desventura !
 Nize ? Nize ? onde estás ? aonde ? aonde ?

XIV.

Quem deixa o trato pastoril , amado
 Pela ingrata , civil correspondencia ;
 Ou desconhece o rosto da violencia ,
 Ou do retiro a paz não tem provado.
 Que bem he ver nos campos trasladado
 No genio do Pastor , o da innocencia !
 E que mal he no trato , e na apparencia
 Ver sempre o cortezaõ dissimulado !
 Alli respira Amor sinceridade ;
 Aqui sempre a traiçaõ seu rosto encobre ;
 Hum só trata a mentira , outro a verdade.
 Alli não ha fortuna , que soçobre ;
 Aqui quanto se observa , he variedade :
 Oh ventura do rico ! Oh bem do pobre !

XV.

Formozo , e manso gado , que pascendo
 A relva andais por entre o verde prado ,
 Venturozo rebanho , feliz gado ,
 Que à bella Antandra estais obedecendo ;
 Já de Corino os eccos percebendo
 A frente levantai , ouvis parado ;
 Ou já de Alcino ao canto levantado
 Pouco , e pouco vos ides recolhendo ;
 Eu o mizero Alfeo , que em meu destino
 Lamento as semraçoens da desventura ,
 A seguir-vos tambem hoje me inclino :
 Medi meu rosto : ouvi minha ternura ;
 Porque o aspecto , e voz de hum Peregrino
 Sempre faz novidade na espessura.

SONETOS:

XVI.

T Oda a mortal fadiga adormecia
 No silencio, que a noite convidava;
 Nada o somno suavissimo alterava
 Na muda confuzão da sombra fria:
 Só Fido, que de Amor por Lize ardia,
 No socego maior não repouzava;
 Sentindo o mal, com lagrimas culpava
 A sorte; porque della se partia.
 Vê Fido, que o seu bem lhe nega a sorte;
 Querer enternecella he inutil arte;
 Fazer o que ella quer, he rigor forte:
 Mas de modo entre as penas se reparte;
 Que à Lize rende a alma, a vida à morte:
 Porque huma parte alente a outra parte.

XVII.

D Eixa, que por hum pouco aquelle monte
 Escute a gloria, que a meu peito assiste;
 Porque nem sempre lastimozo, e triste
 Hey de chorar à margem desta fonte.
 Agora, que nem sombra há no horizonte,
 Nem o alamo ao Zephyro reziste,
 Aquella hora ditoza, em que me yiste
 Na posse de meu bem, deixa, que conte.
 Mas que modo, que accento, que harmonia
 Bastante pôde ser, gentil Pastora,
 Para explicar affectos de alegria!
 Que hey de dizer, se esta alma, que te adora,
 Só costumada às vozes da agonía,
 A fraze do prazer ainda ignora!

XVIII.

A Quella cinta azul , que o Ceo estende
 A' nossa mão esquerda , aquelle grito ;
 Com que está toda a noite o corvo afflicto
 Dizendo hum não sey que, que não se entende
 Levantar-me de hum sonho , quando attende
 O meu ouvido hum mizero conflicto ,
 A tempo , que o voraz , lobo maldito
 A minha ovelha mais mimoza offende ;
 Encontrar a dormir tão preguiçozo
 Melampo , o meu fiel , que na manada
 Sempre desperto está , sempre anciozo ;
 Ah ! queira Deos , que minta a sorte irada ;
 Mas de tão triste agouro cuidadozo
 Só me lembro de Nize , e de mais nada ,

XIX.

C Orino , vay buscar aquella ovelha ,
 Que grita lá no campo , e dormio fóra ;
 Anda ; acorda , Pastor ; que sahe a Aurora ;
 Como vem tão rizonha , e tão vermelha !
 Já perdi n'outro tempo huma parelha
 Por teu respeito ; queira Deos , que agora
 Não se me vá tambem est'outra embora ;
 Pois não queres ouvir , quem te aconselha,
 Que somno será este tão pezado !
 Nada responde , nada diz Corino :
 Ora em que mãos está meu pobre gado !
 Mas ay de mim ! que cego de zatino.
 Como te hey de accuzar de descuidado
 Se toda a culpa tua he me u destino !

SONETOS.

11

XX.

A Y de mim ! como estou tão descuidado !
 Como do meu rebanho assim me esqueço,
 Que vendo-o trasmalhar no mato espesso,
 Em lugar de o tornar, fico pasmado !
 Ouço o rumor, que faz dezaforado
 O lobo nos redis; ouço o successo
 Da ovelha, do Pastor; e desconheço
 Não menos, do que ao dono, o mesmo gado:
 Da fonte dos meus olhos nunca enxuta
 A corrente fatal, fico indecizo,
 Ao ver, quanto em meu damno se executa.
 Hum pouco apenas meu pezar suavizo,
 Quando nas ferras o meu mal se escuta;
 Que triste allivio ! ah infeliz Dalizo !

XXI.

D E hum ramo desta Faya pendurado
 Vejo o instrumento estar do Pastor Fido;
 D'aquelle, que entre os mais era applaudido,
 Se alguma vez nas selvas escutado.
 Ser-lhe-há eternamente consagrado
 Hum ay saudozo, hum funebre gemido;
 Em quanto for no monte repetido
 O seu nome, o seu canto levantado.
 Se chegas a este sitio, e te persuade
 A' algum pezar a sua desventura,
 Corresponde em affectos de piedade;
 Lembre-te, caminhante, da ternura
 De seu canto suave; e huma saudade
 Por obzequio dedica à sepultura.

XXII

N Este álamo sombrio , aonde a escura
 Noite produz a imagem do segredo ;
 Em que apenas distingue o proprio medo
 Do feyo assombro a horrida figura ;
 Aqui , onde não geme , nem murmura
 Zefyro brando em funebre arvoredos ,
 Sentado sobre o tosco de hum penedo
 Chorava Fido a sua desventura.
 A's lagrimas a penha enternecida
 Hum rio fecundou , donde manava
 D' ancia mortal a copia derretida :
 A natureza em ambos se mudava ;
 Abalava-se a penha commovida ;
 Fido , estatua da dor , se congelava.

XXIII.

T U sonora corrente , fonte pura ,
 Testemunha fiel da minha pena ,
 Sabe , que a sempre dura , e ingrata Almen
 Contra o meu rendimento se conjura :
 Aqui me manda estar nesta espessura ,
 Ouvindo a triste voz da Filomena ,
 E bem que este martirio hoje me ordena ,
 Já mais espero ter melhor ventura.
 Veyo a dar-me sómente huma esperança
 Nova idéa do odio ; pois sabia ,
 Que o rigor não me assusta , nem me cansa
 Vendo a tanto crescer minha porfia ,
 Quiz mudar de tormento ; e por vingança
 Foi buscar no favor a tyrannia.

XXIV.

Sonha em torrentes d'agoa , o que abrazado
 Na sede ardente está ; sonha em riqueza
 Aquelle , que no horror de huma pobreza
 Anda sempre infeliz , sempre vexado :
 fim na agitação de meu cuidado
 De hum continuo delirio desta alma preza ;
 Quando he tudo rigor , tudo aspereza ,
 Me finjo no prazer de hum doce estado.
 o despertar a louca fantazia
 Do enfermo , do mendigo , se descobre
 Do torpe engano seu a imagem fria :
 ue importa pois , que a idea allivios cobre ;
 Se á pezar desta ingrata aleivozia ,
 Quanto mais rico estou , estou mais pobre.

XXV.

Não de Tigres as testas descarnadas ,
 Não de Hyrcanos leoens a pelle dura ;
 Por sacrificio à tua formozura ,
 Aqui te deixo , ò Lize , penduradas :
 ncias ardentes , lagrimas cansadas ,
 Com que meu rosto em fim se desfigura ;
 São , bella Ninfa , a victima mais pura ,
 Que as tuas aras guardarão sagradas.
 stro as flores , e fructos , que te envia ,
 Corte nos montes , corte nas florestas ;
 Que eu rendo as magoas , que por ti sentia :
 as entre flores , fructos , pelles , testas ,
 Para adornar o altar da tyrannia ,
 Que outra victima queres mais , do que estas

XXVI.

Não ves, Nize, este vento dezabrido; (esta
 Que arranca os duros troncos? Não ve
 Que vem cobrindo o Ceo, sombra funesta,
 Entre o horror de hum relampago incendiado!
 Não ves a cada instante o ar partido
 Dessas linhas de fogo? Tudo cresta,
 Tudo consome, tudo arraza, e infesta
 Orayo a cada instante despedido.
 Ah! não temas o estrago, que ameaça
 A tormenta fatal; que o Ceo destina
 Vejas mais fêa, mais cruel desgraça:
 Rasga o meu peito, já que es tão ferina;
 Verás a tempestade, que em mim passa;
 Conhecerás entãõ, o que he ruina.

XXVII.

A Pressa-se a tocar o caminhante
 O pouzo, que lhe marca a luz do dia;
 E da sua esperança se confia,
 Que chegue a entrar no porto o navegante;
 Nem aquelle sem termo passa avante
 Na longa, duvidosa, e incerta via;
 Nem este atravessando a região fria
 Vay levando sem rumo o curso errante:
 Depois que hum breve tempo houver passado;
 Hum se verá sobre a segura arêa,
 Chegará o outro ao sitio dezejado:
 Eu só, tendo de penas a alma chêa,
 Não tenho, que esperar; que o meu cuidado
 Faz, que gire sem norte a minha idéa.

SONETOS.
XXVIII.

13

F Az a imaginação de hum bem amado ;
Que nelle se transforme o peito amante ;
Daqui vem , que a minha alma delirante
Se não distingue já do meu cuidado.
Nesta doce loucura arrebatado
Anarda cuidoo ver , bem que distante ;
Mas ao passo , que a busco , neste instante
Me vejo no meu mal deenganado.
'ois se Anarda em mim vive , e eu nella vivo ;
E por força da idéa me converto
Na bella cauza de meu fogo activo ;
Como nas tristes lagrimas , que verto ,
Ao querer contrastar seu genio esquivo ;
Taõ longe della estou , e estou taõ perto ;

XXIX.

A Y Nize amada ! se este meu tormento ;
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito , lá nos teus ouvidos
Achar pudeffem brando acolhimento ;
Como alegre em servir-te , como attentô.
Meus votos tributára agradecidos !
Por seculos de males bem sofridos
Trocára todo o meu contentamento.
Mas se na incontrastavel , pedra dura
De teu rigor não há correspondencia ;
Para os doces affectos de ternura ;
Nesse de meus suspiros a vehemencia ;
Que he fazer mais soberba a formozura
Adorar o rigor da rezistencia.

XXX.

N Aõ se passa , meu bem , na noite , e dia
 Huma hora só , que a mizera lembrança
 Te não tenha presente na mudança ,
 Que fez , para meu mal , minha alegria.
Mil imagens debuxa a fantazia , (fa
 Com que mais me atormenta , e mais me can-
 Pois se tão longe estou de hũa esperança ,
 Que allivio pôde dar-me esta porfia !
Tyranno foi commigo o fado ingrato ;
 Que crendo , em te roubar , pouca victoria ,
 Me deixou para sempre o teu retrato :
Eu me alegrara da passada gloria ,
 Se quando me faltou teu doce trato ,
 Me faltára tambem delle a memoria.

XXXI.

E Stes os olhos são da minha amada :
 Que bellos , que gentis , e que formozos !
 Não são para os mortaes tão preciozos
 Os doces fructos da estação dourada.
Por elles a alegria derramada ,
 Tornaõ-se os campos de prazer gostozos ;
 Em Zephyros suaves , e mimozos
 Toda esta regiaõ se vê banhada ;
Vinde , olhos bellos , vinde ; e em fim trazendo
 Do rosto de meu bem as prendas bellas ,
 Day allivios ao mal , que estou gemendo :
Mas ah delirio meu , que me atropellas !
 Os olhos , que eu cuidey , que estava vendo ,
 Eraõ (quem crêra tal !) duas estrellas.

XXXII.

S E os poucos dias , que vivi contente ,
 Fôraõ bastantes para o meu cuidado ,
 Que pôde vir a hum pobre desgraçado ,
 Que a idéa de seu mal naõ accrescente !
 Aquelle mesmo bem , que me consente ,
 Talvez propicio , meu tyranno fado ,
 Esse mesmo me diz , que o meu estado
 Se ha de mudar em outro differente .
 Leve pois a fortuna os seus favores ;
 Eu os desprezo já ; porque he loucura
 Comprar a tanto preço as minhas dores :
 Se quer , que me naõ queixe , a sorte escura ,
 Ou saiba ser mais firme nos rigores ,
 Ou saiba ser constante na brandura .

XXXIII.

A Qui sobre esta pedra , aspera , e dura ,
 Teu nome heide estampar , o Francéliza ,
 A vér , se o bruto marmore eterniza
 A tua ; mais que ingrata , formozura .
 Já scintillaõ teus olhos : a figura
 Avultando já vay ; quanto indeciza
 Pasmou na effigie a idéa , se diviza
 No engraçado relêvo da escultura .
 Teu rosto aquí se mostra ; eu naõ duvido ;
 Accuzes meu delirio , quando trato
 De deixar nesta pedra o vulto erguido ;
 He tosca a prata , o ouro he menos grato ;
 Contemplo o teu rigor : oh que adveuido !
 Só me dá esta penha o teu retrato !

SONETOS:
XXXIV.

Que feliz fôra o mundo, se perdida
A lembrança de Amor, de Amor a gloria;
Igualmente dos gostos a memoria
Ficasse para sempre consumida!
Mas a pena mais triste, e mais crescida
He vêr, que em nenhum tempo he tranzitoria
Esta de Amor fantástica victoria,
Que sempre na lembrança he repetida.
Amantes, os que ardeis nesse cuidado,
Fugi de Amor ao venenozo intento,
Que lá para o depois vos tem guardado.
Não vos engane o infiel contentamento;
Que esse presente bem, quando passado,
Sobrará para idéa do tormento.

XXXV.

A Quelle, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Ceo ninguem consente, que prezuma,
Que possa dominar seu duro fado.
Por mais, que gire o espirito cançado
A traz de algum prazer, por mais em summa;
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.
Não basta algum valor, arte, ou engenho
A suspender o ardor, com que se move
A infauſta roda do fatal despenho:
E bem que o peito humano as forças prove,
Que hade fazer o temerario empenho,
Onde o rayo he do Ceo, a mão de Jove!

SONETOS.
XXXVI.

19

E Stes braços , Amor , com quanta gloria
Foraõ throno feliz da formozura !
Mas este coração com que ternura
Hoje chora infeliz esta memoria !
Quanto vês , he trofeo de huma victoria ,
Que o destino em seu templo dependura :
De huma dor esta estampa he só figura ,
Na fé occulta , nõ pezar notõria.
Saiba o mundo de teu funesto enredo ;
Porque desde hoje hum coração amante
De adorar teus altares tenha medo :
Mas que emprendo , se ao passo , que constante
Vou a romper a fé do meu segredo ,
Nãõ há , quem acredite hum delirante !

XXXVII.

C Ontinuaemente estou imaginando ;
Se esta vida , que logro , tão pezada
Hade ser sempre afflicta , e magoada ,
Se com o tempo em fim se hade ir mudando ;
Em golfos de esperanza fluctuando
Mil vezes busco a praya dezesada ;
E a tormenta outra vez nãõ esperada
Ao pelago infeliz me vay levando.
Tenho já o meu mal tão descuberto ,
Que eu mesmo busco a minha desventura ;
Pois nãõ pôde ser mais seu desconcerto.
Que me pôde fazer a sorte dura ,
Se para nãõ sentir seu golpe incerto ,
Tudo o que foi paixãõ , he já loucura !

SONETOS:
XXXVIII.

Quando, formosa Nize, dividido
De teus olhos estou nesta distancia,
Pinta a saudade, à força de minha ancia,
Toda a memoria do prazer perdido.
Lamenta o pensamento amortecido
A tua ingrata, perfida inconstancia;
E quanto observa, he só a vil jactancia
Do fado, que os troféos tem conseguido.
Aonde a dita está? aonde o gosto?
Onde o contentamento? onde a alegria,
Que fecundava esse teu lindo rosto?
Tudo deixei, ò Nize, aquelle dia,
Em que deixando tudo, o meu desgosto
Sómente me seguiu por companhia.

XXXIX.

BReves horas, Amor, há, que eu gozava
A gloria, que minha alma appetecia;
E sem desconfiar da aleivozia,
Teu lizonjeiro obzequio acreditava.
Eu só à minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me efferecia;
O maior gosto, o maior bem lograva;
Fugio, faltou-me o bem: já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê se a ruina ao dezengano exposta:
Que ligeira acabou, que mal segura!
Mas que venho a estranhar, se estava posta
Minha esperança em ma õs da formozura!

XL.

Quem chora auzente aquella formozura ;
 Em que feu maior gosto depoziata ,
 Que bem pôde gozar , que sorte , ou dita ;
 Que não seja funesta , triste , e escura !
A apagar os incendios da loucura
 Nos braços da esperança Amor me incita :
 Mas se era a que perdi , gloria infinita ,
 Outra igual que esperança me assegura !
Já de tanto delirio me despeço ;
 Porque o meu precipicio encarnilhado
 Pela mão deste engano reconheço.
Triste ! A quanto chegou meu duro fado !
 Se de hum fingido bem não faço apreço ;
 Que alliyio posso dar a meu cuidado !

XLI.

Injusto Amor , se de teu jugo izento
 Eu vira respirar a liberdade ,
 Se eu pudesse da tua Divindade
 Cantar hum dia alegre o vencimento ;
Não lograras , Amor , que o meu tormento ;
 Victima ardesse a tanta crueldade ;
 Nem se cobrira o campo da vaidade
 Desses troféos , que paga o rendimento :
Mas se fugir não pude ao golpe activo ,
 Buscando por meu gosto tanto estrago ,
 Porque te encontro , Amor , tão vingativo ?
Se hum tal despojo a teus altares trago ,
 Siga a quem te despreza , o rayo esquivo ;
 Alente a quem te busca , o doce affago ,

XLII.

M Orfeo doces cadêas estendia ; (cava;
 Com que os cançados membros me enla-
 E quanto mal o coração passava ,
 Em sonhos me debuxa a fantazia.

Lize presente vi , Lize , que hum dia
 Todo o meu pensamento arrebatava ,
 Lize , que na minha alma impressa estava ;
 Bem a pezar da sua tyrannia.

Corro a prendêlla em amorozos laços
 Buscando a sombra , que apertar intento ;
 Nada vejo (ay de mim !) perco os meus passos
 Então mais acredito o fingimento :
 Que ao vêr , que Lize foge de meus braços ,
 A crê pelo costume o pensamento.

XLIII.

Q Uem es tu? (ay de mim!) eu reclinado
 No feyo de huma vibora ! Ah tyranna!
 Como entre as garras de huma Tigre Hyrcana
 Me encontro de repente suffocado !

Naõ era essa , que eu tinha posta ao lado ,
 Da minha Nize a' imagem soberana ?
 Naõ era . . ? mas que digo ! ella me engana ;
 Sim , que eu a vejo inda no mesmo estado :

Pois como no letargo a fantazia
 Taõ cruel mã pintou , taõ inconstante ,
 Que a vi . . ? mas nada vi ; que eu nada cria
 Foi sonho ; foi quimera ; a hum peito amante
 Amor naõ deo favores hum só dia , (brante
 Que a sombra de hum tormento os naõ que-

XLIV.

HA' quem confie, Amor, na segurança
 De hum falsissimo bem, com que dou-
 O veneno mortal, vais enganando (rando
 Os tristes coraçoes n'hum esperança!
Há quem ponha inda cego a confiança
 Em teu fingido obzequio, que tomando
 Liçoens do dezenqano, não vá dando
 Pelo mundo certeza da mudança!
Há quem crêa, que pôde haver firmeza
 Em peito femenil. quem advertido
 Os cultos não profane da belleza!
Há inda, e hade haver, eu não duvido;
 Em quanto não mudar a Natureza
 Em Nize a formozura, o amor em Fido.

XLV.

ACada instante, Amor, a cada instante
 No duvidozo mar de meu cuidado
 Sinto de novo hum mal, e desmayado
 Entrego aos ventos a esperança errante.
Por entre a sombra funebre, é distante
 Rompe o vulto do allivio mal formado;
 Ora mais claramente debuxado,
 Ora mais fragil, ora mais constante.
Corre o dezejo ao vello descuberto;
 Logo aos olhos mais longe se affigura;
 O que se imaginaya muito perto.
Faz-se parcial da dita a desventura;
 Porque nem permanece o damno certo,
 Nem a gloria tão pouco está segura.

SONETOS.
XLVI.

N Aõ vês, Lize, brincar esse menino
Com aquella avezinha? Estende o braço
Deixa a fugir; mas apertando o laço,
A condemna outra vez ao seu destino?
Nessa mesma figura, eu imagino,
Têns minha liberdade; pois ao passo,
Quê cuido, que estou livre do embaraço;
Então me prende mais meu dezatino.
Em hum continuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento;
Mas fôra menos mal esta ancia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

XLVII.

Q ue inflexivel se mostra, que constante
Se vê este penhasco! já ferido
Do procellozo vento, e já batido
Do mar, que nelle quebra a cada instante!
Não vi; nem heide vêr mais semelhante
Retrato dessa ingrata, a que o gemido
Já mais pôde fazer, que enternecido
Seu peito attenda as queixas de hum amante.
Tal es, ingrata Nize; a rebeldia,
Que vês nesse penhasco, essa dureza
Hade ceder aos golpes algum dia:
Mas que diversa he tua natureza!
Dôs continuos excessos da porfia,
Recobras novo estímulo á fereza.

SONETOS.
XLVIII.

25

T Raidoras horas do enganozo gosto ,
Que nunca imaginei , que o possuia ,
Que ligeiras passastes ! mal podia
Deixar aquelle bem de ser supposto.
Já de parte o tormento estava posto ;
E meu peito saudozo , que isto via ,
As imagens da pena desmentia ,
Pintando da ventura alegre o rosto.
Dezanda então a fabrica elevada ,
Que o placido Morfêo tinha erigido ;
Das especies do somno fabricada :
Então he , que desperta o meu sentido ,
Para observar na pompa destrozada ,
Verdadeira a ruina , o bem fingido .

XLIX

O S olhos tendo posto , e o pensamento
No rumo , que demanda , mais distante ;
As ondas bate o Grego navegante ,
Entregue o leme ao mar , a vela ao vento ;
Em vão se esforça o harmoniozo accento
Da Serêa , que habita o golfo errante ;
Que rezistindo o espirito constante ,
Vence as lizonjas do enganozo intento.
Se pois , Ninfas gentis , rompe a Cupido
O arco , a flexa , o dardo , a chama acceza
De hum peito entre os Heroes esclarecido ;
Que vem buscar commigo a nescia empreza ,
Se inda mais , do que Ulisses atrevido ,
Sej vencer os encantos da belleza !

L.

M Emorias do presente , e do passado (cc)
 Fazem guerra cruel dentro em meu pe
 E bem que ao sofrimento ando já feito ,
 Mais que nunca desperta hoje o cuidado ;
 Que differente , que diverso estado
 He este , em que sómente o triste effeito
 Da pena , a que meu mal me tem sujeito ;
 Me acompanha entre afflicto , e magoado ?
 Tristes lembranças ! e que em vaõ componho
 A memoria da vossa sombra escura !
 Que nescio em vós a ponderar me ponho !
 Ide-vos ; que em taõ mizera loucura
 Todo o passado bem tenho por sonho ;
 Só he certa a presente desventura .

LI.

A Deos, Idolo bello , adeos, querido ,
 Ingrato bem ; adeos : em paz te fica ;
 E essa victoria mizera publica ,
 Que tens barbaramente conseguido ,
 Eu parto , eu figo o norte aborrecido
 De meu fado infeliz : agora rica
 De despojos , a teu desdem applica
 O rouco accento de hum mortal gemido ,
 E se acazo alguma hora menos dura
 Lembrando-te de hum triste , consultares
 A serie vil da sua desventura ;
 Na immensa confuzaõ de seus pezares
 Acharás , que ardeo simplez , ardeo pura
 A victima de huma alma em teus altares .

LII.

Que molesta lembrança , que cançada
 Fadiga he esta ! vejo-me opprimido ,
 Medindo pela magoa do perdido
 A grandeza da gloria já passada.
 Foi grande a dita sim ; porém lembrada ,
 Inda a pena he maior de a haver perdido ;
 Quem não fôra feliz , se o haver sido
 Faz , que seja a paixão mais avultada !
 Propicio imaginei (he bem verdade)
 O malevolo fado : oh quem pudéra
 Conhecer logo a hypocrista piedade !
 Mas que em vão esta dôr me desespera ,
 Se já entorpecida a enfermidade ,
 Inda agora o remedio se pondéra !

LIII.

Ou já sobre o cajado te reclines,
 Venturozo Pastor , ou já tomando
 Para a ferra , onde as cabras vais chamando ;
 A fugir os meus ays te determines.
 Lá te quero seguir , onde examines
 Mais vivamente hum coração tão brando ;
 Que gosta só de ouvir-te , ainda quando
 Mais sem razão me accuzes , mais crimines.
 Que te fiz eu , Pastor ? em que condemnas
 Minha sincéra fé , meu amor puro ?
 As provas , que te dei , serão pequenas ?
 Queres vêr , que esse monte aspero , e duro
 Sabe , que és cauza tu das minhas penas ?
 Pergunta-lhe ; ouvirás , o que te juro .

LIV.

N Infas gentis , eu sou , o que abrazado (o)
 Nos incendios de Amor, pude alguma ho
 Ao som da minha cithara sonora ,
 Deixar o vosso imperio acreditado.
Se vós , glorias de Amor , de Amor cuidado ,
 Ninfas gentis , a quem o mundo adora ,
 Não ouvis os suspiros , de quem chora ,
 Ficai-vos ; eu me vou ; ligo o meu fado.
 Ficai-vos ; e sabei , que o pensamento
 Vay tão livre de vós , que da saudade
 Não recêa abrazar-se no tormento.
Sim ; que solta dos laços a vontade ,
 Pelo rio heide ter do esquecimento
 Este, aonde já mais achei piedade.

LV.

EM profundo silencio já descança
 Todo o mortal ; e a minha triste idéa
 Se estende , se dilata , se recêa
 Pelo espaçozo campo da lembrança.
Fatiga-se , profegue , em vão se cança ;
 E neste vario giro , em que se enlêa ,
 Ao duvidozo passo já recêa ,
 Que lhe possa faltar a segurança.
Que differente tudo está notando !
 Que perplexo as imagens do perdido
 N'hum , e n'outro desp'ôjo vem achando !
Este não he o templo (eu o duvido)
 Assim o affirma , ássim o está mostrando ;
 Ou morreo Nize , ou este não he Fido.

LVI.

TU, Ninfa, quando eu me nos penetrado
 Das violencias de Amor vivia izento,
 Propondo-te entao bella a meu tormento,
 Foste doce occasiao de meu cuidado.
 Dousaste o meu socêgo, hum doce agrado,
 Hum gesto lindo, hum brando acolhimento
 Foraõ lómente o unico instrumento,
 Com què deixaste o triunfo assegurado.
 Não espero ter felicidade,
 Salvo se for aquella, que confio,
 Por amar-te, a pezar dessa impiedade:
 Em premio dos suspiros, que te envio,
 Ou modera o rigor da crueldade,
 Ou torna-me outra vez meu alvedrio.

LVII.

Ella imagem, emprêgo idolatrado,
 Que sempre na memoria repetido,
 Estás, doce occasiao de meu gemido,
 Assegurando a fé de meu cuidado.
 Em-te a minha saudade retratado;
 Não para dar allivio a meu sentido;
 Antes cuido; que a magoa do perdido
 Quer augmentar co' a pena de lembrado.
 Não julgues, que me alento com trazer-te
 Sempre viva na idéa; que a vingança
 De minha sorte todo o bem perverte.
 Que allivio em te lembrar minha alma alcança
 Se do mesmo tormento de não vêr-te,
 Se forma o dezafoço da lembrança.

LVIII.

Altas ferras, que ao Ceo estais servindo,
 De muralhas, que o tempo não profana
 Se Gigantes não fois, que a forma humana
 Em duras penhas foraõ confundindo;
Já sobre o vosso cume se está rindo
 O Monarca da luz, que esta alma engana;
 Pois na face, que ostenta, soberana,
 O rosto de meu bem me vay fingindo.
Que alegre, que mimozzo, que brilhante
 Elle se me affigura! Ah qual effeito
 Em minha alma se sente neste instante!
Mas ay! a que delirios me sujeito!
 Se quando no Sol vejo o seu semblante,
 Em vós descubro ò penhas o seu peito?

LIX

Lembrado estou, ò penhas, que alguma dia
 Na muda solidaõ deste arvoredõ,
 Communiquei com vosco o meu segredo,
 E a penas brando o Zefyro me ouvia.
Com lagrimas meu peito enternecia
 A dureza fatal deste rochedo,
 E sobre elle huma tarde triste, e quedo
 A cauza de meu mal eu escrevia.
Agora torno a vêr, se a pedra dura
 Conserva ainda intacta essa memoria,
 Que debuxou entaõ minha escultura.
Que vejo! esta he a cifra: triste gloria!
 Para ser mais cruel a desventura,
 Se fará immortal a mi nha historia.

LX.

V Alha-te Deos , cançada fantazia ! (des ?
 Que mais queres de mim ? que mais pertencem
 Se quando na esperança mais te accendes ,
 Se dezenhana mais tua porfia !
 Lagando regioens de dia em dia ,
 Novas conquistas , e troféos emprendes :
 Ah que conheces mal , que mal entendes ;
 Onde chega do fado a tyrannia !
 rata de accomodar-te ao movimento
 Dessa roda voluvel , e descança
 Sobre taõ fatigado pensamento.
 se inda crês no rosto da esperança ;
 Examina por dentro o fingimento ;
 E verás tempestade o que he bonança.

LXI.

D Eixemos-nos , Alcano , de porfia ;
 Que eu sey o que tu es , contra a verdade
 Sempre hasde sustentar , que a Divindade
 Destes campos he Brites , não Maria :
 Ora eu te mostrarei inda algum dia ,
 Em que está teu engano : a novidade ,
 Que agora te direi , he , que a Cidade
 Por melhor , do que todas a avalia.
 lá pouco , que encontrei lá junto ao monte
 Dous Pastores , que estavaõ conversando ,
 Quando passáraõ ambas para a fonte ;
 Nem faláraõ em Brites : mas tomando
 Para hum cedro , que fica bem defronte ,
 Q nome de Maria vaõ grayando.

LXII.

Torno a ver-vos, ò montes ; ò destino
 Aqui me torna a pôr nestes oiteiros ;
 Onde hum tempo os gaboéns deixei grosseiros
 Pelo trage da Corte rico , e fino.
 Aqui estou entre Almendro , entre Corino ,
 Os meus fieis , meus doces companheiros ;
 Vendo correr os miseros vaqueiros
 Airaz de seu tançado dezatino.
 Se o bem desta choupana pôde tanto ,
 Que chega a ter mais preço , e mais valia ;
 Que da Cidade o lizongeiro encanto ;
 Aqui descançe a louca fantasia ;
 E o que thé agora se tornava em pranto ,
 Se converta em affectos de alegria.

LXIII.

JA' me enfado de oavir este alarido , (do)
 Com que se engana o mundo em seu cuidado
 Quero vêr entre as pelles , e o cajado ,
 Se melhora a fortuna de partido.
 Cance embora a lizonja ao que ferido
 Da enganoza esperança anda magoado ;
 Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado
 Do velho dezengano apercebido.
 Aquelle adôre as roupas de alto preço ,
 Hum siga a ostentaçãõ , outro a vaidade ;
 Todos se enganaõ com igual excesso.
 Eu naõ chamo a isto já felicidade :
 Ao campo me recolho , e reconheço ,
 Que naõ há maior bem , que a soledade.

LXIV.

Que tarde nasce o Sol ; que vagarozo !
 Parecé ; que se cança , de que a hum triste
 Haja de apparecer : quanto reziste
 A seu rayo este sitio tenebrozo !
 Não pôde ser , que o giro luminoso
 Tanto tempo detenha : se perziste
 Aqazo o meu delirio ! se me assiste
 Ainda aquelle humor tão venenozo !
 Aquella porta alli se está cerrando ;
 Della sahe hum Pastor : outro assobia ;
 E o gado para o monte vai chamando.
 Ora não ha mais louca fantazia !
 Mas quem anda , como eu , assim penando ;
 Não sabe , quando he noite , ou quando he dia .

LXV.

Lngrata foste , Eliza ; eu te condemno
 A injusta semrazaõ ; foste tyranna ,
 Em renders , bellissima Serrana ,
 A tua liberdade ao nescio Almeno .
 Que achaste no seu rosto de sereno ,
 De bello , ou de gentil , para inhumana
 Trocares pela delle esta choupana ,
 Em que tinhas o abrigo mais ameno ?
 Que canto em teu louvor entoaria ?
 Que te podia dar o Pastor pobre ?
 Que extremos , mais do que eu , por ti faria ?
 O meu rebanho estas montanhas cobre :
 Eu os excedo a todos na harmonia ;
 Mas ah , que elle he feliz ! Isto lhe sóbre .

LXVI.

N Aõ te affuste o prodigio : eu, Caminhante
 Sou huma voz , que nesta selva habito
 Chamei-me o Pastor Fido ; de hum delicto
 Me veyo o meu estrago ; eu fui amante.
 Huma Ninfa perjura , huma inconstante
 Neste estado me pôs : do peito afflicto ,
 Por eterno castigo , arranco hum grito ,
 Que dezengane o peregrino errante.
 Se em ti se dá piedade , ó passageiro ,
 (Que affim o pede a minha sorte escura)
 Attende ao meu avizo derradeiro :
 Lagrimas não te peço , nem ternura :
 Por voto hum dezengano , te requeiro ;
 Que confagres á minha sepultura.

LXVII.

N Aã te cazes com Gil, bella Serrana; (trado
 Que he hum vil, hum infame, hum dezo
 Bem que elle tenha mais devêza , e gado ,
 A minha condiçãõ he mais humana.
 Que mais te pode dar sua cabana ,
 Que eu aqui te não tenha aparelhado ?
 O leite , a fructa , o queijo , o mel dourado ;
 Tudo aqui acharás nesta choupana :
 Bem que elle tange o seu rabil grosseiro ,
 Bem que te louve assim , bem que te adore ;
 Eu sou mais extremoza , e verdadeiro :
 Eu tenho mais razaõ , que te enamore :
 E se não, diga o mesmo Gil vaqueiro : (choro)
 Se he mais , que elle te cante , ou que eu te

LXVIII.

A Penas rebentava no Oriente
 A clara luz da Aurora, quando Fido ;
 O repouzo deixando aborrecido ,
 Se punha a contemplar no mal, que sente!
 Vê a nuvem, que foge ao transparente
 Annuncio do creptiseulo luzido ;
 É vê de todo em rizo convertido
 O horror, que dissipara o rayo ardente.
 Porque (diz) esta sorte, que se alcança
 Entre a sombra, e a luz, não sinto agora
 No mal, que me atormenta, e que me eança!
 Aqui toda a tristeza se melhora :
 Mas eu sem o prazer de humã esperança
 Passo o anno, e o mez, o dia, a hora.

LXIX.

S E á memoria trouxeres algum dia,
 Bellissima tyranna, Idolo amado,
 Os ternos ays, o pranto magoado,
 Com que por ti de amor Alfeo gemia ;
 Confunda-tê a soberba tyrannia,
 O odio injusto, o violento dezagrado,
 Com que atraz de teus olhos arrastado
 Teu ingrato rigor o conduzia.
 E já que em fim tão mizero o fizeste,
 Vello-has, cruel, em premio de adorar-te,
 Vello-has, cruel, morrer ; que assim quizeste.
 Dirás, lizongeando a dôr em parte :
 Fui-te ingrata, Pastor ; por mim morreste ;
 Triste remedio a quem não pôde amar-te !

LXX.

B Reves horas, que em rapida porfia
 Ides seguindo o infausto movimento;
 Oh como o vosso curso foi violento,
 Quando soubestes, que eu vos possuia!
 Já credito vos dava; porque via
 Avultar meu feliz contentamento:
 Que he muy facil n'hum triste estar attento
 Aos enganos, que pinta a fantazia.
 Logrou-se o vosso fim; que foi levar-me
 Da falsa gloria, do fingido gosto
 Ao cume, donde venho a despenhar-me:
 Assim a lei do fado tem disposto,
 Que haja o instantaneo bem de lizongear-me;
 Porque o estrago, me diga, que he supposto.

LXXI.

E U cantei, não o nego, eu algum dia
 Cantei do injusto Amor o vencimento
 Sem saber, que o veneno mais violento
 Nas doces expressões falso encobria.
 Que Amor era benigno, eu persuadia
 A qualquer coração de Amor izento;
 Inda agora de Amor cantara attento,
 Se lhe não conhecera a aleivozia.
 Ninguem de Amor se fie: agora canto
 Somente os seus enganos; porque sinto
 Que me tem destinado estrago tanto.
 De seu favor hoje as quimeras pinto:
 Amor de huma alma he pezarozo encanto;
 Amor de hum coração he labyrintho.

LXXII.

JA' rompe, Nize, a matutina Aurora
 O negro manto, com que a noite escura,
 Suffocando do Sol a face pura,
 Tinha escondido a chama brilhadora,
 Que alegre, que suave, que sonora,
 Aquella fontezinha aqui murmura!
 E nestes campos cheyos de verdura
 Que avultado o prazer tanto melhora?
 Só minha alma em fatal melancolia,
 Por te não poder vêr, Nize adorada,
 Não sabe inda, que coiza he alegria;
 E a suavidade do prazer trocada,
 Tanto mais aborrece a luz do dia,
 Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

LXXIII.

Quem se fia de Amor, quem se assegura
 Na fantastica fé de huma belleza,
 Mostra bem, que não sabe, o que he firmeza,
 Que protesta de amante a formozura.
 Anexa a qualidade de perjura
 Ao brilhante esplendor da gentileza,
 Mudavel he por ley da natureza,
 A que por ley de Amor he menos dura.
 Deste, ó Fabio, que vês, dezordenado,
 Ingrato proceder se he que examinas
 A razão, eu a tenho decifrado:
 São as setas de Amor tão peregrinas,
 Que esconde no gentil o golpe irado;
 Para lograr pacifico as ruínas.

LXXIV.

S Ombrió bosque, sitio destinado
 A' habitação de hum infeliz amante;
 Onde chorando a magoa penetrante
 Possa dezaforçar o seu cuidado;
 Tudo quieto está, tudo calado;
 Não ha féra, que grite, ave, que cante;
 Se acazo saberás, que tens diante
 Fido, aquelle Pastor desesperado!
 Escuta o cazo seu: mas não se atreve
 A erguer a voz; aqui te deixa escrito
 No tronco desta faya em cifra breve:
 Mudou-se aquelle bem; hoje he delito
 Lembrar-me de Marfiza; era muy leve:
 Não ha mais, que attender; tudo está dito!

LXXV.

C Lará fonte, teu passo lizongeiro (te)
 Para, e ouve-me agora hum breve instant
 Que em paga da piedade o peito amante
 Te será no teu curso companheiro,
 Eu o primeiro fui, fui o primeiro,
 Que nos braços da Ninfa mais constante
 Pude vêr da fortuna a face errante
 Jazer por gloria de hum triumpho inteiro.
 Dura mão, inflexivel crueldade
 Divide o laço, com que a gloria, a dita
 Atara o gosto ao carro da vaidade:
 E para sempre a dôr ter n'alma escrita,
 De hum breve bem nasce immortal faudade,
 De hum caduco prazer magoa infinita.

SONETOS:
LXXVI.

39

EM fim te hei-de deixar, doce corrente
Do claro, do suavissimo Mondego;
Hei-de deixar-te em fim; e hum novo pego
Formará de meu pranto a copia ardente.
De ti me apartarei; mas bem que auzente,
Desta lira serás eterno emprego;
E quanto influxo hoje a deyer-te chego,
Pagará de meu peito a voz cadente.
Das Ninfas, que na fresca, amena estancia
Das tuas margens humidas ouvia,
Eu terei sempre n'alma a consonancia;
Desde o prazo funesto deste dia
Seraõ fiscaes eternos da minha ancia
As memorias da tua companhia.

LXXVII.

NAõ há no mundo fé, não ha lealdade;
Tudo he, ó Fabio, torpe hypocrizia;
Fingido trato, infame aleivozia
Rodêãõ sempre a candida amizade.
Veste o engano o aspecto da verdade;
Porque melhor o vicio se avalia:
Porém do tempo a mizera porfia,
Duro fiscal, lhe mostra a falsidade.
Se talvez descobrir-se se procura
Esta de Amor fantastica apparencia,
He como á luz do Sol a sombra escura:
Mas que muito, se mostra a experiencia,
Que da amizade a torre mais segura
Tem a baze mayor na dependencia!

SONETOS.
LXXVIII.

C Ampos, que ao respirar meu triste peito
 Murcha, e secca tornais vossa verdura,
 Não vos affuste a pallida figura,
 Com que o meu rosto vedes tão desfeito.
 Vós me vistes hum dia o doce effeito
 Cantar do Deos de Amor, e da ventura;
 Isso já se acabou; nada já dura;
 Que tudo á vil desgraça está sujeito.
 Tudo se muda em fim; nada ha, que seja
 De tão nobre, tão firme segurança,
 Que não encontre o fado, o tempo, a inveja,
 Esta ordem natural a tudo alcança;
 E se alguém hum prodigio ver dezeja,
 Veja meu mal, que só não tem mudança.

LXXIX.

E Ntre este álamo, ó Lize, e essa cõrrente,
 Que agora estão meus olhos contemplando,
 Parece, que hoje o Ceo me vem pintando
 A magoa triste, que meu peito sente.
 Firmeza a nenhum delles se consente
 Ao doce respirar do vento brando;
 O tronco a cada instante meneando,
 A fonte nunca firme, ou permanente.
 Na liquida porção, na vegetante
 Copia daquellas ramas se figura
 Outro rosto, outra imagem semelhante: I
 Quem não sabe, que a tua formozura
 Sempre immovel está, sempre inconstante;
 Nunca fixa se yio, nunca segura?

LXXX.

Quando cheyos de goſto, e de alegria
 Eſtes campos divizo florecentes,
 Entaõ me vem as lagrimas ardentes,
 Com mais ancia, mais dôr, mais agonia;
 Aquelle meſmo objecto, que deſvia
 Do humano peito as magoas inclementes,
 Eſſe meſmo em imagens differentes
 Toda a minha tristeza dezafia.
 Se das flores a bella contextura
 Eſmalta o campo na melhor fragrancia,
 Para dar huma idéa da ventura,
 Como, ó Ceus, para os ver terei conſtancia;
 Se cada flor me lembra a formozura
 Da bella cauzadora de minha ancia?

LXXXI.

Junto deſta corrente contemplando (roſ)
 Na triste falta eſtou de hum bem, que ado-
 Aqui entre eſtas lagrimas, que choro,
 Vou a minha faudade alimentando.
 De fundo para ouvir-me vem chegando
 Das claras Hamadriades o côro;
 E deſta fonte ao murmurar ſonoro,
 Parece, que o meu mal eſtaõ chorando.
 Mas que peito hade haver taõ dezabrido,
 Que fuja á minha dôr! que ſerra, ou montê
 Deixará de abalar-se a meu gemido!
 Igual cazo não temo, que ſe conte;
 Se athé deſte penhaſco endurecido
 O meu pranto brotar fez huma fonte.

SONETOS.
LXXXII.

P Iedozós troncos , que a meu terno peito
 Commovidos estais, huma inimiga
 He quem fere o meu peito, he quem me obriga
 A tanto suspirar , a gemer tanto.
 Amei a Lize ; he Lize o doce encanto ,
 A bella occasiaõ desta fadiga ;
 Deixou-me ; que quereis, troncos , que eu diga
 Em hum tormento , em hum fatal quebranto ;
 Deixou-me a ingrata Lize : se alguma hora
 Vós a vedes talvez , dizei , que eu cego
 Vos contei . . . mas calai , calai embõra.
 Se tanto a minha dôr a elevar chego ,
 Em fé de hum peito , que tão fino adora ;
 Ao meu silencio o meu martyrio entrego.

LXXXIII.

P Olir na guerra o barbaro Gentiõ ,
 Que as leys quazi ignorou da natureza ,
 Romper de altos penhascos a rudeza ,
 Dezentranhar o monte , abrir o rio ;
 Esta a virtude , a gloria , o esforço , o brio
 Do Russiano Heroe , esta a grandeza ,
 Que igualou de Alexandre a fortaleza ,
 Que venceo as desgraças de Dario :
 Mas se a ley do heroismo se procura ,
 Se da virtude o espirito se attende ,
 Outra idéa , outra maxima o segura ;
 Lá vive ; onde no ferro não se accende ;
 Vive na paz dos povos , na brandura :
 Vós a ensinai , ó Rey ; em vós se aprende.

SONETOS.
LXXXIV.

43

A Pre Ciano il gran Tempio ; orrido, e nero,
Tutto scomposto 'l crin , Marte s' adira ;
Ecco l' armi , l' insegne ; ecco s' aggira
Con torbidi rugitti 'l Leon Ibero :
Lascia i freddi Trioni 'l Duce altero ;
Viene sopra di noi la strage , e l' ira ;
Altro , fuor che vendetta , non respira
Il Ebro audace , il Rhodano guerriero :
Par , che già d' Acheronte in sulla spuma ,
Del Dio feroce lampeggiando il volto ,
Vaghe schiere-d' Eroi varcano il fiume ;
Oh Dei ! tutto è in terrore il mondo accolto :
Ma che auspizio è mai questo ! contro il Nume,
D' Andrada sol , d' Andrada il nome ascolto.

LXXXV.

S Possi felici , per la vostra face
Splenda di Portugal provido il Nume ,
Portando à noi la sospirata pace ,
Della Madre d' Amor fra l' auree piume.
Fatte , che a prò di noi la Diva audace
L' empia ruota suspenda: entro il suo fiume
Spirar non vegga il vostro amor verace
Il Domator de le Tartaree spume.
Vivete in dolce nodo : altre faville
Il ciel non secondó così giocondo ;
Amor , che l' ispiró , Amor nutrille.
Sorger vegg' io dal thalamo secondo
Frà mille gioje , frà trionfi mille
E gloria a Portugal , e gloria al mondo.

SONETOS.
LXXXVI.

DE così degno Eróe la Regia fronte
 Cinga d'eterno allor, chi virtude ama;
 Che il ciel la gloria sua per altro chiama:
 Sentier, che guida a piú sicuro monte.
 Non di Parnaso, non d' audace fonte
 I fiori, ed i cristalli alla sua fama
 Omaggio esser potran; ciascun, che bram
 I suoi meriti lodar, lodi à piú pronte.
 Voto faccia di voglia assai sincera,
 Dell' anima tributo sia la fede;
 Questa vittima ei solo ama, ei la spera;
 Non piú l' Eróe, mortali, da voi chiede;
 Il non sprezzar la vostra fé si vera,
 E' de tributi vostri ampia mercede.

LXXXVII.

SOrprezo de così sonori accenti,
 Non ó ragion, che basti, ó Vate degno
 A consecrare al tuo discreto ingegno
 Questi voti, non só, se assai cadenti.
 Udir credei a intempestivi eventi
 Tutto il Pindo sonar, si che à tal segno
 Forse non dubitai del crudo regno
 Frenasse Orphea gli spiriti inclementi.
 Questa dal mondo poi giammai probata
 Beltá da labri tuoi abbia l' ardore
 D' en sí rozzo paese essere amata.
 Ed io pur non havró culto maggiore,
 Che render vada a la tua Musa grata,
 Fuor di quel del silenzio fido onore.

S'ONETOS.
LXXXVIII.

45

Non ó valor, che basti; io corro in vano
A ricoprimi del pesante scudo;
Senza armi'l sen, senza armi'l cor ignudo
S'abbandona al tuo strale, Amor infano.
L'Idolo mio, che m'offre in volto umano
Beltá quasi divina, al petto rudo
Si suave gli porge il velen crudo,
Che orror non ó nel venerar la mano.
Reggi'l colpo; la strage io non pavento;
Ti daranno, crudel, poca victoria
La mia ruina, il mio duol, il mio tormento.
Paremmo entrambi esempi a grata istoria,
Tu mostrando il tuo tardo pentimento,
Io nel martir trovando la mia gloria.

LXXXIX.

Miserá rimembranza, che mai tenti!
Perché venirmi tormentando ancora?
Non m'accordar, ti chiedo, la dolce ora
De' primi miei suavissimi contenti.
Furono brevi; e sono così lenti
I passi tuoi, che nella grata Aurora
Del mio piacer, io ritrovai allora,
In sembianza di gioja i miei tormenti!
Ah non lasciassi mai la spiaggia aprica,
Per girne in grembo al procelloso flutto;
Allor; che si mostró la sorte amica.
Non farebbe il mio ben per lei distrutto;
Né havrei nel alma una crudel fatica;
Che tutto afflige, e che sconcola tutto.

XC.

E Sci d'ingano , ó Nice ; io non t'adoro ;
 Chi ti parla così , parla sincero ;
 Mi piace 'l volto tuo ; mi piace , é vero ;
 Ma non mi punse Amor col' strale d'oro.
 Piangono gl' amanti ovunque ; i voti loro
 Sono tributi d'immortal pensiero :
 Or vedi ; io son tranquillo , io sono altero ;
 Io non sento fatica , ed ó ristoro.
O non é amore , o pur , s' amor si chiama ,
 D'ogni d'amor martiro l'ordin muta ,
 Ch' in tanti cuori 'l suo trionfo acclama ;
 Ma che mai vanta l' alma d' assoluta !
 Ricanteró : Questa alma altro non brama ;
 Che nel incendio tuo restar perduta .

XCI.

N On parlarmi d' amor , ingrata Nice ;
 Ch'io non ó già per te questi pensieri ;
 Credulo a tanti affetti lusinghieri
 T'adorai , non te 'l nego ; era infelice :
Il vecchio disinganno or odo ; ei dice :
 Folle che sei ! come adorar gl'alteri
 Transporti puoi d'affanni così fieri ?
 Ei parla ; ed i suoi detti ascoltar lice !
Saggio dunque 'l rimprovero del cuore
 Nel piú vivo lo stampo , ed il consiglio
 Per seguitar , ó Nice , ó gran valore :
Augel saró , che fuor del cauto artiglio
 Per fuggire a tuoi lacci andró , Amore ,
 Portando in fronte il volto del periglio .

XCII.

D Olci compagni miei, dolce mia cura,
 Consolate 'l mio duol; se pur vi piace
 Rendermi quella sospirata pace,
 Che mi toglie crudel la mia sventura;
 Senza la vostra compagnia oscura
 Pariti del Sol la scintillante face;
 Sul' orme vostre 'l mio pensier seguace
 Tutto ciò, ch'è diletto, odia, e scongiura;
 Altro ciel, altre genti astri infelici
 Mi sforzano à veder: mi fu ribelle
 La mia sorte; e son tutti miei nemici.
 Ma se vedervi piú negan le stelle,
 Vi prego almen pe' suoi bei lumi, Amici;
 Curate la mia Nice, e le sue agnelle.

XCIII.

D Olci parole, or piú non siete quelle:
 Nice, a cui piacqui un giorno, or me dete;
 E le pupille sue, un tempo fide, (ride;
 Or sono a danti miei barbare stelle.
 Piú costante, che incontro alle procelle
 Scoglio, che urtano i venti, e le onde infide;
 Quanto piú col rigor crudel m'uccide,
 Tanto ardo piú per le sue luci belle.
 Quell' ira sua, cred' io, del amor mio
 Alimento é tal volta, e dell' imparo;
 Per strugermi a suoi rai, nov' arti anch' io;
 Pur non veggio 'l Destín, con mé sí avaro,
 Se del suo sdegno a stimol così rio
 Sento l' incendio, Amor, esser piú chiaro!

XCIV.

N On lasciarmi, crudel ; quella , ch' io ren
 Vittima volontaria dal mio cuore (do
 E ben degna di te , se pur l' amore ,
 Se pur il premio tuo non ti contendo.
 Io senza speme a la tua luce attendo ,
 Come Clieie tallor : se del maggiore
 Pianeta ogn' un' adora lo splendore ,
 Senza ch' il raggio l' urte , 'l va sieguendo.
 Ma tu fuggi , crudel ! Ah ! non son io
 Inteso a divorarti , ó mostro , ó fiera ;
 Placarti voglio con il pianto mio.
 Se pur muoverti ancor l' alma non spera ,
 Questo , barbara , (oime !) questo desio
 Pera , ma innanzi a tuoi bell' occhi pera .

XCV.

D Et tuo Fileno alla incerata avena .
 Ferma , Nice crudel , ferma le piante .
 Mentre in tua lode 'l Pastorello amante
 Dolce fa risona la selva amena .
 Vedi , come di gioja in questa arena .
 Tutto par ch' innamorato 'l tuo semblante ,
 Il feroce Leon , la Tigre errante ,
 Il mar , che freme , il ciel , che ne balena .
 Di sopra questo falso ah ben vegg' io
 Giungerfi intorno a me del tuo bel nome
 Al ecco amato di Protheo la gregge :
 Tutto vien' ad udirmi ; é pieno il rio
 De gi' umidi abitanti ; e (non so come)
 Altra legge non an , che la tua legge .

XCVI.

E Rra d' intorno a me l' ombra onorata
 Di quella dolce, incantatrice Donna,
 Che cinta or de più lucida corona
 Splende fra gl' Astri, alla mia fede ingrata.
 Io la riveggio in torvo aspetto irata;
 Or m' acciula, or mi siegue, or m' abbandona;
 L'orribil voce mi spaventa, e sona,
 Comme fiamma di Giove in ciel vibrata.
 Qual misero destin (oh Dei! qual sorte
 Amor mi dié! vieggio la face mia,
 Fuggo, tremo, m' aghiaccio, e non son forte!
 M' accordo allor, che al fianco in ogni via
 La seguitai: oh quanto, Amor, la morte
 Quanto fa, quanto mutta, quanto oblia!

XCVII.

Q uesto, che la mia Musa oggi a te rende,
 Indegno omaggio di beltà ti rara,
 Non lo sdegnar, ti chiedo, ó Nice cara,
 Nice, di ch' il bel volto il cor m' accende.
 Di merti tuoi quel, ch' il mio canto prende,
 Onorato argomento (ó legge amara!)
 D' umili voci alla cadenza avara
 Non si concede, fugge, e se difende:
 Desti nel alma poi la mera vigilia
 Del nome tuo quel dissonante accento,
 Che preziosi i miei voti mi consiglia:
 A così dolce indulto andrò contento,
 Se tu di Citherea, di Giove figlia,
 Non disapprovi, ó Nice, 'l mio concerto.

XCVIII.

D Estes penhascos fez a natureza (clara)
 O berço, em que nasci: oh quem cur-
 Que entre penhas tão duras se creara
 Huma alma terna, hum peito sem dureza!
 Amor, que vence os Tigres, por empreza
 Tomou logo render-me; elle declara
 Contra o meu coração guerra tão rara,
 Que não me foi bastante a fortaleza.
 Por mais que eu mesmo conheesse o damno;
 A que dava occasião minha brandura,
 Nunca pude fugir ao cego engano:
 Vós, que ostentais a condição mais dura,
 Temei, penhas, temei; que Amor tyranno,
 Onde há mais rezistencia, mais seapura.

XCIX.

P Arrece, ou eu me engano, que esta fonte
 De repente o licor deixou turvado;
 O Ceo, que estava limpo, e azulado,
 Se vay escurecendo no Orizonte:
 Porque não haja horror, que não aponte
 O agouro funestissimo, e pezado,
 Athe de susto já não pasta o gado;
 Nem huma voz se escuta em todo o monte.
 Hum rayo de improvizo na celeste
 Região rebentou: hum branco lirio
 Da côr das violetas se reveste;
 Será delirio! não, não he delirio.
 Que he isto, Pastor meu? que aruncio he este!
 Morreo Nize (ay de mim!) tudo he martirio.

C.

A Uzas, canoras Muzas, este canto
 Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
 Erguestes brandamente á aquelle assento,
 Que tanto, ó Muzas, prézo, adoro tanto.
 grimas tristes são, magoas, e pranto,
 Tudo o que entôa o muzico instrumento;
 Mas se o favor me dais, ao mundo attento
 Em assumpto mayor farei espanto.
 em campos não pizados algum dia
 Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro,
 Effeitos são da vossa melodia; (ro
 e muito, ó Muzas, pois, que em faulso agou-
 Cresçaõ do patrio rio á margem fria
 A immarcescivel hera, o verde louro



Al morte do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Gomes Freyre de Andrada, Conde da Bobadella, Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro e Minas. &c. &c. &c.

EPICEDIO I.

A Ti me chego, ó Matuzoléo sagrado,
 De hum alto Heroe depozito adorado;
 Permite, que aos impulsos do gemido,
 Das lagrimas, dos ays, corra advertido
 A venerar as cinzas, que sepultas.
 Sei, que ambiciozo humna reliquia occultas
 Do mais raro Varaõ, que aponta a historia
 Nos eternõs volumes da memoria:
 Daquelle, que proposto, como espelho
 De humna inteira virtude, no conselho,
 Na execuçaõ mostrou, que unir sabia
 As leys da temperança, e da valia,
 Sustentando por modo estranho, e raro
 Do Monarca o amor, do povo o amparo.

Sei, que guardas (eu digo) nas entranhas
 O generoso braço, que as campanhas
 Deu assombro, e terror; sei (porque tudo
 Explique de huma vez) que no horror mundo
 Desse cofre soberbo a estranha dita
 De hum Andrada immortal se depozita;
 Que no busto fatal a estampa grata
 Do mais distincto Freyre se retrata;
 Que se guarda, e se adora a imagem bella
 Desse Conde feliz de Bobadella.

Ao romper o clamor das tristes vozes,
 Ao soltar estas clauzulas velozes,
 Oh qual ecco de dor, de pena, e pranto
 Se vê corresponder a impulso tanto!
 Em lagrimas se rompe o peito afflito:
 De sombras veste o Ceo; ao triste grito
 Soluça o ar, os elementos gemem;
 Todos da terra os fundamentos tremem:
 E parece, que a funebre laudade
 Não encontra na vasta immensidade (fera)
 De hum mundo, que comprehende, aquella es-
 que para o dezafogo achar quizerá.

Mas que muito, que ao lugubre gemido
 Se altere, e cresça o universal ruido,
 Se perde Portugal, se o mundo perde
 Aquella sempre firme, sempre verde
 Rama da heroicidade Transgana!
 Se em fim de toda a gloria Luzitana
 Hum só Heroe, que encherá o fasto inteiro,
 Hoje vem a fazer por derradeiro
 Deste calado horror no abrigo triste!
 Aqui todo o valor de Marte assiste;

Aqui jaz todo o alento da piedade ;
 Aqui o dezempenho da lealdade,
 O magnifico , o sabio , o recto , o activo ;
 O liberal , constante , discursivo ,
 Prudente , valerozo : ah que a tál brado
 Confunde-se a razaõ , pasma o cuidado !

Amplificar a esplendida figura
 De seus dotes quizera : abra a escultura
 Dos porticos a Fama : os olhos entrem ;
 Registem as estampas ; reconcentrem
 A longa admiracão : desde a corrente
 Do cristalino Tejo oh que valente
 Neste quadro respira ! Aqui tingindo
 Do sangue Ibero as preciosas veas ,
 Rôxas tornando as pallidas arêas ,
 Une de Portugal ao sceptro egregio
 Tantos novos trofeos ; o privilegio
 De seu braço immortal quanto se aclama ;
 Quando em Campo Mayor o cinge a rama ;
 Por triumphar co' as Luzitânas Quinas !
 Tu , soberba Castella , entre as ruinas
 De teus muros o choras ; o teu lustro
 Lá lhe soube tecer o louro augusto ,
 Com que a pezar de tanto pranto , e magoas
 Enobreço do Guadiana as agoas.
 Esse ferro , que agora dependura
 Tinto de sangue a fama , te assegura ,
 Afflicto Portugal , as leys , e o throno.
 Da tua permãencia o eterno abono
 Deves á aquella espada ; ella se ensaya
 Nos illustres Avós : qual em Cambaya
 O seu nome deixou ! qual em Quilda

Debuxa o seu braço! lá vive em Gôa
 A memoria do sangue: honrado emblema
 São de tanta virtude em nobre lema,
 Entre as chamas dos bellicos alfanges,
 As ancias do Indo, as lagrimas do Ganges.

Feliz ó Portugal, feliz mil vezes
 Tu, que para esplendor dos Portuguezes
 Deste ferro a memoria tens guardado!
 Se queres ser no mundo respeitado
 Pela virtude, outro braço não tomes,
 Que ser Patria dos Freyres, e dos Gomes.

Quem haverá, que a competir se atreva,
 Quando (porque immortal ouvir se deva)
 Desde o teu berço este pregação respire!
 Eu te prometto; que por mais, que gire
 O Planeta da luz, outro portento,
 Outra estirpe mayor em todo o alento
 Da fama se não logre: aqui se estende,
 Aqui se alcança, aqui se comprehende,
 Tudo, quanto por gloria, e por vaidade,
 Engrandece o esplendor da heroicidade.

Mil seculos, e mil se tem passado,
 Desde que o Ceo com provido cuidado
 Vem lavrando a feliz genealogia
 De Varoens tão fieis: a Monarquia
 Os honra no solar de Bobadella
 Em hum Nuno, hum Bermudes, hum Fruella,
 Hum Rodrigo, hum Forjás, Peres, Fernandes,
 Hum Mendes, hum Pauzona, e outros Grandes,
 Que apontaõ com espiritos sublimes
 A Deziderio, Rey dos Longobardos.
 Estes os immortais progenitores,

Que intimando no exemplo dos fuores
 A imitação de hum Freyre , em gloria estranha
 Enchem a Portugal , a Italia , e Hespanha ,
 As Barras inculcando por diviza
 No braço , que o seu nome solemniza.

Mas como em hum só quadro me detenho,
 Admirando o valor ! se o dezempenho
 De outras tantas virtudes tem chegado
 A encher da fama o generoso brado !
 Falle a acorde harmonia , com que o vejo
 Temperando o governo : Aqui do Tejo
 A Nau soberba se dezata ; aonde
 O valeroso espirito se esconde ;
 Que ao Antártico clima foi mandado !
 A governar todo o Paiz dourado.

Este he das Minas , este o aureo emiserio
 Nobre porção do Luzitano Imperio :
 Aqui , ó Rey , ao meu Heroe confias
 As rédeas do governo. De teus dias
 A dilatar o esplendido progresso
 Terias outro abono ! Eu não conheço.

Vê , qual dezinteresse o acredita
 Digno de teu favor ; entre a exquisita
 Cópia de tanto Ofir , a prata , o ouro ,
 O topázio , as safiras , o thezouro
 Dos diamantes , que a terra dezentranha ,
 Não sabem conceber a empresa estranha
 De atrahir-lhe a ambição : ao seu desprezo
 Serve apenas de objecto o rayo accezo
 Do precioso metal : a alma se cria
 Com tão nobre , louvavel rebeldia ,
 Que nada menos a molesta , e cança ,

Que sustentar a solida aliança,
 Que fez com a justiça: este progresso
 Ganha em teu peito o luminoso apreço
 De hum vassallo fiel, nelle guardando
 De tres governos repartido o mando.

O Rio de Janeiro lhe obedete;
 De São Paulo o emporio reconhece
 A alta moderação; e as Minas d'ouro
 Se esclarecem, tecendo o fausto agouro.
 Mas oh, e com que inteiro movimento
 A propagar do sceptro o Regio augmento,
 A pezar do trabalho, a mão se applica,
 Quando o pezo se dobra, ou se triplica!
 Como a sagrada ley primeiro objecto
 He da sua intenção, o alto projecto
 De encher a obrigação do cargo illustre
 Quanto na execução lhe esforça o lustre!

De Nêmesis, parece, que a balança
 Nunca teve outro ponto; a segurança
 Do fiel observou tão firmemente,
 Que se o digno se alegra, o delinquente
 Não accuza o castigo; a pena, o premio,
 Achando na justiça igual o gremio,
 Sahião d'entre as mãos também pezados;
 Que se viraõ talvez equivocados
 O prazer, e a dor: louva o afflicto
 A justa punição do seu delicto;
 E chora o benemerito, no susto
 De não ser immortal Heroe tão justo.

Prompto o despacho, a supplica attendida,
 Castigada a maldade, agradecida
 A rectidão, a idea vigilante

Naõ conhece repouzo hum só instante:

Em fim o seu descanso, o seu socego

He só a instancia do zelozo emprego.

Oh! que estranha se inculca a nobre idéa

Deste faudozo Heroe! Tanto de Astréa

O espirito igualou, que ao Rey, ao povo

Soube conciliar por modo novo.

O vasto emporio das douradas Minas

Por mim o fallará: quando mais finas

Se derramaõ as lagrimas no imposto

De huma capitação, clama o desgosto

De hum Paiz decadente; e ao seu gemido

Se enternece piedozo o esclarecido,

O generozo Heroe: ao Soberano

Conduz a queixa, representa o damno;

Chega o remedio pela maõ piedoza,

Ministra do favor; menos penoza

Já se modera a impozicação: contente

Já ri o povo, já se alegra a gente.

Lizongeiro o prazer cada hum descobre;

Os pequenos, o grande, o rico, o pobre;

Oh alma grande! oh alma esclarecida!

Digna de ser guardada, ser nutrida

Ná pompa dos Elizios, entre os bellos

Espiritos dos Elios, dos Metellos,

Dos Scipioens, Themistocles, Zopiros;

E outros, que em felicissimos retiros

Gozando estaõ as auras lizongeias,

Em premio desse amor, com que as primeiras

Fadigas de hum solícito cuidado

Pelo Rey, pela Patria haõ consagrado.

Estes os fructos saõ dessa doutrina;

Que bebeste na candida officina

De huma ethica innata : alli se alcança

Aquelle inalteravel confiança ,

Que em ti sabes firmar , mostrando ao mundo ,

Com desprezo da inveja , o mais profundo ,

Pozitivo esplendor , que te reserva ,

Superior à emulação proterva.

Que importa , que de estrada dissonante

Seguindo outros talvez o curso errante ,

Assegurar pertendaõ sobre o throno

De hum alto valimento o Regio abono ;

Se essa idéa injustissima , que os guia ,

Estragando os dezignios , algum dia

Fará gemer com lástima importuna

O mal seguro alento da fortuna !

A idéa mais feliz de ser aceito

A² vontade de hum Rey , he ter o peito

Sempre animado de hum constante impulso

De amar o que for justo : este acredita

Ao servo , que obedece ; felicita

Ao Rey , que manda ; este assegura a fama ;

Este extingue a calumnia , e apaga a chama ,

De hum animo perverso , que atropella

O preciozo ardor de huma alma bella.

Pelos degraos desta feliz escada ,

Subiste , ó Freyre excelso ; ao braco , á espada ;

Ou na civil Minerva , ou na Castrense ,

Há hum Rey , que as fadigas te compense.

Triplixa-te o governo ; honra-te o cargo ;

Teus meritos confessa ; hum campo largo

Aos premios abre ; a General te chama ;

Te fia os seus exercitos ; te acclama

Na Regia commissão seu substituto.
 De tão alta virtude o egregio fructo
 Respira em fim no esplendido appellido,
 Titulo grande fim; mas tão devido,
 Que inda, que teus serviços ornar venha,
 Cuido, que a Regia mão não dezipenha.
 Não te faz grande o Rey: a ti te debes
 A gloria de ser grande: tu te atreyes
 Sómente a te exceder: outro ao Monarca
 Deva o titulo egregio, que o demarca
 Entre os Grandes por Gran: em ti louvado
 Só pôde ser o haver-te declazado.

Mas que muito, que a tanto Heroe affista
 Este influxo feliz, se elle conquista
 Com seus braços o Geo! elle dezata
 Com a mão liberal a copia grata
 De tantos cabedais: he confiado
 Menos o soldo, para o nobre estado,
 Que para sustentar com Regio empenho
 Do coração devoto o dezipenho.
 A dispendios do ardor, que a alma respira,
 Alli aquelle portico se admira;
 Por onde se abre ao mundo a excelsa entrada
 De huma caza, que a Deos he consagrada.

Tem de Thereza as religiosas filhas
 Alli hum santo abrigo: as maravilhas
 De hum zelo nunca visto alli se inculcaõ.
 Buscas o Author da nobre architectura!
 Queres saber, quem ergue essa estrutura?
 O Dorico, o Corinthio frontispicio?
 Esse marmore o diga: mas o indicio
 Na pedra se não grava: oh que a piedade

Lhe encortou esse alento na vaidade!

Foi providencia ; não foi erro : ignora
 Esse marmore egregio a mão , que o fôra
 Dezentranhando desde a terra dura ,
 Que o erguera , e pôlira , O Heroe procura ;
 Que se esconda o seu nome . Em gloria tanta
 O seu mesmo silencio he quem o canta ;
 Vê , que o dogma Evangelico encommenda ;
 Que a direita co^a a esquerda não se entenda :
 E esta maxima tanto a Freyre agrada ,
 Que athé com Deos a deixa praticada ,
 Deu a Deos só por Deos : ao padrao sopra
 Saber , que a Deos he consagrada a obra .
 E quem (ó Ceos !) quem há , que não prezuma
 Educado este espirito na summa ,
 Penitente fadiga dos dezertos !
 Quem há , que estes estimulos despertos
 Não julgue na Thebaida mais austera !
 Mas oh quanto a virtude mais se esmera
 Lá cultivada desde a tenra idade
 Entre a perversa ; mízera vaidade
 Da militar licença ; onde se apura
 Toda a relaxação , toda a foltura !

Outro talvez de escola , que he tao fera ;
 Razoão de seus escandalos trouxera :
 Só acha Gomes da virtude a chama
 No Mayorcio exercicio : alli se inflamma
 Na alta meditação de hum pensamento ,
 Que só em Deos contempla o fundamento
 De toda a humana gloria : na vigia ,
 Nos sirtos , nos ataques , na porfia
 Dos choques , dos assedios , lá protesta ;

Que a mão he jó de Deos : nada lhe resta ;
 Que elpe rar de si mesmo : neste estudo
 Tudo se logra ; se prospera tudo.
 Não me suspenda deste templo o objecto ;
 Dilcorra a admiração : o ardente affecto ,
 Com que se entrega ao Ceo , que bem se explica
 Nessas cazas de Deos ! elle se applica
 A Protector da caridade sancta.
 Com seu fervor congregaçoens levanta ;
 Onde aos pobres assista. O Paõ Sagrado
 Se ministra aos enfermos : acha o afflicto
 No carcere o favor ; para o delicto
 Se deputa Advogado : ao morto acode
 Com o supremo officio a mão piedosa.
 Tu , Villa Rica , tu , a mais faudoza ,
 Nessa caza de Deos , que hoje sustentas ,
 O choras , o suspiras , o lamentas.
 Tu o choras , ó mundo : mas que digo !
 O Ceo o chora , o Ceo ; que o braço amigo
 Não fez mais grato o mundo , que fizera
 Agradecido o Ceo : elle quizera
 Este Heroe immortal ; a ley sagrada
 Da Providencia , a ley sempre adorada
 He ; quem o rouba da ventura nossa ,
 Quem de nós o separa ; sem que possa
 Suspender se a si mesma : he Providencia :
 Mas que digo ! he decreto ; he obediencia.
 E quem sabe , se lá no eterno seyo
 Das idades futuras (não o creyo)
 Quem sabe , se a pezar da estranha inveja ,
 Outra alma tornará , onde se veja ,
 Para consolação desta ancia aguda ,

EPICEDIO I.

63

A virtude exemplar, que aqui se estuda!
 Em que taõ largos seculos prepara
 O Ceo huma alma grande! o Tejo o diga;
 Se de Heroes Luzitanos na fadiga
 Deu a Fama, em idade dilatada,
 Outro Freyre, outro Gomes, outro Andrada.
 Consolação pezada eu te proponho,
 O Rey no, em tal memoria: sei, que ehoras
 Os breves dias, as ligeiras horas,
 Que lhe cortou o provido destino.
 Ah! se o viras no susto intercadente
 Do mortal dezalento! o pranto infausto
 Se convertera em jubilo. O holocausto
 De huma alma pura elle feliz votava
 Ao Creador eterno; e se abraçava
 Com a celeste imagem de Thereza.
 Dos amigos, dos servos a tristeza
 Em melhor sorte converter queria.
 O alento pouco, e pouco se extinguiu;
 E seguro da empreza. . . ah que emudeço!
 Eu pasmo; eu tremo; eu choro; eu desfaleço.
 Já roto, já quebrado o nobre escudo,
 Guarda o Genio o braço: entre o horror mudo
 O Templo de Thereza já demanda
 Conduzido o cadaver; furda, e branda
 Se houve a harmonia do tambor guerreiro:
 Arrastão-se as bandeiras: pregoeiro
 He o rouco metal: o pó sulfureo
 Em salvas se dispende: huma ancia interna
 A pompa funeral rege, e governa.
 Cingido dos brandoens, que a magoa sofre;
 Profegue logo em hum dourado cofre

O illustre coração. Oh quanto he digno
 De respirar eterno o ardor benigno,
 Que o nutrio, que o gerou! penhor sagrado,
 Do caracter de hum Freyre fiel traslado.
 Deva ao balsamo; deva o beneficio
 De triunfar do infauisto precipicio
 Dos annos; nelle achando a actividade,
 Que não pôde encontrar na humanidade.

Não pôde, excessivo Heroe, não pôde esta anciedade
 Permittir mais esforços á constancia.

A registrar de todo não me atrevo
 O Templo, que busquei: a cifra escrevo;
 Porque o mundo já mais de ti se esqueça.
 Aqui jaz . . . mas que digo! aqui começa
 A nascer a virtude: não se apaga
 Huma illustre memoria: não se estraga
 Huma excella reliquia; antes mais templos
 Se produzem da vida dos exemplos.

Oh! que enganadamente folicito
 Achar letra, que explique aquelle invicto
 Espirito, que choro: em vão se attenda
 O risco, que lavrei, Tudo se emenda,
 Tudo já se desfaz. Se o nescio intento
 Eternizar procura o monumento,
 Seja tumulo o mundo. A cobertura
 Seja o Ceo: honre a esplendida figura
 Das faxas toda a luz, a impulso tanto,
 Suspiro o fogo, e Oceano o pranto.

Seti potius

Pro tumulo ponas orbem, pro regimine caelum;
 Sydera pro facibus, pro lacrimis maria.

A^c MORTE
DE
SALICIO.

EPICEDIO II.

E Spirito immortal, tu que rasgando
 Essa esfera de luzes, vas pizando
 Do fresco Elizio a regiaõ bemdita,
 Se nesses campos; onde a gloria habita,
 Centro do gosto, do prazer estancia,
 Entrada se permite á mortal ancia
 De huma dor, de hum suspiro descontente,
 Se lá reliquia alguma se consente
 Desta cançada; humana desventura,
 Não te offendas, que a victima raõ pura,
 Que em meus ternos soluços te offereço,
 Busque seguirte, por lograr o preço
 Daquella fé, que há muito consagrada
 Nas aras da amizade foi jurada.

E

Bem sabes , que o suavissimo perfume ,
 Que arder pôde do amor no casto lume ,
 Os fuores não são desse terreno ,
 Que odorifero sempre , e sempre ameno ,
 Em qualhadas porçoens Chypre dezata :
 Mais que os thezouros , que feliz recata
 A Arabica regiaõ , amor estima
 Os incensos , que a fé , que a dor anima ,
 Abrazados no togo da lembrança.
 Esta pois a discreta segurança ,
 Com que chega meu peito laudozo ,
 A acompanhar teu passo venturozo ,
 Oh sempre suspirado , sempre bello ,
 Espirito feliz : a meu desvello
 Não negues , eu te rogo , que constante
 Viva a teu lado sombra vigilante.

Inda que estejas de esplendor cercada ,
 Alma feliz , na lucida morada ,
 Que na pompa dos rayos luminosoza
 Pizes aquella esfera venturoza ,
 Que a teu merecimento o Ceo destina ;
 Nada impede , que a chama peregrina
 De huma saudade afflicta , e descontente ,
 Te assista acompanhando juntamente.
 Antes razã será , que debuxada
 Em meu tormento aquella flor prostrada ,
 Sol em teus resplendores te eternizes ,
 E Glycie em minha magoa me devizes ;
 Entre rayos crescendo , entre lamentos ,
 Em mim a dor , em ti os luzimentos.
 Se porém a infestar da Elizia esfera
 A continua , brilhante primavera

Chegar só pôde o lastimozo rosto
 Deste meu triste, funebre desgosto,
 Eu deziste do empenho, em que deliro;
 E as azas encurtando a meu suspiro,
 Já não consinto, que seu vôo ardente
 A acompanhar-te suba diligente:
 Antes nò mesmo horror, na sombra escuar
 Da minha inconsolavel desventura
 Eu quero lastimar meu fado tanto,
 Que suffocado em urnas de meu pranto,
 A tão funesto, liquido dispendio,
 A chama apague deste ardente incendio.

Indigno sacrificio de huma pena,
 Que chega a perturbar a paz serena
 De humas almas, que em campos de alegria
 Gozaõ perpetua luz, perpetuo dia;
 Que adorando a concordia, desconhecem
 Os sustos, que da inveja os braços tecem;
 Que ignoraõ o rigor do frio inverno;
 E que em brando concerto, em jogo alterno
 Gozaõ toda a suavissima carreira
 De huma forte rizonha, e lizongeira.

Alli, entre os favonios mais suaves,
 A consonancia offenderei das aves,
 Que arrebatando alegres os ouvidos,
 Discorrem entre os circulos luzidos
 De toda a vegetante, amena estancia.
 Alli pois as memorias de minha ancia
 Não entrarão, Salicio: que não quero
 Ser contigo tão barbaro, e tão fero,
 Que hum bem, em cuja posse estás ditozo;
 Triste magõe, infeste lastimozo.

Cá vivirá commigo a minha pena ;
 Penhor inextinguivel , que me ordena
 A sempre viva , e immortal lembrança.
 Ella me está propondo na vingança
 De meu fado inflexivel , ó Salicio ,
 Aquelle infausto , tragico exercicio ,
 Que os humanos progressos acompanha
 Quem cuidara , que fosse tão estranha ,
 Tão perfida , tão impia a força sua ,
 Que maltratar pudesse a idade tua ,
 Adornada não só daquelle rayo ,
 Que anima a flor , que se produz em Mayo ;
 Mas inda de fructiferos abonos ,
 Que antecipa a cultura dos outonos !

Sinco lustros o Sol tinha dourado
 (Breves lustros em fim , Salicio amado ,)
 Quando o fio dos annos encolhendo ,
 Foi Atropos a têa desfazendo:
 Hum golpe , e outro golpe preparava :
 Para empregallo a força lhe faltava ;
 Que mil vezes amaõ , ou de respeito ,
 De magoa , ou de temor , não pôs o effeito.
 Dezatou finalmente o peregrino
 Fio , que já tecêra. Ah se ao destino
 Pudera embarçar nossa piedade !
 Não te glorêes , tragica Deidade ,
 De hum triunfo , que levas tão preciozo !
 Dezar he de teu braço indecorozo ;
 Que inda que a furia tua o tem roubado ,
 A nossa dor o guarda restaurado.

Vive entre nós ainda na memoria ,
 A que elle nos deixou , eterna gloria ;

Dispendios preciosos de hum engenho ,
 Ou já da natureza dezempenho ,
 Ou para a nossa dor só concedido.
 Salicio , o Pastor nosso , tão querido ,
 Prodigio foi no raro do talento ,
 Sobre todo o mortal merecimento ;
 E prodigio tambem com elle agora
 Se faz a magoa , que o lastima , e chora.

A luctuoza victima do pranto
 Melhor , que o immareffivel amaranto ,
 Te cerca , ó alma grande , a urna triste ;
 O nosso sentimento aqui te assiste ,
 Em nenias entoando magoadas
 Hymnos faudozos , e cançoens pezadas.

Quizeramos na campa , que te cobre ,
 Bem que o tormento ainda mais se dobre ,
 Gravar hum epitafio , que declare ,
 Quem o tumulo esconde ; e bem que apare
 Qualquer engenho a penna , em nada atina ,
 Vive outra vez : das cinzas da ruina
 Resuscita , o Salicio ; dicta ; escreve ;
 Seja o epitafio teu : a cifra breve
 Mostrará no discreto , e no polido ,
 Que he Salicio , o que aqui vive escondido.



A MORTE
APRESSADA
DE
HUM AMIGO.
EPICEDIO III.

C Ommigo fallas ; eu te escuto ; eu vejo ,
 Quanto a pezar de meu lethargo, e pejo,
 Me intentas persuadir , ó sombra muda ,
 Que tudo ignora , quem te não estuda.
 Há poucas horas , que hum activo alento
 Te dirigia o ardente movimento ;
 E em breve instante (oh dor!) em breve instante
 Se torna em luto o resplendor brilhante,
 Arrebatado em vão te solícito
 Por qualquer parte , que se estenda o grito ;
 E aos eccos , ao clamor , que aos troncos passa,
 (Funestissimo avizo da desgraça)

Apenas falla , apenas me responde
 O dezengano , que esta penha esconde ;
 Mas como em te encontrar minha ancia tarda ,
 Se só este penhasco he , quem te guarda !
 Elle a faudade tua recommenda ;
 Elle me escute pois , elle me attenda .
 Marmore bruto , que em teu seyo encobres
 Triste despojo de reliquias pobres ,
 Eu me chego a escutar-te : a ouvir-te venho ,
 Talvez de tanto ardor no heroico empenho ,
 Ao credito mayor esta alma aspira .
 Se enlaçado nas redes da mentira
 Amei the agora o meu profundo somno ,
 De tanto annuncio ao peregrino abono ,
 Eu quero despertar : volta a fallar-me ,
 O' dura penha : eu quero aconselhar-me
 Comtigo mesmo . Que liçoens prudentes
 Hoje me estás dictando ! Oh que eloquentes
 Fallaõ as sombras , os horrores fallaõ ,
 Quando os alentos , quando as vozes calaõ !
 Dentro sepultas desse cofre infaulto
 De Aonio o resplendor , o lustre , o fausto .
 Debaixo jaz dessa fatal dureza
 Aquelle activo empenho , que a destreza
 De Minerva polio ; o que esgotara
 D'alta Jurisprudencia a luz mais rara .
 Aqui sepultas , oh penhasco duro ,
 (Tudo te digo) aquelle Amigo puro ;
 Que auzente de minha alma hoje me ordena
 A companhia só da minha pena .
 No teu silencio encontro o dezengano
 Do caduco esplendor do alento humano .

Tu me dizes , quam pouco ao mundo importa
 Esta cançada vida , que sopporta
 Das fadigas o pezo intoleravel.
 Venturozo Baixel em golfo instavel
 Me finges , me figuras : brando o vento
 Ordenava a carreira ; solto o alento
 Das vellas, respirava a Nau segura;
 Tranquillo o mar com prospera brandura
 Sustentava o seu pezo : no accidente
 De ingrata tempestade de repente
 Se escandeliza o Ceo ; o mar se altera ;
 Rompem-se as vellas ; pela crespa esfera
 Vaga perplexo o lenho ; absorto vaga ;
 Já perde o rumo , e infeliz naufraga.

E que se espera entre a fatal ruina ?
 Que mais se espera ? se da luz benigna
 Se desperdiça o breve auxilio , ao menos
 Em quanto a nós os Zephyros serenos
 Nos influem propicios , indecizo
 Não vacille o discurso ; o obsequio , o rizo
 Deste mizero golfo se aproveite ,
 Abominando os vicios , e o deleite
 De tanto ardor profano : a razão venha ;
 E vendo , que no abismo se despenha ,
 De seus mesmos horrores triunfante
 Sobre tanto desmayo o ardor constante
 Da antiga Babilonia , que se estraga ,
 Novos alentos das ruinas traga.

Tudo, oh bruto penhasco me insinua
 O teu mesmo silencio , a sombra tua.
 E pois te encontro agora tão propicio ;
 Só te quero rogar o beneficio

De que ao triste cadaver alguma hora
 A ancia ardente, com que esta alma o chora,
 Por ultimo favor lhe communiques.
 Peço-te, que de todo o certifiques
 Do muito, que o lastimo; e se ha piedade
 Nessa estranha regiaõ, chegue a saudade,
 Que te consagro, ó extremo Amigo,
 Sempre a viver, sempre a morrer contigo.

*Ao Senhor Jozé Gomes de Araujo, De-
 zembargador do Porto, Provedor da
 Real Fazenda, e Vedor Geral da
 Gente de Guerra na Capitania
 das Minas Geraes.
 &c. &c. &c.*

ROMANCE.

S Abio, e recto Ministro, aquella idéa,
 Que eu formo desse espirito, alguma hora
 Hade chegar a dispensar-se ao mundo,
 Inda que em sombras de huma imagem tosca.
 Ver-se-há, que quanto a mão do Rey Augusto

Mais liberal , mais prodiga vos honra ,
Tanto o merito vosso os mesmos premios
Acredita , ennobrece , e condecora.

Entregue á vossa direcção prudente
Foi o Erario Real ; e apenas louva
A fortuna este bem , já vos admira
Cingir no Porto a Senatoria Toga.

Estes os louros são , que vos prepara
Vossa egregia virtude : que se de outra ,
Estranha mão brotassem produzidos ;
Não seria a ventagem tão preciosa.

Do Real Decreto as clauzulas , que attendo ,
Desta mesma verdade hoje me informão :
Elle nos intinua , que os serviços
Com este novo ascenso se coroaõ.

Outro , que aos cargos do Concelho assiste ,
Vigilante Ministro , assim o abona ;
Quando nos diz ; que do interesse Regio
Vossa attenção se preoccupa toda.

Mas que muito , que o credito daquelles
Assim vos busque , assim vos corresponda ,
Se por vós , ó Ministro esclarecido ,
Fallaõ cheyas de alento as mesmas obras !

Seguindo os vossos passos , desde quando
Pizais das Minas as montanhas toscas ,
Que couza ha , que não seja testemunho
Do zelo , que distingue as acçoens vossas ?

Diga-o do Sabará na Regia caza ,
Onde do Erario se regula a soma ,
Aquella perspicacia nunca vista ,
Aquella sempre vigilancia prompta.

Velando pelo Rey que segurança

Naõ tem os seus Direitos! menor sombra
 Naõ póde subsistir no engano indigno,
 Da maldade huma vez cerrada a porta.

Este o theatro foi, onde a virtude
 Mil padroens erigio á vossa gloria,
 Acreditando em diligencias graves.
 Do serviço Real vossa pessoa.

Sem temer as distancias, e os perigos
 Por asperos serçoens, empreza heroica,
 Desde lá vos conduz a ver os matos,
 Onde o Paracatu seu termo logra.

Alli provendo em equilibrio tudo,
 Quanto acredita da Justiça as normas,
 Desprezaste as calumnias; e sómente
 Dêste á verdade a subsistencia propria.

Vencidas neste giro (quem tal crera!)
 Mais de trezentas legoas, a derrota
 Terminais, respirando sem fadiga,
 Ao ver, que pelo Rey ella se abona.

Naõ bem cerraste os destinados dias
 Do cargo de Intendente, já sem nota,
 Que infame a rezidencia, o Rey vos chama;
 Já da Fazenda o Tribunal vos goza.

E para seres com mayor ornato
 Exposto a nossos olhos, vos colloca
 Na Junta da Bahia, entre os que a Béca
 Distingue, illustra, qualifica, approva.

Agora se outro alento me assistira,
 Eu descrevera as peregrinas provas,
 Que fizeste avultar, juntando á aquellas,
 Que a Fama em tanto giro admira absorta.

Eu déra a conhecer, que neste emprego

Resplendeceo vossa virtude, posta
 No mais distincto grão: dissera ao mundo;
 Que em vós do Erario se duplica a força.

A força se duplica; pois se aquelle
 Sustenta o Reyno dispendido, a nova,
 Interessante economia quanto
 O zela mais, he certo o augmenta, e dobra;

A practica piedoza, bem que inteira,
 De huma exacção ceder faz a demora
 Dos devedores; e arrecada o Cofre,
 Quanto a avareza em subterfugios forra;

O excesso das despezas se retrêa,
 O menos util se modera, e poupa;
 O mesmo, que faltava, agora cuida,
 Não só não falta já, antes já sobra,

Revolvem-se esquecidos monumentos,
 Que o tempo sepultava em cinza morta
 E porque tudo ao Regio Erario sirva,
 Por elles se entra em recençeo ás contas.

Oh! e que fructos deste exame tira
 A Fazenda do Rey! quantos se encontraõ
 Erros, e vicios, da maldade effeitos!
 Se este se averigua, este se nota.

Nunca das Minas o Paiz dourado
 Com tão crescidas, avultadas somas,
 Honrando o Real sello os cofres, pôde
 Ver tão soberba a Luzitania Frota.

Não só do Tribunal-junto á fadiga,
 Vos applicais, Senhor; mas vos remonta
 Novo cuidado a investigar os passos,
 Que abre o extravio por estranhas bocas.

Pela Comarca, aonde os verdes campos

Tem do Sapucahí banhado as ondas ,
 Atravessais , entregue ao Real serviço ,
 Os serotoens , que inda as feras mal povoão.

Os caminhos do engano só trilhados ,
 Por vós pizados são , por vós se cortaõ.
 Servem ao vosso zelo , ao vosso exame
 O fundo rio , a terra mais medonda.

Nada vos horroriza , nada embarga
 A illustre diligencia ; bem que aborta
 Furias o Inverno , cóleras o tempo ,
 Rotos os Ceos em tempestades grossas.

Védor Geral , fiada a vosso arbitrio
 A commissão da empreza mais custoza ,
 Com quanta reflexão vós encontramos
 Regulando as reclutas para as Tropas !

Attende-se á pobreza , ao dezamparo ;
 Com a clemencia a rectidaõ se informa :
 A tudo consultais dando os ouvidos
 A' Viuvá , ao Irmaõ , ao Pay , á Esposa.

Mas que muito , Ministro inimitavel ,
 Que muito obreis assim , se a vossa propria
 Lingua confessa , que ao serviço Regio ,
 Não o interesse , só vos chama a honra !

O amor só da virtude he , que dirige ,
 Iguais á vossa idéa as vossas obras :
 Conhecendo , que he ella de si mesma
 O premio , que mais val , que mais importa.

Por isso inda que ao merito distincto
 Falte a retribuição , só vos consola
 Aquella sempre maxima adoravel ,
 Que o Pay da liberdade amava em Roma.
 Contenta-se Cataõ , que a estatua sua

No Capitolio entre outras se não ponha ;
 Porque pergunte absorto o passageiro :
 Quem he , o que a Catao nega esta gloria ?

Tendes na fantazia sempre impressas
 As imagens do sonho , que ainda aponta
 De Masinissa a Côrte, quando ao Filho
 De Scipião se mostra a esfera toda.

Alli se vos descobre , que a primeira
 Obrigação de hum animo , que adora
 O esplendor da virtude , he, que sómente
 Se ame o seu Rey, a Patria se socorra.

Daqui vem , que he acerto tudo , quanto
 Imaginais , ou empredeis : suffoca
 A desgraça por vós o seu partido :
 Tudo serve ao prazer , tudo á lizonja.

Oh mil vezes feliz aquelle exemplo ,
 Que de vós se deriva ! se estudiosa
 A virtude pôdera retratarvos ,
 Quantas ao mundo repartira copias !

Nellas ensayaria para as Becas
 Illustres Magistrados ; menos pompa
 Trajarao sobre a Fama outros Consultos ;
 De que o corpo juridico blazona.

Os Flavios , os Hermogenes , os Elios ,
 Os Perfios , os Papyrios , os Mendonças ,
 Os Pêgas , os Macedos , os Pereiras ,
 Perderao junto a vós a gloria toda.

Vós com justiça igual dezempenhando
 De sabio o nome , entre virtudes outras ,
 Sois affavel , pacifico , prudente ,
 Sois liberal , benevolo ; isto sobra.

Affim dais a saber , que o vosso peito

Alenta aquelle fangue , que se adora ,
De hum Pay, de quem no emprego, q̄ occupara,
Ha de ser immortal sempre a memoria.

Affim mostrais , que ramo florecente
Sois de hum Irmaõ , que em dotes, em pessoa ;
Ennobrece do Reyno Luzitano
Tudo , o que o scetro em seus dominios doura.

Porque entre as perfeiçoens, que vos illustraõ
Ainda a mais accidental concorra ,
Athé mostrais , o quanto a natureza
Se dezempenha em vós, quando vos fórma.

Cheyos de actividade os olhos , dentro
Dos coraçõens , nos daõ , não sey , que mostras
De huma alma dominante : o que vos busca ,
Ao respeito , ao agrado igual se dobra.

Mas que debalde a examinar me empenho
Os vossos attributos ! Se se agoura
Pelos principios o progresso , quanto ,
Quanto o destino na esperança aponta !

Que commissoens , que emprezas vos auspica
O fausto Luzitano ! Ah ! Cerre embora ,
Cerre a porta o futuro ; porque á tanto
Não sobe a inculca lira , a Muza rouca.



FABULA

DO RIBEIRÃO

DO CARMO.

SONETO.

A Vós, canoras Ninfas, que no amado
 Berço viveis do placido Mondego;
 Que sois da minha lira docê emprego,
 Inda quando de vós mais apartado;
 A vós do patrio Rio em vão cantado
 O successo infeliz eu vos entrego;
 E a victima estrangeira, com que chego;
 Em seus braços acolha o vosso agrado.
 Vede a historia infeliz, que Amor ordena,
 Já mais de Fauno, ou de Pastor ouvida;
 Já mais cantada na silvestre avena.
 Se ella vos dezagrada, por sentida,
 Sabei, que outra mais feya em minha pena
 Se vê entre estas ferras escondida.

Aonde levantado

Gigante, a quem tocara,
 Por decreto fatal de Jove irado,
 A parte extrema, e rara
 Desta inculta região, vive Itamonte,
 Parto da terra, transformado em monte;
 De huma penha, que espoza
 Foi do invicto Gigante,
 Apagando Lucina a luminoza,
 Alampada brilhante,
 Nasci; tendo em meu mal logo, tão dura,
 Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
 Pela candida estrada
 Os pes movendo com gentil vaidade;
 E a pompa imaginada
 De toda a minha gloria n' hum só dia
 Trocou de meu destino a aleivozia.

Pela floresta, e prado
 Bem polido mancebo,
 Girava em meu poder tão confiado,
 Que athé do mesmo Febo
 Imaginava o throno peregrino
 Ajoelhado aos pes do meu destino.

Naõ ficou tronco, ou penha,
 Que não desse tributo
 A meu braço feliz; que já desdenha,
 Dispotico, absoluto,
 As tenras flores, as mimozas plantas,
 Em rendimentos mil, em glorias tantas.

Mas ah! Que Amor tyranno
 No tempo, em que a alegria

Se aproveitava mais do meu engano ;
 Por aleivoza via
 Introduzio cruel a desventura ,
 Que houve de ser mortal ; por não ter cura,
 Vizinho ao berço caro ,
 Aonde a Patria tive ,
 Vivia Eulina , esse prodígio raro ,
 Que não sei , se inda vive ,
 Para braço eterno da belleza ,
 Para injuria fatal da natureza.

Era Eulina de Aucollo

A mais prezada filha ;
 Aucollo tão feliz , que o mesmo Apollo
 Se lhe prostra , se humilha
 Na copia da riqueza florecente ,
 Destro na lira , no cantar sciente.

De setis primeiros annos
 Na belleza nativa ,
 Humilde Aucollo , em ritos não profanos ;
 A bella Ninfa esquivava
 Em voto ao saero Apollo consagrara ;
 E delle em premio tantos dons herdara.

Trez lustros , todos d'ouro ,
 A gentil formozura ,
 Vinha tocando apenas , quando o louro ;
 Brillante Deos procura
 Acreditar de Pay o culto attento ,
 Na grata aceitação do rendimento.

Mais formozza de Eulina
 Respirava a belleza ;
 De ouro a madeixa rica , e peregrina
 Dos coraçãoes faz preza ;

A candida porção da neve bella
Entre as rozadas faces se congela.

Mas inda, que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meu destino, que huma dura,
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor; para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quaze me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a féreza,
Busquei na minha industria o meu despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de hum roubo (oh mizero delicto!)
A ventura de hum bem, que era infinito.

Sabia eu, como tinha
Eulina por costume,
(Quando o mayor Planeta quaze vinha
Já desmayando o lumê,
Para dourar de luz outro horizonte)
Banhar-te nas correntes de huma fonte.

A fugir destinado
Com o furto preciozo,
Desde a Patria, onde tive o berço amado;
Recolhi numerozo
Thezouro, que roubara deligente
A meu Pay, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
 De hum bosque á fonte perto,
 Esperava o portento appetecido
 Da Ninfa; e descoberto
 Me foi apenas, quando (oh dura empresa!)
 Chego; abraço a mais rara gentileza.
 Quiz gritar; opprimida
 A voz entre a garganta
 Apollo? diz, Apoll... a voz partida
 Lhe nega força tanta:
 Mas ah! Eu não sei como, de repente
 Densa nuvem me poem do bem auzente)
 Inutilmente ao vento
 Vou estendendo os braços:
 Buscar nas sombras o meu bem intento:
 Onde a meus ternos laços..!
 Onde te escondes, digo, amada Eulina?
 Quem tanto estrago contra mim fulmina?
 Mais hia por diante;
 Quando entre a nuvem densa
 Aparecendo o corpo mais brilhante,
 Eu vejo (oh dôr immensa!)
 Passar a bella Ninfa, já roubada
 Do Numen, a quem fôra consagrada)
 Em seus braços a tinha
 O louro Apollo preza;
 E já ludibrio da fadiga minha,
 Por amorosa empresa,
 Era despojo da Deidade ingrata
 O bem, que de meus olhos me arrebatara
 Então já da paciencia
 As rédeas deatadas,

Toco de meus delirios a inclemencia :
E de todo apagadas
Do acerto as luzes , busco a morte impia ,
De hum agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando ,
E sobre mim cahindo ,
Na funesta lembrança soluçando ,
De todo confundindo
Vou a verde campina ; e quaze exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue,

Inda não satisfeito
O Numen soberano ,
Quer vingar ultrajado o seu respeito ;
Pérmittindo em meu damno ,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
De minha desventura
Triunfe sobre a tragica mudança
Dos annos , sempre pura ,
Do sangue , que exhalei , ó bella Eulina ,
A cor inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende ;
E sobre o mesmo estrago , que me assiste ;
Mayor ruina emprende :
Que chegando a ser impia huma Deidade ;
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha ,
Dos thezouros preciozos
Chegou noticia , que eu roubado tinha ,
Aos homens ambiciozos ;

E crendo em mim riquezas tão estranhas ;
 Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido o ferro duro

Na abrazadôra chama

Sobre os meus hombros bate tão seguro ;

Que nem a dor , que clama ,

Nem o esteril desvello da porfia

Dezengana a ambicioza tyrannia.

Ah Mortais ! Athé quando

Vos cega o pensamento !

Que maquinas estais edificando

Sobre tão louco intento ?

Como nem inda no seu Reyno immundo

Vive seguro o Bárathro profundo !

Idolatrando a ruina

Lá penetrais o centro ,

Que Apollo não banhou , nem vio Lucina ;

E das entranhas dentro

Da profanada terra ,

Buscáis o desconcerto , a furia , a guerra.

Que exemplos vos não dicta

Do ambiciozo empenho

De Polidoro a mizera desdita !

Que perigos o lenho ,

Que entregastes primeiro ao mar salgado ;

Que dezenganos vos não tem custado !

Em fim sem esperança ,

Que allivios me permita ,

Aqui chorando estou minha mudança ;

E a enganadôra dita ,

Para que eu viva sempre descontente ,

Na muda fantazia esta presente.

Hum murmurar sonoro
 Apenas se me escuta ;
 Que até das mesmas lagrimas , que choro ,
 A Deidade absoluta
 Não consente ao clamor , se esforce tanto ,
 Que mova á compayxaõ meu terno pranto ?

Daqui vou descobrindo
 A fabrica eminente
 De huma grande Cidade ; aqui polindo
 A desgrenhada frente ,
 Mayor espaço occupo dilatado ,
 Por dar mais dezafoço a meu cuidado .

Competir não pertendo
 Contigo , ò cristallino
 Tejo , que mansamente vas correndo :
 Meu ingrato destino
 Me nega a prateada magestade ,
 Que os muros banha da mayor Cidade .

As Ninfas generozas ,
 Que em tuas prayas girão ,
 O placido Mondego , rigorozas
 De ouvir-me se retiraõ ;
 Que de sangue a corrente turva , e feya
 Teme Ericina , Aglaura , e Deyopéa .

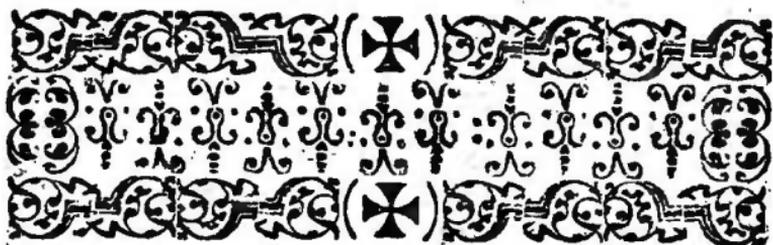
Não se escuta a harmonia
 Da temperada avena
 Nas margens minhas ; que a fatal porfia
 Da humana sede ordena ,
 Se attenda apenas o ruido horrendo
 Do tosco ferro , que me vay rompendo .

Porém se Apollo ingrato
 Foi cauza deste enlevo ,

Que muito , que da Muza o bello trato
Se auzente de meu feyo ,
Se o Deos , que o temperado côro tece,
Me foge , me castiga , e me aborrece!

Em fim sou , qual te digo ,
O Ribeirão prezado ,
De meus Engenhos a fortuna figo :
Commigo sepultado
Eu choro o nieu despenho ; elles sem cura
Choraõ tambem a sua desventura.





ECLOGAS.

OS MAYORAES

DO TEJO.

ECLOGA I.

Montano, Corebo, Lize, e Laura.

E U canto os dous Pastores,
 Que o Tejo cristallino
 Na bella margem vio : canto o divino

** Nas Reais nupcias dos Serenissimos Principes, a Senhora D. Maria, Princeza do Brazil, e o Senhor Infante D. Pedro.*

Assumpto dos amores,
 Que de inveja, e de agrado
 O Ceo, a terra, o mar tem namorado;
 Tambem das Ninfas bellas,
 Que Amor vio abrazadas,
 Os numeros entôo: se entre aquellas
 Cadencias delicadas,
 Rude o som de meu canto
 Se faz digno, Senhor, de obzequio tanto;
 Tu do semblante augusto,
 Tu da frente serena,
 Infante generoso, invicto, e justo,
 Em quanto sôa a avena,
 Teu magnanimo alento
 Communica a meu debil, rouco accento;
 E Tu, que os Teus altâres,
 Princeza soberana,
 Dilatas na extençaõ de ambos os mares;
 Que Thetis, mais que humana,
 Em melhor hemisferio,
 Te adoptas do Brazil o grande Imperio.
 Em quanto montes d'ouro,
 Brilhante pedraria,
 Desde o Rio da Prata ao Tejo louro
 A America te envia,
 Lá dessa gloria summa,
 A ouvir os meus votos te acostuma:
 Aonde o Tejo claro
 Seus braços mais estende,
 Onde a corrente, em circulo mais raro,
 Grande parte comprehende
 Daquella alta Cidade,

Regio solar da Luza Magestade.

D' hum lado , e d' outro lado
 Se estende huma campina ,
 Em que traz a pascer o manso gado
 Tanto a formozza Eulina ,
 A filha de Silvano ,
 Como o destro Corebo , o fiel Montano.

Em huma tarde , quando

Os muzicos Pastores

Ao som da acorde flauta recitando

Estavaõ seus amores ,

Nas vozes , que afinavaõ ,

Deste modo a cantar se preparavaõ.

Cor. Já que estamos , Montano , neste monte ,

Sem outra companhia , em quanto o gado

Buscando as doces aguas dessa fonte ,

Vem concorrendo d' hum , e d' outro lado ,

Aqui deste salgueiro

Sentados junto á sombra , eu te requieiro ,

Torna-me a repetir aquella historia .

Que toda esta minha alma encheo de gloria.

Mon. Dos nossos Mayoraes a grande festa ,

Corebo , quem a vio , já mais se faria

De a contar : mas em quanto a fresca festa

A nós se chega , em quanto o Sol se aparta ,

Tomando a flauta doce ,

O cazo contarei ; mas ah ! Se fosse

Minha voz taõ suave , e taõ divina ,

Como aquella , que pede acção taõ digna !

Cor. Toma o teu instrumento : elle he taõ brando ,

Que se inda agora Tityro vivera ,

Porque melhor pudesse ir entoando ,

No canto de Amarillis o quizera.
 Parece, que os rochedos
 Se abalaõ já do centro: os arvoredos
 A habitaçã deixando da espessura,
 Vem promptos a escutar tanta brandura.
Mon. Effeitos são daquelle heroico objecto,
 Que eu tomo nos meus versos: maravilha
 Não he, que possa tanto o grande affecto,
 Com que o meu rendimento o voto humilha.
 A historia prodigioza
 Escuta, Pastor meu; ouye a ditoza
 Uniaõ dessas almas, que tem dado
 A' memoria do mundo hum tal cuidado.
 O dia venturozo
 Para nós se chegava,
 O dia, em que no carro luminozo
 O Sol mais abrazava:
 De rizo, e de alegria
 O Ceo, a terra, o mundo se cobria.
 Mais que nunca suaves,
 Ao despertar da Aurora,
 De ramo em ramo as sonorozas aves,
 Sobre os campos de Flora,
 Alegres vem saudando
 Da fresca manhaã bella o rosto brandoz;
 As arvores copadas
 Orvalho cristallino
 Derramaõ sobre a relva: restauradas
 A influxo peregrino,
 Do inverno, que as rendera,
 Formaõ as flores nova primavera.
 Os Genios da espessura

Então mais concertados
Andão mostrando annuncios da ventura.
Vem-se os campos cercados
De avizos superiores,
Mandados delde o Ceo para os Pastores;
Hum salgueiro, que havia
Deixado a pompa verde,
De repente (oh affombro !) se vestia
Das folhas, que em vaõ perde ;
E em prodigios mayores
As meimas folhas deraõ logo flores.
Duas rôlas, cantando
Naquelle fovereira,
Docemente se estavaõ namorando ;
Huma, e outra ligeira
Com suave reclamo,
De folha em folha vaõ, de ramo em ramo.
Por entre o trigo louro
Discorre hum vento brando,
Qual nunca se sentio : hum branco touro,
Entre os outros brincando,
Trez vezes nessa praya,
A correr á porfia os mais enfaya.
Athé dessa ribeira,
Que nos fica vizinha,
Se vio chegar á praya derradeira
Hum Delfim ; o qual tinha
Sobre a escama enlaçadas
As ramas de coral, ao Sol qualhadas.
O mar vinha trazendo
De conchas exquisitas
Huma grande abundancia : estaõ-se vendo

94 E C L O G A I

Pérolas infinitas,
 Que no centro occultava;
 Que de gosto talvez o mar as dava;
 De Pan, e de Hymeneo,
 Deidades sóberanas,
 Se escuta publicar o alto trofeo:
 As glorias mais, que humanas,
 Os Pastores entoão;
 As sacras Divindades apregoão.
 Estaõ por toda a parte
 As tochas incendiadas,
 De Hymeneo: o festejo se reparte
 Entre as Ninfas luzidas,
 Cercando em roda as rêas
 Nayades, Hamadryades, Napéas.
 Pódem ver-se os Silvanos,
 Os Satyros das covas
 Deixar o triste abrigo: mais que ufanos,
 Em seus hymnos, e trovas,
 Com tal contentamento,
 Que enchiaõ de alegria o mesmo vento.
 Qual fiando a memoria
 Ao corpolento cedro,
 Por triumpho da nunca vista gloria,
 Lavra o nome de PEDRO:
 Qual compete á porfia,
 Nas fayas entalhando o de MARIA:
 Os nomes venturozos
 Se lem por toda a parte:
 Trabalhaõ por fazellos mais ditozos
 A natureza, e arte;
 Porque nos troncos cresçaõ;

Porque nos mesmos troncos reverdeão.

Dametas, e Corino,

Os muzicos Pastores,

Que entre nós tem louvor quaze divino;

Entoando os amores

Da Ninfa, e caro Esposo,

Hum cantico differaõ portentozo.

Aqui sobre estes troncos

Huma letra se attende;

Composta por Alcino: inda entre os broncos

Debuxos te comprehende,

E diz... chega-te, Amigo;

Mas não: esenta tu; porque eu a digo;

Cor. Ao longe eu vejo; espera, meu Montano;

Eu vejo apparecer; ao que imagino,

O meu bem, se talvez me não engano:

Sim a bella Pastora, o peregrino

Encanto desta vida.

Ella he: oh que jubilo convida

A face alegre, a vista delicioza

De Ninfa tão gentil, e tão formoza! (*ra;*

Mon. Qual vem com ella, attende, a branca Lau-

Do côro em fim das Nayades o mimo!

Formoza he Lize sim, formoza Aglaura;

Mais que todas formoza a Laura estimo.

Cantando vem as bellas,

Arrastando a seu cantico as estrellas:

Ouçamos, o que dizem: mas eu creyo;

Que de chegar aqui teraõ receyo.

Esta mata frondoza, esta espessura

Commodidade daõ; onde escondidos

As podemos ouvir; e tu procura,

Que Lize não perceba os teus gemidos,
 Em quanto ellas cantando
 Para nós descuidadas vem chegando,
 Ao numero Amabeo nos ajustemos;
 E juntos os seus hymnos alternemos.

Entenderão, que os Satyros das covas
 Sua voz acompanhão, ou que as penhas
 Repetem desde longe aquellas trovas,
 Que ellas entoão lá: não te detenhas;
 Entra nesta espessura;

Que as Ninfás vem já perto: ah que ventura
 Que gloria para nós não esperada
 Trouxe a sorte esta vez menos pezada!

Cor. Já não tardo a seguir-te; porém temo
 Que fossêmos já vistos: he muy alto
 Aquelle oiteiro. Desgraçado extremo
 De hum infeliz; pois tudo he sobresalto!
 Não sei, se dessa gruta
 Seja melhor buscar a estancia bruta,
 Ou se melhor apparecer-lhes seja.

Mon. A quem não matará da forte a inveja!
 Já Laura me diviza: o seu aceno
 Me deu já a entender, que me descobre.

Cor. Lize me vio com rosto mais sereno
 He acertado, que me não foçobre.

Cheguemos desde agora,
 Cheguemos a encontrallas: erro fôra
 Taõ rustica mostrar a natureza,
 Que se negue hum Pastor a huma belleza.

Mon. Se vens, Ninfa, buscando o verde prado,
 Para lhe dar prazeres e alegria,
 Tem dó tambem de hum peito magoadô,

Que vive só da pena, e da agonia.

Cor. Se o pensamento teu vem conduzido ;
Divina Lize ; a rogos de minha ancia ,
Eu te quero seguir ; que o meu gemido
Te busca sempre com mayor constancia.

Laur. Montano ; o digno assumpto de meu canto
Lugar me não consente ; para ouvir-te ;
Deixa ; Pastor amado , deixa o pranto ; (te.
Prompta me hasde encontrar ; prompta a servir-

Liz. Agora he ley forçoza de meu gosto ;
Corebo meu , que tomes o instrumento ;
Deixa as magoas ; Pastor ; deixa o desgosto ;
F vem acompanhando o nosso accento.

Man. Não es tu a cruel ; que em tanta idade
Já mais ouviste hum dia os meus gemidos ?

Cor. De tua , mais que barbara ; impiedade
Como abrandou meu rogo esses ouvidos ?

Laur. Montano , não porfies : em meus eccos
Attende o peregrino , objecto amado ;
A cujo doce accento os troncos seccos,
Os marmores talvez tenho abalado.

Eu trago de memoria a canilena ,
Que Corinó compôs , quando o seguia
Dametas , o Pastor , que a doce avena
No cantico amabeo soar fazia.

Lize , e mais eu a vinhi mos agora
Repetindo ; e tão bella se mostrava ,
Que no acorde trinar da voz sonora
A alma atraz do canto arrebatava.

Liz. Corebo a pôde ouvir , pois que presente
Não esteve á função do Hymeneo sancto :
Elle nos acompanhe juntamente ;

Pois tanta suavidade tem no canto.

Mon. O Ceo essa fortuna lhe guardava;

Porque ha pouco a Corebo eu repetia.

A grande historia; e quaze se apressava

A lèlla nesse tronco, aonde a via.

Agora folgarei de acompathar-te;

E para que de ti mais o mereça,

Este cajado toma; aonde em parte

Reconhecer teu merito pareça.

Obra foi do divino Alcimedonte;

De flores o engastou: onde a mão dobra;

Vê, como as pedras une destramente,

Variando a côr: tu viste melhor obra?

Côr. Pois eu, Lize gentil, inda que ponha

Quantos gados, e campos eu possua,

Nada te venho a dar; porque he vergonha

Que outra couza te dê; quando a alma he tua

A parelhá melhor do meu rebanho,

Aquella, que he de pelle remendada,

A flauta, com que agora te acompanho;

Tudo em fim te darei, se tudo agrada.

Laur. Arvores (eu começo) deste oiteiro;

Que enverdecendo estais na primavera,

Chegai a ouvir meu canto lizongeiro.

Liz. Eu canto aquella Ninfa, que pudera

Dar vida ás tenras flores, alma às plantas;

Como Venus ás rozas já fizera.

Mon. Branda corrente, tu, q' o gosto encantas,

Hum retrato me pintas nessa fonte

Do primorozo Ceo de graças tantas.

Côr. Eu vi, quando desciaõ desse monte

As Ninfas na formoza companhia

Com o canto alegrando este Orizante.

Laur. De gosto os cabritinhos nesse dia
Deixarão de buscar o succo amado,
Esquecidos das máys na relva fria.

Liz. O trovaõ, que soava d'este lado,
Agouro era semente da ventura;
Uyvar se não ouvia o lobo irado.

Mon. O Mõcho não grafava na segura
Rama daquelle choupo; onde outras vezes
Grafnar se ouvira pela noite escura.

Cor. A ti se há de eortar das nossas rezes
A victima perpetua: o sacrificio
De nosso humilde voto não desprezes.

Laur. Do culto de hum Pastor pequeno indiciõ;
Eu tenho de trazer-te o mel dourado,
Se tanto á minha supplica es propicio.

Liz. De propria mão o fructo fazonado
Eu colherei, levando juntamente
Dous recentais, que tenho aparelhado.

Mon. Se estou ao som da flauta mal cadente
Enfayando esta voz desconcertada,
He para a dedicar a ti semente.

Cor. Se apascento esta rustica manada,
He por ver, se entre a mizera pobreza
De hum Pastor inda ha couza, que te agrada.

Laur. Não foi Glauce formosa: a gentileza
Da linda Galatêa já não deve
Da nossa acorde flauta ser empreza.

Liz. Por ti já me parece escura a neve:
Não he tão encarnada a fresca roza;
A comparar-se a ti nada se atreve.

Mon. Derivada do Ceo prole formosa

De Jove, que respiras do semblante,
Sobre a vida mortal, luz mais preciosa.

Cor. Ah quanta gloria deste laço amante
Se espera conseguir! A paz do mundo,
A dita dos mortaes por ti se cante.

Laur. Para apertar o vineulo jucundo,
O fangue traz o fio, Amor o tece;
Assim te lavra o thalamo fecundo.

Liz. Nesta amena campina reverdece
A memoria dos Reys, segredo raro
Que de Manthua o Pastor saber merece.

Mon. Logra Amor o triunfo mais proclato;
Que junta a Magestade à formozura,
Não precisa a virtude de outro amparo.

Cor. Tu es do nosso Jove imagem pura;
Ao grande Deos do Ceo bem te pareces
Nessa alma toda afagos, e ternura. (reces

Laur. Tu, Ninfa, entre as mais Deozas só me
Este obzequio, que agora satisfação,
Que entre ellas sobre todas resplendesces.

Liz. Será sempre immortal o terno laço,
Que o não pôde cortar a morte feya,
Nem da fortuna o movimento escaço.

Mon. Feliz foi o agouro; nem se creya,
Que me engana de louca a fantazia,
Ou que o meu pensamento me recreya.

Cor. Eu o vi nessa estampa, que luzia
Na outra parte do Ceo sobre a direita;
E n' alma trago impressa a profecia.

Laur. A memoria feliz nesta alma aceita
Fixa sempre se guarda, sempre pura,
Qual não pôde acabar a sorte estreita.

Liz. Huma palma triumphal ao Ceo segura
 Se via remontar, que se enlaçava
 Das ramas de huma vide : huma escritura
 Desta sorte o segredo declarava.

SONETO.

SE este Tronco adorado dos Pastores
 Do tempo está zombando taõ robusto,
 Esta vide enlaçada ao Tronço augusto,
 Fará que os seus braçoens sejaõ mayores,

Brotando fructos, fazonando flores
 Se verá triumphar do fado injusto;
 Sem que da ley mortal se atreva o susto
 A profanar seus claros resplendores.

Feliz do patrio Tejo o aureo terreno;
 Que Amor quiz, que dispôs a sorte avara,
 Fosse de arvores tais o sitio ameno,

Quanta ventura, quanto bem declara
 Este sinal, que pinta o Ceo sereno!
 Oh Tronco generozo! Oh Planta rara!

Cor. Depois que abraza o Sol a secca terra,
 Não he taõ agradavel para as plantas
 O chuveiro do Ceo, que os ares cerra,
 Qual foi para a minha alma, quando cantas;
 Ouvir na tua flauta a doce historia,
 Com que tu me arrebatas, e me encantas.

Na bella competencia desta gloria
 Quem me dera passar a noite, e dia,
 Sem trazer outra couza na memoria!

Mon. Comtigo , caro Amigo , eu gostaria
De consumir o tempo ; mas o gado
Anda correndo solto a relva fria.

Algum se acolhe ao mato emmaranhado ;
Fugio-me o meu Barozo ; já não vejo
Onde se foi meter o meu Bargado.

Cor. Eu vou juntar as cabras ; que dezejo
Não trepem sobre aquella penha dura ,
Que fica lá fronteira ao manso Tejo.
Adeos , Montano , adeos ; que he noite escura.

Aqui cessava o canto
Dos muzicos Pastores :
E se do teu influxo a esforço tanto
Imito estes Cantores ,
Tu , generoso Infante ,
Faze que as Tuas glorias sempre cante ;

Verás , que ao nosso rio ,
Verás , que ao campo nosso ,
Sentado junto ao alamo sombrio ,
Se tanto acazo posso ,
Em suave harmonia ,
O teu nome repito noite , e dia.



FILENO

ECLOGA II.

NA margem deleitoza
 Do cristallino Tejo
 Sentado hum Pescador, a pobre rede
 Em quanto tem nas prayas estendida,
 Ao longe huma harmonia,
 Nunca ouvida já mais, ao longe escuta
 Hum çanto tão sonoro,
 Que nem Glauco suave, nem o cego
 Amante da formozza Galatêa,
 De Sicilia entoou na branca arêa,
 Corino era, que vinha
 Da aldêa já voltando; onde o pescado
 A vender estivera: alli no povo
 Huma noticia achou, a qual em trovas,
 Por hum Pastor discreto
 Ordenadas ao som da açorde avena,

Os annos d'El-Rey.

Trazia para o mar; quando aos ouvidos
 Foi mais proximo o som. Eu, que attendia;
 Ellas doces cadencias percebia.

Que alegria, que gosto
 Ao mundo communica
 O nosso Mayoral! O grato rosto
 Do jubilo se explica
 Pela voz dos Pastores,
 Tityro; e Alcimedon, grandes cantores;

Os campos neste dia
 Se cobrem de verdura;
 Pasta o gado contente a relva frita;
 E na verde espessura
 Novo contentamento
 Desterra toda a sombra do tormento.

Os Satyros das covas,
 Deixando o caro abrigo,
 Do seu rendido amor vem a dar provas:
 Elles trazem consigo
 De Ninfas delicadas
 Igualmente as mais bellas, e engraçadas;

Em concertados hymnos
 Sôa toda a floresta;
 Pastores mais gentis, mais peregrinos
 Concorrendo na festa
 Do Mayoral, oh quanto
 Agradavel se faz seu doce canto!

Hem louva a providencia
 Com que a tudo consulta;
 Outro applaude entre todos a excellencia;
 Com que o seu genio avulta;
 Tornando venturozos

Deste campo os Pastores mais ditozos.

Já torna ao nosso mundo

Aquella idade de ouro :

O campo sem cultura já fecundo

Produz o trigo louro.

Tudo está melhorado

A montanha, a campina, o valle, o prado

A nós torna a innocencia

Do seculo primeiro :

Torna a Justiça, as Graças, a Clemencia ;

Que do tempo grosseiro

Desterrara a maldade.

Oh feliz estação ! Oh doce idade !

Assim cantava, quando

Ao chegar o seu barco

Junto a margem frondoza

Hum pouco se calou : eis entre tanto

Dos versos, que lhe ouvia,

Applicando huma parte ao tosco alento

Da flauta piscatoria, desta sorte

A seu modo dispunha,

Das prayas, onde estava,

Fileno, o Pescador, que o escutava:

SONETO.

A Assim como o Pastor, tambem o pobre ;

O rude Pescador lá desde a praya,

Onde primeiro o Sol nas ondas raya,

Do seu voto a innocencia não encobre.

Se elle cantando alegre se descobre
 Talvez á sombra da copada faya,
 Igual o nosso canto aqui se ensaya
 Ao susurro do mar, que a penha cobre!
 Póde render ao Rey talvez Corino
 Desde a rustica choça o branco leite,
 O mel dourado, o pomo peregrino;
 Mas espero eu tambem, que elle me accite
 A rama de coral, que por tao fino
 A coroa lhe esmalte, o scetro enfeite.



ALBANO

ECLOGA III.

~~~~~

*Louva-se a pacificação da guerra, mediante  
d direcção do Illustrissimo, e Excellentissimo Sen-  
hor Sebastião Foz de Carvalho, e Mel-  
lo, Conde de Oeyras, Primeiro Mini-  
stro de Portugal, &c.  
&c. &c.*

*Offerecida ao mesmo Senhor*

*Juxta illud Ovid. Trist. Si poteris vacuo tradis,*

---



---

MO MO  
ILL. E EX. SNR.

**E** Ntrou em Roma o Pastor de Mantua; e  
dos beneficios, que lá recebera, tirou a  
consequencia, de que devia adorar por Deos

ao seu Augusto (a). Continuou com o genio dos montes a fazer estimavel a flauta ; e não tardou a equivocar entre os louvores de Augusto as glorias de Pollião. Transportado aos agouros da felicidade promettida, levou o pensamento à dureza dos carvalhos : delles disse : veria tempo , em que das suas vêas nasceria a torrente do mel suave. (b)

Estes dous lugares do Poeta Latino são , Excellentissimo Senhor , os que deraõ alento à minha Muza ; para fazer chegar à presença de V. Excellencia a Ecloga de Albano. Eu não distingo , se canto de Augusto , se de Pollião : sei : que he constante ao mundo , deveo Portugal na presente guerra todos os principios da sua inexplicavel felicidade à direcção prudentissima de V. Excellencia.

Não he este o unico argumento , que se nos tem dado do zelo , da vigilancia , da actividade , que a nosso beneficio respira em todas as distinctas acçoens de V. Excellencia. O seu Ministerio felicissimo foi para nós huma nova idade de ouro ; que fez produzir a terra sem fadiga ; tornou innocentes os genios , restituiu ao mundo a Justiça. Estes são os fructos , que se comparaõ ao mel ; onde tudo he delicia , e tudo suavidade.

Reflectindo no preciozo sobrenome de V.

(a) *Namque erit ille mihi semper Deus ; illius aram  
Sæpe tener nostris ab ovilibus imbuet agnus.*

(b) *Et duræ quercus sudabunt rpscida mella.*

## DEDICATORIA: 109

Excellencia , do que noto , e do que admiro , tomo , Senhor , a certeza de estar em tudo comprida a profecia do Manthvano. (c) E mendigando do Poeta Portuguez as expressoens, com que disse =

Em quanto do seguro Azambúgeiro  
Nos Pastores de Luzo houver cajado ,  
Passo, com as mais ajustadas circumstancias, a cantar a segurança da Monarquia Portugueza ;  
em quanto do seyo de hum carvalho fructificar o mel , que fertiliza os campos.

Oh ! e que materia de agouros felicissimos me não prometem as inescrutaveis maximas da alta encyclopedia de V. Excellencia! Que glorias , que beneficios não assegura a Portugal o seu adoravel Ministerio ! Fallem calcados de frotas os mares : diga-o cheya de fabricas a terra. ( d ) Athé aqui se adorava o estranho : agora já se faz desperdicio do proprio : amou-se a esterilidade ; já se não estima a abundancia : Epoca mil vezes glorioza aquella , que do nome de V. Excellencia poder ostentar a vaidade !

Este argumento , Excellentissimo Senhor , era mais digno da cithara dos Homeros , que da rudeza da minha flauta. Têção outros as Epopéas , dos preciosos louvores , que a V. Excellencia se devem : eu pedirei às Muzas ,

---

(c) *Teque adeo decus hoc tui, te consule, inibi  
Pollio, & incipient magni procedere menses,*

(d) *Omnia feret omnia tellus,*

## 110. DEDICATORIA

que por mim o digaõ; já que eu não posso. (2)  
- Sayo dos montes; vivo na incultura; com-  
munico a rusticidade: não he muito, que r-  
do, o que concebo seja dissonancia, e seja  
barbarismo tudo, o que pronuncio. V. Excel-  
lencia attenda ao meu animo, e não se of-  
fenda do obzequio. Talvez que não sem acor-  
do buscasse o genio do campo, quem per-  
tende na simplicidade do estilo acreditar a in-  
trocencia do voto. Deos guarde a V. Excel-  
lencia, &c.

---

(e) *Dicite, Pierides: non omnia possumus omnes.*

De V. Excellencia

O mais humilde servo

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

---



---

# ALBANO

## ECLOGA III.

Salicio , Alcino , Melibeo

---



---

**D**E Alcino, e de Salicio ;  
 Aquelles dous cantores ,  
 Que da voz , e da flauta no exercicio ;  
 Daõ assumpto aos Pastores ,  
 Benigno Apollo ordena ,  
 Que eu repita , o que ouvi , na doce avena ;  
 Tu , Mûza , que ensayada  
 A' sombra dos salgueiros ,  
 Esta inculta regiaõ viste animada  
 Dos eccos lizongeiros ,  
 Hum novo empenho agora  
 Commigo entõe a lira mais sonora ;  
 As iras de Amarillis ,  
 De Licida os extremos  
 Basta jã de cantar , basta de Filis ;  
 Couzas dignas cantemos ,  
 Dignas pela grandeza .

118 E C L O G A III.

De estampar-se dos cedros na dureza:

Para estender meu brado,  
 Igual à aquelle empenho,  
 Que eu concebo no assumpto levantado;  
 Não basta ao tofco engenho  
 Nem esforço, nem arte,  
 Se Vós no canto meu não tendes parte!

Vós, Conde, que cingido  
 De verdes resplendores,  
 Sobre a fama levais o vôo erguido,  
 Que do peito em ardores  
 A virtude alentando,  
 O nome à eternidade ides mandando!

Vós, que de alta grandeza  
 Brotando ramo illustre,  
 Devendo tanto esmalte à natureza;  
 Mayor augmento, e lustre  
 Buscais ao sangue egregio  
 De cada acção, que obrais, no fasto regio;

Se as fortunadas horas,  
 Que à minha flauta entrego,  
 De vós, Senhor, são dignas, as sonoras  
 Dryadas do Mondego,  
 Vos prometto, que eu veja,  
 Cheyas por mim d'huma amorosa inveja.

De Meandro, e Caystro  
 Cessarão as memorias;  
 Do Douro aos Ganges, e do Tejo ao Istro,  
 As Luzitanaç glorias  
 Levará o meu canto,  
 Se o patrio Ribeiraõ me inspira tanto;  
 Ouyi do grande Albanq

Que bem o nome sôa :  
 Que se no exemplo não me engano,  
 Alcino, vós pregoa :  
 De vós, Heroe distincto,  
 As côres tiro, com que a Albano pinto,

A tarde já cahia ;  
 E o Sol mais temperado  
 Seu rosto dentro da agua recolhia,  
 Quando n'hum verde prado  
 Salicio se avistava

Com Alcino, que acazo alli chegava,  
 Distante está do Tejo  
 O sitio peregrino ;  
 E bem, que a Alcino atraz do feu dezejo  
 Conduzira o destino  
 A ver da Côrte o estado,

Para o campo outra vez tinha voltado,  
 Largas horas havia,  
 Que estavaõ praticando  
 Em Laura, e Dinamege, na porfia  
 De conversa mudando  
 Salicio assim se avança :

E Alcino de escurallo se não cança,  
 Sal. Conta-nos, o que ouviste, o que notaste,  
 Alcino meu, naquella grande Côrte  
 Para onde ha tanto tempo te apartaste,

Explica-nos, Pastor, o como a sorte  
 Assim se melhorou ; que já se atizenta  
 Do neste campo a guerra, á fome, e á morte,

Deos sabe, quanto susto esta tormenta  
 Fez aquinhante nós, a viver, que vião

O inimigo com mão dura, e violenta.

Esses campos d'alem, dizem, que tinha  
Destruído, e arrazado; sem que nada  
Lhe contivesse furia tão damninha.

Todos se torão pondo em retirada,  
Salvando cada qual por modo estranho,  
Aquelle o fato teu, este a manada.

Eu, que estava esperando mal tamanho,  
Não quiz daqui fugir; porque a pobreza  
Me não dá, que perder, choça, ou rebanho.

Tu sabes, que não sei, o que he riqueza;  
Que passo aqui contente noite, e dia,  
Zombando da ambição, e da avareza.

Nisto agora conheço a primazia,  
Que levó aos meus Serranos: elles tremem;  
Eu faço do inimigo zombaria.

*Alc.* No mal commum, Salicio, todos gemem:  
E se tu de fortuna hoje melhoras,  
Não escarneças tanto dos que temem.

De melhor condição acazo fôras,  
Se o lobo matador aqui chegasse  
A tingir no teu sangue as mãos traidoras?

Imaginas, que só se contentasse  
Co'a pobreza do fato? Que sómente  
Os cabritos comesse; ou os roubasse?

Disgraçado de ti, que es innocente!  
Fôras tu, por onde eu andei girando,  
Tu viras, o que vai por essa gente.

Tu viras hum' filhinho soluçando  
Pelo Pay, que lhe morre; o outro viras  
Pom falta de sustento andar chorando.

Lá vão as sementeiras: que te admiras!

Tudo levou o fogo : o campo verde

Foi posto do inimigo ás cruéis iras.

Que importa, que este mais devêzas herde!

Que aquelle, rãis possua; se no estrago

Cada hum á proporção seu tanto perde!

Eu perco mais que todos; porque trago

Apenas o meu fato a salvamento;

Que a mudança me deu este bom pago.

Cuidei achar melhor acolhimento

Nos Pastores da Serra; andei errado

Em deixar deste campo o doce assento.

Depois passei-me á Côrte, a ver o estado

Das couzas, como lá se governavaõ:

Ah! Que de quanto vi, fiquei pasmado:

*Sal.* Não té fallo no tempo, em que pastavaõ,

Teus gados sobre a Serra; eu sei, que tudo

Perdeste, como os mais, que lá se achavaõ.

Mas depois que passou teu genio rudo

A amparar-se da Côrte he, que eu quizera

Saber, o que lucraste nesse estudo.

*Alc.* Inda que outra ventagem não tivera,

Muitas vezes feliz a minha dita

Em ver o meu Albano conhêtera.

*Sal.* Quem he o teu Albano? Aonde habita?

Que genio, condição, ou qualidade

Tanto affim entre os nossos o acredita?

Naõ sabe Pastor daqui para a Cidade,

Que em voltando de lá, delle não conte

Couzas dignas de grande novidade.

*Alc.* E crês tu, que no valle, bosque, ou monte

Vivirá tronco, ou penha, que algum dia

As memorias de Albano não aponte!

Qual de nós escapara à morte fria?

Quem tornara a ver mais sua deveza?

Quem seu gado, ou cutrais inda acharia?

Se este Pay dos Serranios com presteza

Naõ acodira a bem do nosso amparo,

A vencer do inimigo a fortaleza?

Corria ensanguentado o Tejo claro:

Hia levando a espada cortadõra

Tudo, o que se encontrava sem reparo.

Naõ houve noite, ou dia, instante, ou hora,

Que algũ grande successo senaõ visse,

Ou no ferro, ou na chama abrazadõra,

Mizeraveis vaqueiros! Quem subisse

Sobre aquella alta serra, ah como creyo,

Que o coração em lagrimas partisse!

Oh como nada farta o sangue alheyo

A aquelle a quem condus sua maldade,

A que obre sem vergonha, honra, nem freyo!

Como se quebra a fé, ou lealdade

Só pela vil cobiça! Da virtude

Naõ se faz cazo já, nem da verdade.

*Sal.* Bem que o teu pensamento nisso estude;

Sempre vãs, Alcino, como he certo

Só vivê co' a justiça hum genio rude.

Hum coração lavado, hum peito aberto

Naõ sabe, o que he traição; contente gira

Trazendo sempre o rosto descobetto.

No cortezaõ sómente anda a mentira

Fazendo o seu partido: envergonhada

A honra se acobarda, e se retira.

*Alc.* Já vejo, que na fraze disfarçada

Caminhas à accuzar, Salicio amigo,

A tenção dessa gente tão dãnada ;

Dessa , a quem daõ amparo , daõ abrigo

Os altos Perinêos , que em nosso damno

Trouxe consigo o Rhódano inimigo.

*Sal.* E não tenho razão , para do engano

Queixar-me , quando vejo , descarrega

Sobre nós este golpe deshumano ?

*Alc.* A razão , com que fallas , não a nega ;

Salicio meu , quem sabe da amizade

Aonde chega o ponto , onde a ley chega.

Quem approvou já mais a falsidade

Daquelle , que fingindo alegre o rosto

Descobre para o fim a crueldade !

Mas eu ponho de parte este desgosto ;

E só quero louvar aquelle braço ,

Que o nosso Portugal em paz tem posto.

Esse , que nos livrou deste fracasso

Com sabia providencia , e zelo pio ;

Que eu nunca de o cantar me satisfazo ;

Debaixo deste Plátano sombrio

Seu nome entoarei por esta praya ,

Athé onde se estende o largo rio.

A minha tosca flauta aqui se ensaya

Para com melhor som , melhor cadencia ;

A Tityro imitar junto da Faya.

*Sal.* Eu te sigo Pastor ; canta a excellencia

Do grande Albano teu ; aqui sentado

Inspira-me tambem essa influencia.

O numero amabeo he concertado ;

Quero-te acompanhar ; vá de certame :

Tu porás a sanfona ; eu o cajado.

Mas lá vem , Melibeo ; justo he , que o chame ;

Para louvado ser de sta porfia ;

Elle do nosso canto faça exame.

*Mel.* A tempo chego em fim , que não queria ;

Pois já mais foi meu gosto em arte , ou prenda

Mostrar , que entre vós outros mais sabia ;

Mas se não decidir esta contenda ,

Ao menos prompto estou , para escutar-vos ;

Cantai , que tendes já , quem vos attenda.

*Alc.* Não tenho medo algum de disputar-vos

A palma entre vós outros ; porque venho

Da Côrte , e trago hum canto , que ensinar-vos

Nelle se conta o mal , a guerra , o empenho ,

Que infestou toda a terra : o estilo he novo ,

Muy diverso do nosso , obra de engenho.

Não o sabe cantar qualquer do povo ;

Algum sómente cortezaõ polido

He , que o canta por lá . . .

*Sal.* Pois eu o approvo.

*Mel.* Não eu ; que não me entendo cof ruído

De vozes estrangeiras : mas vá feito ;

Sempre para escutar applico o ouvido.

*Alc.* Aqui nesta cortiça ao modo , e geito

Do nosso campo eu a cortei : em tanto

Que eu digo o meu , tu lê o teu conceito ;

E acompanha , Salicio , o novo canto.

*Alc.* Muzas do monte Ménalo , que hum dia

Com suave harmonia

Canastes brando o peito

De Dafne , o Pastor claro ,

Melhorando o conceito

Fazei , que o tempo ayare

Só traga na memoria

O nome soberano ,  
 A nunca vista gloria  
 Do meu sublime , do meu grande Albano.  
*Sal.* Do meu sublime , do meu grande Albano,  
 Vereis , se não me engano ,  
 Que este monte repete  
 O esforço mais , que humano ;  
 Aquelle , que compete  
 Na pompa , e na grandeza ,  
 Ao tronco mais luzido ,  
 Que alenta a natureza ,  
 Que o Ceo tem produzido ;  
 Para ser nestes montes adorado.  
*Alc.* Para ser nestes montes adorado ;  
 Por elle he renovado  
 Da selva Dodonea  
 O oraculo sagrado :  
 De Némefis , e Astréa  
 Com tanta segurança  
 Oh como elle sustenta  
 A espada , e a balança !  
 Com providencia attenta  
 Oh como ampara ao bom , ao máo castiga !  
*Sal.* Oh como ampara ao bom , ao máo castiga !  
 Por elle he bem se diga ,  
 Que torna a idade d'ouro.  
 A terra sem fadiga  
 Produs o trigo louro ;  
 Prodigio , que invejava  
 De Manthua o Pastor bello ;  
 Quando vio , que brotava  
 Com provido desvello

O mel dourado dos carvalhos duros.

*Alc.* O mel dourado dos carvalhos duros,

Os campos mal seguros,

A nosso beneficio,

Faz, que brotem maduros

Seus fructos já sem vicio:

Elle as fúrias quebranta

Do barbaro, que vinha

Com avareza tanta,

Que já pizado tinha,

Quanto erguera a fadiga, e o trabalho.

*Sal.* Quanto erguera a fadiga, e o trabalho,

O abrigo, o agazalho,

Tudo a nós restitue.

A fecundar o orvalho

Os campos continue;

Saya a cortar a terra

O lavrador afflicto;

Que já fugio a guerra;

Já se não ouve o grito

Da miseria, da fome, da penuria.

*Alc.* Da miseria, da fome, da penuria

Já se desterra a injuria.

O ferro, que aos arados

Servira, o troca a furia

Em dardos aguçados;

Mas já com melhor sorte

São da vida instrumentos

Instrumentos da morte.

Oh que grandes portentos!

Que arte feliz do nosso grande Albano!

*Sal.* Que arte feliz do nosso grande Albano!

Armada em nosso damno

A gente, que costuma  
 Uzar do torpe engano,  
 Porque tudo consuma,  
 Entrava a ferro, e fogo,  
 Quanto banhara o Tejo;  
 Mas desmayando logo  
 O malvado dezejo,  
 Tudo foi confuzão, tudo foi susto;  
*Alc.* Tudo foi confuzão, tudo foi susto;  
 Quando no assalto injusto  
 Se vio pela campanha  
 O espirito robusto,  
 Que lá da Patria estranha  
 Em nosso auxilio veyo;  
 E mais que a armada gente,  
 Vence o damno, e o receyo,  
 O avizo providente  
 Daquelle Heroe, que o Reyno governava.  
*Sal.* Daquelle Heroe, q̃ o Reyno governava,  
 A nós se dispensava  
 A direcção, o acerto:  
 A tudo consultava,  
 Vendo crescer o aperto.  
 Não ha sutil empenho,  
 A que não sirva a idéa,  
 A que não sirva o engenho:  
 O seu conselho enfrêa  
 Do inimigo o furor, do ferro a ira.  
*Alc.* Do inimigo o furor, do ferro a ira.  
 Por elle em fim respira  
 Da Paz no doce laço  
 O Reyno, que se vira

No funebre ameaço :

Ao som do bronze rudo

Já foge o inimigo :

Tudo se aplaca , tudo

Torna ao socego antigo.

Oh doce Paz ! Oh Iris da tormenta !

*Sal.* Oh doce Paz . . !

*Mel.* Tem mão , Salicio : attenta

Bem que se escute, ha huma hora, não me agrada

Essa vossa cantiga , tão violenta.

Alguem ha de cuidar, que he fraze inchada

Daquella , que lá se uza entre essa gente ,

Que julga , que diz muito , e não diz nada.

O nosso humilde genio não consente ,

Que outra couza se diga mais , que aquillo ,

Que só convem ao espirito innocente.

A fraze Pastoril , o fraco estilo

Da flauta, e da sanfona , antes que tudo ,

Será digno , que Albano chegue a ouvillo.

Se Alcino tem lá feito o seu estudo

Nesses versos , que traz , nós cá cantemos

Ao nosso modo ; inda que seja rudo.

*Sal.* Vá feito , Melibéo ; he bem pensemos

Em que não desmereça o nosso canto

A pobre condição , com que nascemos.

*Alc.* Nada , Amigos , me pôde agradar tanto ;

Como os versos , que trago de memoria ,

De que se faz na Côrte hum grande espanto.

Deos sabe, o que custou, que eu toda a historia

Conservasse de cór : outro não teve

Dentro em tão pouco tempo tanta gloria.

Laurenio quantos dias não esteve

A aprendellos commigo! A bella Anarda  
Que empenho por sabêllos me não deve!

*Mel.* Pois olha tu, Alcino, se não tarda  
De acordar-se a lembrança, eu te asseguro,  
Vejas couza melhor, que hum tronco guarda,

*Sal.* Queres talvez mostrar-lhe aquelle duro  
Salgueiro, onde outro dia descreveste  
De Amarillis o nome, sempre puro?

*Mel.* Não he este o meu verso, não he este.

*Alc.* Pois he acazo a letra decantada,  
Que fizeste ao teu bem, e hontem a lêste?

*Mel.* Taõ pouco.

*Sal.* He a de Angelica adorada,  
Aquella cantilena, que começa:  
Onde te esconderás...?

*Mel.* Não. He errada

A yossa presumpção: não se arremeça  
Taõ longe da razaõ meu dezatino,  
Que assumpto taõ diverso agora peça.

O verso, que mostrar-vos determino;  
He hum, que ha poucos dias a esta parte,  
Cortou sobre hum carvalho o velho Albino.

Cheyos d'engenho são, d'idéa, e d'artes  
Inda bem se não sabe o seu assumpto;  
Ou falla com Apollo, ou co' Deos Marte.

*Sal.* Pois anda, Melibeo; commigo junto  
Vou ver esse carvalho: anda, caminha;  
Vamos; que já mais nada te pergunto.

*Alc.* Quaze que de seguir-vos eu não tinha:  
Pois cá no coração me está batendo,  
Que a cantiga não he melhor, que a minha.

*Mel.* Pastores, os que andais lá sobre a ferra

Apascentando as pobresovelhinhas,  
 A quem vem perseguindo a dura guerra;  
 Desde a gente distante ás mais vizinhas;  
 Se abraza o fogo, se não guarda a terra  
 Iguais vossas herdades, como as minhas,  
 Commigo consolai o vosso pranto;  
 Que eu perco mais que vós, ou perco tanto.

Eu tambem fui senhor de huma manada,  
 Que enchia estes currais: o campo amigo  
 Tambem me dava a fruta fazonada,  
 As castanhas, a uva, a pêra, o figo:  
 Veyo ( quem crêra tal! ) com mão armada  
 Sobre nós o faminto do inimigo;  
 Tudo a fogo levou; pôs tudo a ferro;  
 A mim me coube apenas hum desterro.

Desde o Douro ao Mondego não havia  
 Nem gado, nem curral, que não gemesse:  
 Tudo vinha arrazando a tyrannia  
 Encoberta na forma de interesse.  
 Quem de tamanho mal escaparia,  
 Se o grande Deos do Ceo não protegesse  
 A gente Luzitana, a gente sancta.  
 Que para o seu braço a cruz levanta!

Elle nos concedeo com mão piedosa  
 Huma alta Divindade em nosso amparo,  
 Que fez segura a sorte duvidoza,  
 E a todo o nosso damno pôs reparo.  
 Já fugio a tormenta tenebroza;  
 Já resplendece o Ceo sereno, e claro.  
 Feliz, ô Portugal, feliz mil vezes  
 O destino dos povos Portuguezes!  
 Por esta Divindade entrou a cura

Do contagio fatal , que o Reyno via :

A sua actividade he , que segura

Toda a conservaço da Monarquia.

Affim como o Piloto em noite escura

Vence com arte , e modo a névoa fria ,

Seguindo sempre o rumo ; affim se affenta ;

Que elle soube guiar-nos na tormenta.

Não sei , como chamar-lhe deva agora ;

Sei , que o Deos ha de ser dos Portuguezes ;

A quem co' a machadinha cortadôra

Se haõ de sacrificar as nossas rezes.

Dia não haverà , instante , ou hora ,

Que seu nome não cantem nossos mezes.

Digaõ huns , que he Apollo , outros que he Marte ,

No engenho , no valor , no esforço , e n' arte.

Quem faz fugir a gente Castelhana ,

Quem a França tambem põem duro freyo ,

Ha de estender a terra Luzitana ,

Athé chegar além do berço alheyo.

O meu gado , se a idéa não me engana ,

Eu pretendo levallo sem receyo ,

Por campos nunca vistos , nem pizados ,

Que estaõ da verde relva carregados.

Plantarei novas vinhas , onde tenha

O grosso cabedal , que a Côrte estima :

Terei mil sementeiras , com que venha ;

A ser mayor , que todos os do Lima.

Esta gralha , que canta , he , que me empenha ;

Este sinal do Geo he , que me anima :

Tudo serve de agouro ; porque em tudo

Anda a minha razão fazendo estudos.

Eu vejo , que por esta Divindade

O mar se vê de frotas opprimido ;  
 Que , sem que do estrangeiro a droga agrade ,  
 Nos dà o Reyno paõ , dà o vestido :  
 Tudo fica entre nós ; sem que a vaidade  
 O tenha de outras gentes recebido :  
 Já não vem a roubar-nos o pirata ,  
 Que daqui nos levava o outro , a prata .

Não só gita o commercio ; que a firmeza  
 Dos Reynos affigura ; premiado  
 Se levantar com brio , e fortaleza  
 Do somno , e da preguiça o vil Soldado .  
 Tudo já he valor ; tudo he destreza  
 No cobarde igualmente ; e no esforçado .  
 Oh quanto pôde a direcção prudente !  
 Hum forte Rey faz forte a toda a genite .

*Alc.* Por certo , Melibeo ; não me atrevera  
 A cantar junto a ti , se essa cantiga ;  
 Antes da ta escutar , ouvido houvera .

Justo parece , Amigos ; que se diga :  
 Não pode competir co' a flauta agreste  
 Tudo , o que desconhece a idade antiga .

*Sal.* O canto he tão divino ; tão celette ;  
 Que eu nunca de estrallos me fartára .  
 Oh que coizas tão bellas ; que diceste !

De Tityro a harmonia doce , e rara  
 Assim se imita bem , quando fentado  
 Ao Deos , que vive em Roma ; lá cantará .

*Alc.* Seja sempre do tempo venerado  
 O tronco , onde se imprime esta escriptura ;  
 Para guardar hum verso tão sagrado .

Sua fama se estenda sempre pura ;  
 Dando sombra ao cançado caminhante ,

Que amparar-se solicito procura.

*Mel.* Primeiro se hade ver o gado errante  
Pastar là sobre o Ceo ; primeiro a terra  
Serà de mil estrellas abundante ;

*Alc.* Primeiro os cabritinhos pela ferra  
Deixarão de saltar ; entre os vaqueiros  
O lobo deixará de fazer guerra ;

*Sal.* Os álamos ao rio sobranceiros  
Primeiro deixarão de estar bolindo

Ao susurro dos ventos lizongeiros ;

*Mel.* Que eu deixe de estar sempre repetindo  
Ao som da minha flauta o louvor sancto ,  
Que de ti , sacro tronco , estou ouvindo.

*Sal.* Eu sou tambem contente.

*Alc.* Eu outro tanto.

Ao ver , que a sombra escura  
Os montes já cobria ;  
A sua choça cada qual procura :  
E cheya a fantazia  
Do canto soberano ,  
Todos cantando vão do grande Albano.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

\*

## L Y S I A.

## E C L O G A IV.

S É he certo , que inda vive a doce avelã ;  
 Que chorou Coridon , chorou Amintas ;  
 Tu me tens de escutar , ó Selva amena :

Eu por entre estas sombras mal distinctas ,  
 Ao resplendor da Lua , que apparece ,  
 Quero , que tu commigo o meu mal sintas .

Agora pois que o vento se enfraquece ,  
 Que o furro do mar está mais brando ;  
 Que o ar se acalma , o campo se entristece ;

Iticlina o teu ouvido : eu entoando  
 A minha fraca voz , agreste , e triste ;  
 Estarei minhas magoas recitando .

Dura consolação ! A quem assiste  
 Hum fado tão cruel , outra esperança

\* Ao Illustriſſimo , e Excellentiſſimo Senhor Con-  
 de de Valladares , partindo de Lisboa para Villa-  
 Rica , a Capital das Minas Geraes .

Naõ tem mais, do que a queixa, em que persiste!

Como posso apagar esta lembrança

Daquelle grande bem, que eu discorria,

Que já mais poderia ter mudança!

Quem, fortuna, (ay de mim!) quem me diria,

Que havia de vir tempo, em que faltasse

Aquella doce uniaõ, em que eu vivia!

Quando Lyfia cuidou, que lhe roubasse

A forte dezigual a Silvio amado,

Silvio, que outro não ha, que mais amasse!

Que ditozo não via o meu cuidado

Na posse de hum thezouro, onde segura

Tinha a forte o meu bem depositado!

Aqui sobre esta penha, onde murmura

A onda mais quebrada, quantas vezes

Me não puz a cantar minha ventura!

Sacrificio lhe fiz das minhas rezes;

Para elle colhi fomento o fructo,

Que o Sol fazona nos dourados mezes.

Tudo, o que leva o campo, eu em tributo

Mil vezes lhe rendi: ah como agora

O meu rosto não posso ver enxuto!

Deixou-me Silvio; fim Silvio, que fôra

Distincto Mayoral destas campinas,

Gloria de Lyfia, por quem Lyfia chora. (nas,

Deixou-me: mas por quem! Se he q̄ inda at-

Saudozo coração, nesta tormenta,

Explica de meu pranto as ancias finas.

Deixou-me por aquella, que se ostenta

Com o nome de Rica; a que sepulta

Em seu seyo os thezouros, que sustenta.

Deixou-me por aquella, que se occulta

Na parte mais distante ; porque eu tenha  
Inda mais , que sentir na dor , que avulta .

Ah ! E como he possivel , que me venha  
Huma constancia tal , que , instando a magoa ,  
A formar minhas queixas me detenha !

Os olhos de faldade razos d'agoa  
Que mais haõ de fazer , que estar chorando  
A lembrança de taõ penosa fragoa !

Vós , campos , que me vistes já gozando  
A delicia do meu contentamento ,  
Ide-vos pouco a pouco desmayando .

Naõ espereis já mais o luzimento ,  
Que Silvio aqui vos deu : Silvio vos falta ;  
De Silvio naõ ha mais que o sentimento .

Buscou outra campina : outra se exalta  
Na gloria de o gozar : ah que em vaõ geme  
Dentro em meu coração magoa taõ alta !

Mas que de balde agora a boca treme !  
Que de balde se aggrava a ancia minha !  
De que contra o meu fado a voz blasfema !

Se a gloria me roubaraõ , que eu mantinha ;  
Contra o fado , contra essa , que hoje invejo ,  
A queixa , a accusação só me convinha .

Infeliz seja sempre o teu dezejo ,  
Oh ingrata inimiga ; e a ventura  
Naõ encontres já mais sem magoa , ou pejo .

Teus campos naõ se cubraõ de verdura :  
O dia te amanheça carregado ,  
A noite sempre feya , sempre escura !

Consuma a peste vil teu nedio gado ;  
Nunca tenhas Pastor , que o guarde , ou zele  
Do jobo , que o procura esfamiado .

Pize o chuvozo inverno, e atropelle  
As tuas sementeiras; leve o rio,  
Quantas herdades tens á margem delle.

Nunca te ampare o álamo sombrio  
Com suas verdes folhas: tudo seja  
Contagio na Pastora, e no armentio.

Caya... porém que digo! A minha inveja  
Aonde me arrebatá! E não conheço,  
Que ha mais alto preceito, que me reja!

Acazo, quando Silvio não mereço,  
Não sei, que elle se auzenta: porque manda  
Sobre a vontade sua hum alto excessão!

A cazo outra rival elle demanda,  
Sem que o destine a ley da obediencia,  
A ley que o dividio de Lysia branda?

Pois Silvio falte em fim: ache a influencia  
Da estrella mais propicia essa, que agora  
Se alenta de meu bem na dura auzencia.

Rizonha lhe amánheça sempre a aurora,  
Serena a noite, o gado não lamente  
Sem cura o mal, o damno sem melhora.

Já mais chegue a levar a grossa enchente  
Seus fructos carregados; noite, e dia  
Vele o caõ sobre a ovelha: ande contente.

No monte se ouçaõ baijes de alegria;  
Não perturbe o socego dos Pastores  
Algum agouro máo de ave sombria.

Tudo, Silvio, será: que entre os horrores  
Da pena, do martyrio, da tristeza,  
Perdidos chorarei teus resplendores.

Que será de meus campos na pobreza?  
Em que me deixas, Silvio? Tu me davas

Todos os meus haveres , e riqueza.

Tu só os mais Pastores consolavas,  
 Distincto Mayoral com arte , e modo  
 Tudo compunhas , tudo moderavas.

Por ti vivia alegre o campo todo.

Ah ! E com quanta dor nesta lembrança  
 A calar minhas penas me accommodo !

Esperar já não posso outra bonança ;  
 Que tudo já me falta , ò Silvio amado ;  
 Pois que me faltas tu nesta mudança.

De meu pranto no mizero traslado  
 Vive , Silvio , meu bem : minha saudade  
 Te dá hum testemunho do cuidado  
 Nesta inscriçãõ , que deixa à eternidade.

## SONETO.

**G**uarda , ò tronco , este funebre letreiro ;  
 Que em ti descreve Lyfia : saiba a idade,  
 Que todo o coração , toda a vontade  
 Dê a Silvio em affecto verdadeiro.

Oh nunca se te atreva o horror grosseiro  
 De rayo algum ! Mas com feliz vaidade  
 Ostenta sempre a fresca amenidade ;  
 E em todo o tempo , ò tronco , vive inteiro.

Crescer em tuas ramas veja hum dia  
 Dê Silvio o nome : Silvio se remonte  
 Dos Cantores na doce melodia.

Affim dizia Lyfia : eis que huma fonte ;  
 Que no seyo do tronco se escondia ,  
 De repente saltou , banhando o monte.

---



---

# ARUNCIO

## ECLOGA V.

Fronozo, e Alcino.

---



---

*Fron.* **E**M vão te estás cançando o dia inteiro;  
Alcino, em perguntar, que significa  
Este, que vês cortar, triste letreiro:

Elle não he de balde: aqui se explica  
Tudo, quanto ha de grande, novo, e raro,  
Na pobre aldêa, e na cidade rica.

Nada pôde escapar do golpe avaro. . .  
( Diz esta cifra breve: ) agora entende;

Que deste dito o assumpto eu não declaro,

*Alc.* Se o meu juizo o cazo comprehende,  
Esta letra, que entálhas, e que admiro,

Com a morte de Aruncio falla, ou prende.

*Fron.* Ah! Que arrancas hum mizero suspiro

---



---

\* A morte do Senhor Jozê Gomes de Araujo, De-  
zembargador do Porto; que morreu nos serçoens do  
Rio das Velhas, no emprego de Provedor da Fazenda  
Real da Capitania das Minas Geraes,

Do centro de minha alma ; o nome amado  
Me faz deixar a vida , que respiro.

*Alc.* Eu bem via , que estava o teu cuidado ,  
Frondozo meu , lembrando a triste morte  
D'esse caro Pastor , tão estimado.

*Fron.* E quando esperas tu , que o fatal córte,  
Que de mim separou tão doce Amigo ,  
Possá romper de amor o laço forte !

Primeiro se verá nascer o trigo  
No Ceo ; dará primeiro a terra estrellas ,  
Que tenha esta lembrança algum perigo.

*Alc.* Triste , e funesto cazo ! As Ninfas bellas  
Do patrio Ribeirão tanto chorarão ,  
Que inda allivio não ha , nem gosto entre ellas.

Os gados largos dias não passarão  
E mugindo á maneira de sentidos ,  
A pelle sobre os ossos encostarão.

Os Mochos pelas fayas estendidos  
Enchendo a terra , e Ceo de mil agouros ,  
Espalharão tristissimos grásnidos.

Os campos , que the allí se viaõ louros  
Com o matiz vistozo das searas ,  
Perderão de repente seus thezouros :

*Fron.* Esses finais , Alcino , se reparas ,  
Dizem couza mayor , que sentimentos  
Consagrados da morte sobre as aras. ( tentos

Quando ha mostras no Ceo , quando ha por-  
Na terra , algum segredo ha , não sei onde ,  
Que não he para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde  
A grandeza do golpe : mas alcanço ,  
Que a tanta perda a dor não corresponde.

De te buscar exemplos me não canço;  
Só te lembro porém, que o tronco duro  
Faz mais estrago, que o arbuſto manſo.

*Alc.* O que queres dizer, eu conjecturo:  
No vime, e no carvalho ha igual ruina;  
Igual a conſequeſcia eu não ſeguro.

Aquelle cahe ſem damno, eſte deſtina  
Fatal eſtrago a tudo, o que eſtá poſto  
Debaixo delle. He iſto? Ora imagina.

*Fron.* Jove aparte de nós tanto deſgoſto;  
Baſte, para avivar noſſa ſaudade,  
O ſer cortado em flor aquelle roſto,

Contente-ſe da morte a crueldade  
Em nos levar com paſſo tão ligeiro  
Huma tão bella, tão mimoza idade. (ro

Roubou-nos hum Paſtor, que era o primei-  
Entre os noſſos do monte; elle nos dava  
As juſtas leys no campo, e no terreiro,

Elle as duvidas noſſas concertava;  
E ſendo Mayoral, por arte nova,  
Com reſpeito o agrado temperava.

De mil virtudes ſuas nos deu prova;  
Sempre a bem dirigindo os noſſos paſſos.

Oh quanto eſta lembrança a dor renova!

*Alc.* Ay! E com quanta magoa nos teus braços  
Eu vi, Frondozo meu, que Aruncio eſteve  
Dezatando da vida os doces laços!

*Fron.* Meu pensamento, Amigo, não ſe atreve  
A lembrar-ſe ( ay de mim!) da mortal hora,  
Em que vi acabar vida tão breve.

Quem fôra duro ſeixo, ou bronze fôra,  
Para animar agora na lembrança

Aquella imagem , com que esta alma chora  
 Eu vi , Alcino , eu vi , que na mudança,  
 Que do caduco a Eterno bem fazia ,  
 A alma tinha cheya de esperanza.

Tudo , o que era mortal , aborrecia;  
 A copia dos seus gados , o cajado ,  
 ( Bem que era de ouro fino ) em nada havia.

Em vão o molestava o doce estado  
 Da honra , e da grandeza : a Jove entregue  
 O espirito seguia outro cuidado.

Mas ay , Alcino ! A voz já não profegue ;  
 Que tudo , o que a memoria vem trazendo ,  
 Receyo , Amigo , que a matar-me chegue.

*Alc.* As Ninfas do Mondego estou já vendo  
 Descerem para nós com triste pranto.

Ou eu me engano , ou ellas vem dizendo :

Se do lirio , da murta , e do amaranto  
 Cercada deve ser a sepultura

De Aruncio , a nós nos toca officio tanto.

Nós o creámos com feliz ternura ,  
 Dando-lhe o mel , e o leite : a nós nos toca  
 Mandar o corpo bello á terra dura.

*Fron.* De outro lado igualmente se provoca

O Tejo ( onde elle vio a luz primeira : )

E as Ninfas do centro humido convoca.

A mim só se me deve a gloria inteira

( Falla o soberbo Tejo ) eu o demando ;

Minha hade ser esta honra derradeira.

Aqui lhe estou huma urna preparando ,

Coberta de hum cipreste ; onde a memoria

Seu nome vivirá sempre guardando.

Por mais que võe a idade tranzitoria ,

Nunca se hade apagar aquelle affecto ,  
Que de Aruncio consagro á triste historia.

Durarás entre nós, Pastor discreto ,  
Renovando a lembrança de Corino ,  
Que da nossa saudade he inda objecto:

Elle te deu o ser; tu peregrino  
Retrato de seus dotes, consolavas  
Nosso dezejo, tão constante, e fino.

Aquelle caro Irmaõ, que tanto amayas,  
Aonio, digo, aquelle, a quem devias  
Toda a felicidade, que gozavas,  
Hoje lamenta teus saudozos dias;  
Hoje chora commigo: eu lhe dezejo  
Allivio á tão cançadas agonias.

*Alc.* Oh! Contente-se embora o claro Tejo  
De hayer ao mundo dado, quem lhe ganha  
Fama, e nome a seu Reyno assaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha  
Ventura de educallo, deu ao mundo,  
Quem lhe soube adquirir gloria tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo,  
Quer, que guarde seu corpo a turva arêa  
De outro Rio, mais triste, e mais profundo.

Do Rio, que seu curso não refrêa  
Athé chegar, onde entra a grande costa,  
Que banhã do Brazil salgada veyã.

Rio das Velhas se chama (se reposta  
Buscamos nos antigos, a pintura  
Das Dorcades na historia se vê posta.)

Os primeiros, que entraraõ na espessura  
Dos asperos sertoes, dizem, que acharaõ  
Tres barbaras, já velhas, nesta altura.

*Fron.* Das tres Parcas melhor elles tomaraõ  
O nome desse Rio ; se he verdade ,  
Que ellas a vida humana governaraõ.

Triste sejas , ò Rio : a Divindade  
De Apõllo , que em ti cria o amavel ouro ;  
Se aparte do teu seyo em toda a idade.

Naõ sejas da ambiçaõ rico thezouro :  
Girar se vejaõ sobre as prayas tuas  
Os brancos cisnes naõ , aves d'agouro.

Do inverno as enxorradas levem cruas  
As sementeiras , que teus campos criaõ :  
Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes , que se fiaõ  
Dessas funestas agoas , desde agora  
Conheçaõ a traiçaõ , que naõ temiaõ.

*Ale.* E contra quem, Frondozo, inda em tal hora  
Se armaõ as pragas tuas ! Hum delirio  
Só para extremo tal desculpa fõra.

Se Jove he quem nos manda este martyrio ;  
Sofframos o seu golpe : ao Pastor bello  
Derramemos em fima o goivo , o lirio.

O nosso Ribeiraõ traz o modello  
Do enterro , que dispoem : nós entre tanto  
Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em hum candido manto ;  
Que distingue de Deos o brazaõ nobre,  
Aqui se offrece para o nosso pranto.

Em quanto pois o corpo a terra cobre ,  
Seguindo o teu principio deixa , Amigo ,  
Que hum voto lhe confagre hum Pastor pobre,  
Hum voto , que se esereva em seu jazigo.

## SONETO.

**N**ada pôde escapar do golpe avaro,  
Alcino meu: que a Parca endurecida  
Corta igualmente os fios de huma vida  
Ao pastor pobre, ao cortezaõ preclaro.

Cresça embora esse tronco altivo, e raro,  
Ostentaçãõ fazendo mais luzida;  
Viva embora entre humilde, entre abatida,  
Essa planta, a que o nome em vaõ declaro.

Tudo hade achar o fim: bem que a vaidade  
Em huma, e outra gloria faça estudo,  
Nada escãpa á fatal voracidade.

Eu, que chego á pensallo, fico mudo;  
E só tiro por certa esta verdade:  
Que, se Aruncio acabou, acaba tudo.



## E U L I N O

## E C L O G A VI.

**A** O campo alegremente concorria  
 Da parte mais vizinha, e mais distante;  
 Dos Pastores do Ebro a companhia;  
 A's portas dos currais o vigilante  
 Perro guardava o bem seguro gado,  
 Latindo ao resplendor da Lua errante.  
 Em fogos todo o sitio illuminado,  
 Tornava clara luz a sombra feya  
 Do gesto melancolico, e pezado.  
 Vinhaõ chegando de huma, e outra aldeã  
 As flautas sonorozas; cujo accento  
 O campo todo em jubilos recrêa.  
 Trazia ao mundo o Sol com passo lento  
 O dia, em que do Ebro os moradores  
 Celebravaõ de Tirce o nascimento.  
 Tirce, que gloria fôra dos Pastores;  
 Que naquella amenissima ribeira  
 Assumpto foi de todos os cantores.  
 Ninta, de cuja graça lizongeira

No venturozo engano Alcemo prezo ,  
De Pastor se tornou penha grosseira.

Que de hum desdém no ingrato fogo accezo  
Por mercê foi dos Deozes transformado ,  
Depois de ser de Tirce vil desprezo.

Este penedo alli assignalado  
Era do Ebro a tragica memoria ,  
Da devoção silvestre respeitado.

E da Ninfa crúel a viva historia  
Celebravaõ Pastores , que aprendiaõ  
A ter de hum peito barbaro a vangloria.

Hum templo para culto lhe erigiaõ;  
E ornavaõ delle a fabrica elegante  
Ingratos monumentos , que esculpiaõ.

De Alfêo mostra a parede o curso amante ;  
Que de Arethuza o candido thezouro  
Segue no cristallino passo errante.

Negando a mão a Febo, á seu desdouro,  
Vê-se em rama o cabelo enverdecendo,  
De Anfrizo a Ninfa transformada em louro.

Tremolamente ao ar se está movendo  
A Semideoza convertida em cana ,  
Atraz de si o hirsuto amante vendo.

Em fim outras memorias de inhumana  
Condição hum Pastor déstro , e polido  
Na fabrica esculpira soberana.

Já se escutava o muzico ruido  
Das sanfonas , das flautas , dos cantores ;  
Em que está todo o campo repartido:

Dispunhaõ varios jogos os Pastores ,  
Por premio consentindo ao que ganhasse ;  
Cajados de destrissimos labores.

Porque melhor o baile concertasse,  
 Na bella chusma das Pastoras vinha  
 Antandra, que por guia as go vernasse.  
 Era Antandra a mais bella; e como tinha,  
 Mais do que as outras, coração ingrato,  
 Só em matar de amores se entretinha.

Soava o canto harmoniozo, e grato,  
 Entoando em o numero cadente  
 Memorias do Pastor, desprezo, e trato.

O baile percebendo tristemente,  
 Ao longe estava Eulino recostado  
 Sobre huma penha afflicto, e descontente.

A Antandra amava; e seu mayor cuidado  
 Era Antandra, Pastora, que distante  
 Viu do campo seu, do seu montado.

Vendo-a prezente o desprezado amante,  
 E não podendo achar benigno effeito  
 No esquivo coração, chora constante.

Desde o penhasco, em lagrimas desfeito,  
 Vendo bailar a candida Pastora,  
 Que amor atea em seu rendido peito;

Ingrata Ninfa, diz, se a quem te adora,  
 Fazes vaidade de ser impia, e dura,  
 Que val a huma alma, quanto geme, e chora?

A tanto chega ja minha loucura,  
 Que hoje he no campo a infeliz noticia  
 A qualquer, que de mim saber procura.

Só por tornar-te a condicao propicia,  
 He desprezo suave de meu gosto,  
 Quanto he do campo mimo, ou he delicia.

Entregue sempre a meu fatal desgosto  
 Vejo vagar (sem nelle ter cuidado)

O meu rebanho , ao voraz lobo exposto.

Que mais queres , cruel, de hum desgraçado,  
Que huma alma tendo só , para render-te ,  
Huma alma a teu rigor tem consagrado !

De meus ays eu pudera aqui trazer-te  
Por testemunha toda esta montanha ,  
Se esperara a ventura de moyer-te.

Mas o teu genio , que a piedade estranha ;  
Só prezaria ter esta certeza ,  
Por dar a teu rigor gloria tamanha.

Conta porém por mais distincta empreza  
Hum coração , que tem mayor vaidade ,  
Quando mais nóbre victima despreza.

Bu clamarei , ò Ninfa , aos Ceos piedade ;  
Que pois de Alcemo hoje a memoria existe ,  
Sendo motivo á mizera saudade ;

Tempo virá , que de meu fado triste  
Emendado se veja o influxo escuro ;  
Que a hum fino amor nem inda o Ceo reziste ;

Algum penhasco , ou algum tronco duro  
Amor fará , que só conserve o nome  
De Eulino : porque a Antandra amou tão puro.

Por mais, que a sombra vença, o somno dome  
O ardor de huma lembrança , eu te prometto ,  
Que ouvindo Antandra, o mundo injuria tome.

Não serás tu , idolatrado objecto ,  
Como já n'outra idade Tirce fôra ;  
Por não pagar de Alcemo o amante affecto ;

Entre nós hoje amor se não ignora ,  
Como naquella mais ingrata idade ;  
Que a mais tyranna era a melhor Pastora.  
Pintava-se modestia a crueldade ;

E se attendia com mayor decencia ;  
A que não se inclinava a ter piedade.

Então o ser ingrata era innocencia ;  
E ao laço de Hymeneo se sujeitava  
Huma alma , sem de amor sentir violencia.

Hoje mais gloria he ter huma alma escrava ;  
Hoje o trazer hum coração sujeito  
He bem , que aquelle seculo ignorava.

Só de hum Pastor se vê o nobre effeito  
Em tributar á sua amada bella  
Doces obzequios de seu fino peito ;  
Render-lhe o cordeirinho , que mais zela ;  
Entre os seus recentais ; ter-lhe guardado  
O mimo ; em que mais gosto empregasse ella ;

Offerecer o leite ; o mel dourado ;  
A fruta saborosa ; e a cestinha  
De rozas , que colheo no verde prado ;  
Da sua amada ( ay bella Antandra minha ! )

Gostosa obrigação he a coroa  
Tecer-lhe de huma , e outra rama-zinha ;  
Deve ornar-lhe o cajado ; e se elle entõa  
Entre as Pastoras algum hymno , em quanto  
Erra o seu gado , o seu amor pregoa.

Mas eu que nescio advirto obzequio tanto ;  
A quem nada ignorando , do que eu sinto ,  
Desprezo faz de meu saudozo pranto !

Se só na idéa minhas glorias pinto , ( tendo )  
Que he o que estou sonhando , ou o que per-  
Se a tudo , o que te digo , te estás rindo ?

Oh ! Não me vejas sempre estar gemendo.  
Ampare-me este alento que a constancia  
Nos longes da esperanza vem trazendo.

## ECLOGA VI.

145

Suffoque-se o tumulto de minha ância;  
Se pôde haver em tão fatal tormento,  
Quem me encaminhe, Amor, á tolerancia!  
Não dê mais meu cansado pensamento  
Tanto esforço ao pezar: essa inimiga  
Veja-te, Amor, cantar o vencimento;  
E os teus triunfos por despojo siga.

---

---

## F I D O.

## ECLOGA VII.

---

---

**A** Onde hum verde monte  
De sombra está servindo á crystallina;  
Sonora, e clara fonte  
Do Mondego suavissimo, a divina  
Cauza de seu gemido.  
Mizero conduzia ao Pastor Fido;  
Depois que o alto cume  
Pizara já suspenso, e fatigado,  
Porque respire o lume,  
Que dentro tem no peito recatado;  
Sobre hum duro rochedo

Imagem se sentou do horror, do medo;

A' parte logo pondo

O encurvado arrimo, descansando

Na mão a testa, o estrondo

Do vento, que socegue, então rogando;

Ergueo a voz: attento

A ouvillo parou mais brando o vento.

A ouvir seus clamores

Correi, ó penhas, suspendei-vos, agoas;

Que os funebres rumores,

Que vão formando de seu peito as magoas,

Neste sítio ferindo,

Em terno som, piedade estão pedindo.

Ouvi; que já começa

Do afflicto peito a ir dezentranhando

As justas queixas dessa

Perjura Ninfa; em cujo rosto brando,

Em cujo doce agrado

Amor os seus venenos tem guardado.

*Fido.* Formozíssima Almena, e não duvido;

Que o ser cruel sómente hoje te agrade;

Este cançado, e ultimo gemido

Curve, e modéra hum pouco a crueldade,

Daqui donde diviza o triste Fido

O templo dessa ingrata Divindade,

Te vem a consagrar, perfida Almena,

Puras victimas não; sim mortal pena.

Aquelle rosto affavel de alegria,

Que invejaraõ mil vezes as estrellas,

De mudo horror se cobre, e de agonia;

Que tu, de todo o enlutas, e atropellas;

A fé, que me juravas algum dia,

Tudo estragado está, porque daquellas,  
 Promettidas hum tempo, firmes glorias,  
 Só vivem ( ay de mim! ) tristes memorias.

Aquella branca mão, em que apertando  
 Tomavas minha mão, se não te esquece,  
 Que ditas não me esteve assegurando,  
 Que agora tudo, infiel, se desvanece!  
 Ora o Ceo, ora á terra provocando,  
 Costumavas jurar; e te parece,  
 Que tudo na memoria inda não dura?  
 Ah Pastora inimiga! Ah vil, perjura!

Dizias-me: verás, ó Fido amado,  
 Primeiro produzir esta montanha  
 Estrellas, e pascer o manso gado  
 Sobre estas agoas, onde o Sol se banha;  
 Verás esse alto monte levantado  
 Tornar-se em valle humilde; e mais estranha  
 Couza ainda verás, eu não duvido,  
 Primeiro; do que Almena ingrata a Fido.

Nada se tem mudado: o ser inteiro  
 No Ceo, na terra; e monte inda se adverte;  
 Só teu peito infiel ao lizongeiro  
 Influxo de meu damno se perverte.  
 Estranha couza he só ver, que o primeiro  
 Antigo amor em odio se converte;  
 Que se trocaraõ, perfida; os amores  
 Em iras, em violencias, em rigores.

Oh quem esta traicão imaginara,  
 Que as promessas falsissimas não trêra!  
 Mas se o immenso amor me não cegara,  
 Certamente, perjura, eu o fizera.  
 Que dor não he o ver, que a Ninfa cará

Aos braços de outro amante se rendêra!  
 Que dor não he, que magoa, que tormento!  
 Ah! Que falta valor ao soffrimento. (do

Com que impaciencia (oh Ceos!) estou notan,  
 A<sup>c</sup> torpe laço ingratamente unida  
 Aquella gentil face, aquelle brando,  
 Gesto alegre de Ninfa taõ fingida.  
 Eu a vi nos meus braços respirando  
 O alento, que animava a minha vida;  
 Fabrica hoje cruel da alheya sorte  
 O instrumento fatal da minha morte.

Que bem por mais horror da pena minha  
 Parece, que me falla aquelle monte!  
 Que bem esta corrente aqui vizinha  
 Me está pedindo, que meus males conte!  
 Mas se ella a gloria vio, que entaõ eu tinha,  
 E se tu me invejaste, ó clara fonte,  
 Medi por ella a magoa de perdella:  
 Vereis, qual he mayor, se a pena, ou ella!

Ah Pastora! Hum taõ puro sacrificio  
 Tu desprezas assim! Quem te assegura,  
 Que não sabe emendar hum precipicio,  
 O horror de minha grande desventura?  
 Se tem a sorte mizero exercicio  
 N<sup>h</sup>uma vida infeliz, que pouco dura,  
 Eu lhe quero roubar tanta victoria:  
 Seja de Fido a lastimoza gloria.

Disse, e sobre a alta penha  
 Erguendo-se, da furia arrebatado;  
 N<sup>o</sup> rio se despenha,  
 Que de horror, ou de susto entaõ parado;  
 Vê o pallido amante,

Entre as ancias dá morte agonizante.

Ao successo acodia

Algano, que de longe o divizara :

Apressado corria ;

Mas a cega ambição da Parca avara

De seu golpe violento

Já fazia despojo o doce alento.

O Pescador Algano,

Que a cauza deste mal não ignorava ;

Alli de tanto damno

Hum funesto padraõ em letras gravá ;

E nellas deixa impresso

O triste cazo, o infeliz successo.

## SONETO.

**N** Infas, que sobre a espuma prateada  
Do Mondego suavissimo cantando,

Brandas queixas ao Zefyro estais dando,

Com qué fica a campina magoada ;

Esta pyra, que vedes levantada

A' memoria daquelle Pastor brando,

De funebres cyprestes coroando

Deixai eternamente venerada.

He de Fido, ó Deidades : bem notoria

A' troncos, plantas, marmores, e flores

Tem sido neste campo a sua historia.

Vós, que as iras gemeis, sentis rigores ;

Fazer fomento assumptos da memoria

De Fido as tristes lagrimas, e amores.

---



---

# POLIFEMO.

## ECLOGA VIII.

---



---

**O**' Linda Galatêa ;  
 Que tantas vezes , quantas  
 Essa humida morada busca Febo ;  
 Fazes por esta arêa ,  
 Que adore as tuas plantas  
 O meu fiel cuidado : já que Erebo  
 As sombras descarrega sobre o mundo ;  
 Deixa o Reyno profundo :  
 Vem , ó Ninfa , a meus braços ;  
 Que nelles tecê Amor mais ternos laços ;  
 Vem , ó Ninfa adorada ;  
 Que Acis enamorado ,  
 Para lograr teu rosto preciozo ;  
 Bem que tanto te agrada ,  
 Tem menos o cuidado ,  
 Menos sente a fadiga , e o rigorozo ;  
 Implacavel rumor , que eu n'alma alento  
 Nelle o merecimento  
 Minha dita assegura ;

Mas ah! que elle de mais tem a ventura,

Esta frondoza faya

A qualquer hora ( ay triste! )

Me observa neste sitio vigilante ;

Vizinho a esta praya

Em huma gruta assiste ,

Quem não pôde viver de ti distante ;

Pois de noite , e de dia

Ao mar , ao vento , as fêras dezafia

A voz do meu lamento ;

Ouvem-me as fêras , ouve o mar , e o vento ;

Naõ sei , que mais pertendes,

Desprezas meu desvelo ;

E excedendo o rigor da crueldade ;

Com a chama do zelo

O coração me accendes :

Naõ he assim cruel a Divindade ;

Abranda extremo tanto ;

Vem a viver nos mares do meu pranto ;

Talvez sua ternura

Te faça a natureza menos dura,

E se não basta o excesso

De amor para abrandar-te ,

Quanto rebanho vês cobrir o monte ;

Tudo , tudo offereço ;

Esta obra do divino Alcimedonte ,

Este branco novillo ,

Daquella parda ovelha tenro filho ;

De dar-te se contenta ,

Quem guarda amor , e zelos apascenta ;

---



---

# L A U R A .

## E C L O G A IX.

---



---

**E**M fim , bellos amores ,  
 Doce consolação dos meus sentidos ;  
 Trocaraõ-se em rigores  
 As finezas de Laura : ancias , gemidos  
 Occupaõ hoje a parte , que algum dia  
 A imagem alentava da alegria .  
 Sem gloria o peito amante  
 Se vai rendendo a hum funebre delirio ;  
 Sentindo a cada instante  
 Afflicta a idéa do fatal martyrio .  
 Oh quanto afflige , Amor , oh quanto cança  
 De hum bem perdido a mizera lembrança !  
 Buscando o dezafogo  
 Ao mal vehemente , subo a hum alto monte ;  
 Do qual divizo logo  
 As bellas margens dessa clara fonte ,  
 Que em pródiga corrente , em fertil vêa ;  
 Anima os verdes campos de Amalthéa .  
 Alli sobre hum rochedo ,

Proprio fizio da minha desventura,  
Que de horror, e de medo  
O tempo veste, a sombra desfigura;  
Cujos eterno segredo não altera  
Racional creatura, ou bruta fêra;  
Sentado tristemente,  
Muda estatua da dor, em vivos eccos,  
Convoco ternamente,  
Ao som de meu suspiro, os troncos seccos;  
As mudas penhas, as mimozas plantas,  
Que me venhão ouvir em magoas tantas:  
Vós, lhes digo, sonoras,  
Doces agoas do placido Mondego,  
Que vedes as traidoras  
Faces gentis do meu amado emprego;  
Que vendo estais meu terno rendimento;  
Pois vos duplica as agoas meu lamento;  
Vós, troncos generozos,  
Imagens insensiveis de meu damno,  
Que a laços enganozos  
Talvez fostes arrimo, em vosso engano  
Podeis, ó troncos, já ter alegria;  
Que a hum infeliz alenta a companhia.  
Vós, mudas penhas, triste  
Figura da constancia de meu peito,  
Onde o retrato existe  
Daquelle objecto, por quem já desfeito  
Meu fino pranto desperdiço agora,  
Marmore duro, penha vividôra;  
Ouvi-me vós, vós me escutai; que eu louco  
Busco attenção nos brutos insensiveis.  
Não he meu mal tão pouco,

Que não possa fazer em vós possíveis  
 A compaixão, a magoa, e a piedade;  
 Tanto pôde da dor a actividade.

Comvosco, ó penhas duras,  
 Mil vezes o meu bem communicava!  
 Tu, Rio, inda o murmuras:  
 Seu nome nesta penha se gravava:  
 Alli conserva ainda no horror bronco  
 O nome de meu bem aquelle tronco.

Eu mesmo venturozo  
 Neste retiro á muda soledade  
 Communiquei gostozo  
 Aquella singular felicidade,  
 Que, para dilatar minha ancía fina;  
 Só no fim me mostrou, o que he ruína.

Dizia-vos: eu amo  
 A mais bella, a mais rara gentileza;  
 Por quem tanto me inflammo,  
 Que todo o bem o coração despreza:  
 Corresponde-se grata a meus ardores;  
 Filiz sou eu, felizes meus amores.

Inveja eu de Cupido,  
 Emulação gentil dos Astros ella;  
 Em zelos encendido  
 Gemia Amor; chorava cada estrella  
 O seu desprezo: mas oh triste fado!  
 Vingou-se Amor; o Ceo se tem vingado!

De victima profana  
 Manchou-se o altar sagrado: da firmeza  
 Cedee a deshumana,  
 A perjura, a inconstante gentileza:  
 E foraõ suas vozes ( oh tormento! )

Faceis lizonjas do ligeiro vento.

Affavel, carinhoza,

(Mas que digo!) infiel, falsa, fingida,

Já procura enganoza

Outro Pastor: e a seu favor convida

Hum nescio amante, a quem talvez espera

Na gloria, que hoje goza, a ruina fera.

Para desvanecer-te,

O enganado amante, bem discorro,

Que se chego a deverte

Inteira fé das penas, em que morro,

Verás dessa inimiga a vil mudança:

E inda eu de ser feliz tenho esperança!

Eu me vi levantado

Ao mais soberbo cume dessa dita;

E medi despenhado

A distancia, (ay de mim!) que era infinita;

Como podes julgar, que advirto louco

Na mesma gloria, que perdi ha pouco.

Essa mesma, que agora

Branda te acolhe, te recebe affavel,

Já me entregou huma hora

A bella mão, dizendo: nunca instavel

Tu me verás, Pastor: a experiencia

Mostrou bem dezigual correspondencia.

Mais feliz te contemplo,

Do que fui; porque tens a minha sorte;

Onde seguro exemplo

Tema a tua ventura: o peito forte

Oh não a creya não; que eu quando a cria;

Mil vezes cada hora me mentia.

Quem emendar pudera

O sacrilego impulso da vontade ,  
 Quando rompi a austeridade ,  
 Segura condição da liberdade ,  
 Sempre izenta de amor ! Mas que rezisto !  
 Só o fizera , não te havendo visto .

Goza, goza esse emprego ,  
 Que tanto o teu cuidado te desvela ;  
 He digno , não o nego ;  
 Dezempenha o teu gosto : mas , ó bella ,  
 Vê , lhe não guies a fortuna escura  
 Pelos passos da minha desventura .

Ah barbara belleza,  
 Produzida nos montes de Ampeluza !  
 Nasceste entre a fereza  
 Da magica Medéa , ou de Meduza ?  
 Bebeste , dize , a natureza insana  
 Da Libica serpente , ou tigre Hyrcana ?

Mas que exemplares trago  
 De injusta tyrannia ? O tigre fero  
 Talvez o brando affago  
 Humilde reconhece : eu dezespero ,  
 Ingrata , que , por ser mais feya a culpa ,  
 Hum exemplo se quer te não desculpa .

Repara convencida  
 Naquella amante vide , que enlaçada  
 Este tronco convida  
 A' mais suave união : vê apertada  
 A debil planta , como se fizesse  
 Em cada folha huma prizaõ , que tece .

Nada verás , perjura ,  
 Que imagens da constancia , e da firmeza ;  
 Te não proponha : oh dura ,

Vil condição da femeníl belleza!

Tu só, tu só estragas com jactancia

O natural dictame da constancia.

Tudo tem destróçado

Da vil mudança a semrazaõ injusta :

E eu triste, cançado

Da violenta paixãõ, quanto me custa ;

Quanto, quanto a lembrança fatigada

De huma dor taõ profunda, e taõ pezada !

Quizera ( ay doce emprego ! )

Que nunca despertara o estrondo infame ;

E a pena, a que me entrego,

Já mais te accuze, ingrata, já mais clame ;

Porque no esquecimento da mudança

Conheças, que inda he minha esta vingança ;

E vós, as que me ouvistes,

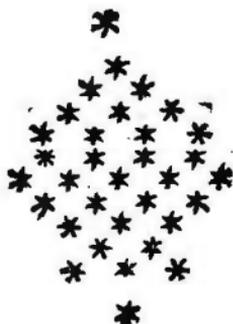
Mudas penhas, em vosso escuro seyo

Sepultai estes tristes

Eccos, que a minha dor expulsar veyo :

Naõ deis final algum de minhas magoas ;

Caducos troncos, e mimozas agoas.



## ANGELICA.

## E C L O G A X.

Frondelio, e Umbrano;

*Fron.* **V** Alha-me o Ceo; e como estou pasma-  
 De ver quam brevemente (do  
 Hum Pastor, que mostrava tanto avizo,  
 Que era aqui respeitado  
 Da nossa pastoril, sincera gente  
 Peto mancebo de melhor juizo,  
 Em louco transformado, o campo todo  
 Admira, de tal modo,  
 Que ja fogem de ouvir seu triste enredo  
 Alguns de compaixão, outros de medo!  
 Ah grande Umbrano! E quem entenderis;  
 Que a dezatino tanto  
 Huma alma conduzia Amor injusto!  
 Quem seu golpe creia  
 De tal vigor, de tal esforço, quanto  
 Neste Pastor se emprega a tanto custo!  
 A' margem desse lago macilento,

Pallido , e sem alento

Anda girando este infeliz amante ,  
Abforto sempre , e sempre delirante.

Que loucuras , a idéa fatigada

Não persuade a hum triste  
Na saudosa lembrança do perdido !

A alma , que estampada

Traz a imagem do bem , que mal reziste

Da infausta pena ao funebre ruído !

Deste Pastor tão bello bem sabemos ,

Com que finos extremos

De Angelica adorava o doce encanto :

A sua ausencia he cauza de seu pranto.

Mas bem que ouvir ingratos dezatinos

Mais parece impiedade ,

Que compaixão , que alente humano peito ;

A ouvir os peregrinos

Desconcertos me chego , que a saudade

Dicsta em seu coração , de amor desfeito.

Agora que tem posto

Dentro do lago os olhos , e o desgosto

No semblante se vê mais declarado ,

Chegar-me quero a ouvir o seu cuidado.

*Umbr.* Não são agoas mimosas

Estas correntes , não : eu nellas vejo

As desfolhadas rozas

Das faces de meu bem : o meu desejo

Com enganoza tinta

Esta gloria nas agoas me não pinta.

Vós , olhos , que serenos ,

Representais as lucidas estrellas

Que suaves venenos

Alimentando estais nas faces bellas ;  
 Venenos , que bebidos  
 Sempre hydropicos tem os meus sentidos ;

Enredados cabellos ,  
 De donde Amor me despedio as settas ;  
 Fostes a meus desvelos

As correntes mais doces , e inquietas ;  
 Que em maos de suavidade  
 Me prendem para sempre a liberdade.

Choras ? Ou te estas rindo ?  
 Se choras , a saudade te agradeço ;  
 Se te ris , eu sentindo

Fico o mal desta auzencia , que padeço.  
 Quem fôra premiado  
 Em tao illustre fé , em tal cuidado !

Aqui vagando vivo  
 A margem deste lago ; aqui discorro  
 Confuzo , e pensativo ,  
 Buscando sempre a cauza , porque morro !  
 O seu divino rosto  
 O Céo ; por consolar-me , aqui tem posto.

Dentro desta corrente  
 Habita a minha Angelica ; o semblante  
 Rico , e resplendente ,  
 Aqui vejo nesta agoa a cada instante.  
 Em Ninfa transformada  
 Aqui quiz eleger sua morada.

Mil vezes no despenho  
 Me lembra Alfeo rendido , e namorado ;  
 A seguillo me empenho ;  
 E me impede , não sei , se Amor , se o Fado !  
 Buscara a sua sorte ;

Mas delle não invejo mais, que a morte.

Consolação pezada

He seguir este allivio; senão gozo

A face delicada,

Termo de meu destino venturozo;

Quanto o ver me atormenta,

Que o mesmo, que possuo, se me auzenta!

Nesse lago do Averno

He bem sabido. como hum desgraçado

Vive em tormento eterno,

Só por lhe fer ( oh dura ley! ) negado

O licor da corrente,

E o pomo, que se mostra florecente;

Retrata o meu martyrio

De Tantaló. infeliz a desventura:

Qual lhe chama delirio,

Qual excessó da dor! Mas se a loucura

Vem tão discretamente,

Louco me espere sempre toda a gente.

*Fron.* Não ha, nem póde haver mais desconcerto;

Que o deste infausto amante:

Quam grande he o poder da fantasia!

Julgar, que tem tão perto

Aquelle bem, que vive tão distante,

Delirio he só da mísera porfia.

Imagina presente o bem amado

O triste desgraçado.

Ah ditoza loucura! Pois na idéa

Trazes aquelle alento, que recréa.

Porém oh que delirio a alma alcança!

Como nunca o destino

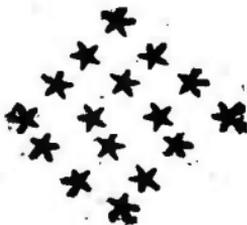
Nos conduz para o bem de huma ventura!

Pacífica bonança

Encontrára este amante peregrino,  
Se obrasse huma hora igual a forte escura;  
Mas para mais desgosto

Todo o prazer na idéa está disposto:  
E seu tormento infiel por derradeiro  
Tanto he mais duro, quanto verdadeiro!

A noite vem cahindo: eu me reiro:  
Pois querer dar socego  
A quem tem no seu erro o seu descanso;  
Que he tyrannia, infiro,  
Só natural a hum coração taõ cego,  
Que ignora o desconcerto, que eu alcanço!  
Que triste anda hum amante,  
A quem traz seu cuidado delirante!  
Pois para ser mayor sua agonia,  
Tem todo o seu prazer na fantazia!



## DALIZO.

## ECLOGA XI.

Dalizo, Alcano, Agrario, e Eulina

*Dal.* **D**Eixa-me: não admito, Alcano amado;  
Socego algum no mizero accidente  
De tão profunda dor, mal tão pezado.

Como queres, que chegue a estar contente,  
Vendo tão mallograda aquella idade  
Do meu Pastor, do meu Salicio auzente!

Tu sabes, que nos laços da amizade  
Mais estreita, mais fina, e mais segura,  
Unça em nós havia huma vontade:

Do genio á suavidade, e á brandura  
Me conformava eu tanto, que violencia  
Me faz em não levar-me a morte dura.

Que fico eu cá fazendo nesta auzencia,  
Se haver não pôde allivio, que conforto  
A grave dor da minha impaciencia!

Errou o golpe barbaro da morte;  
A inveja bem mostrou no dezacerto,

Podendo em duas vidas ser mais forte!

Ay doce Alcano meu! E que concerto

Póde achar o discurso naufragante

Desto damno fatal no golfo incerto!

Roubou-me a Parca de meu peito amante

Hum bem tão preciozo, que na terra

Naõ espero ver outro semelhante.

Sabes, que entre os Pastores desta serra

Era o meu bom Salicio o mais amado

De todos, quantos a montanha encerra,

Era do velho Alfemo respeitado;

Elle nos recordava cada dia

De Salicio as açoens, genio, e agrado.

Quando entre nós algum certame havia;

Este sabio Pastor com arte, e modo,

Os duvidozos cazos rezolvia.

Em concorrendo o nosso campo todo;

Era Salicio a flor: nesta lembrança

A soffrer tanto mal não me accommodo.

Em todo o baile, em todo o jogo, ou dança;

Que convidasse o genio da floresta,

Elle excedia sempre a esperança.

*Alg.* Não sei, Dalizo meu, que ley he esta;

Tão dura, tão cruel, que em nosso damno,

Na parte mais mimoza he mais molesta.

Ha poucos dias, que ao Pastor Montano

Lhe morreu humia ovelha, a trais-formoza;

De quantas lhe tragára o lobo Hyrcano.

Bem sabes, que entre todas mais vistoza

Era dos dous novilhos a parelha,

Que eu tinha; e deu lhe a peste venenoza,

Esta de cor dourada desde a orelha.

De inveja aqui trazia os mais Pastores ;  
Morreu huma; e ficou outra mais velha.

Bem vemos nós do campo os moradores ;  
Que no anno , em que he Ceres mais fecunda ,  
Dando mais abundancia aos lavradores ;

Quando o terreno fertilmente inunda  
Na copia das searas carregadas ,  
Onde o agricultor seus dotes funda ;

Então , ou vem as agoas mais pezadas ;  
Ou vem o Sol ardente , e tudo morre ,  
Ficando as plantas pelo chaõ prostradas.

Esta disposiçaõ , se se discorre ,  
Dálizo , com acerto , e com prudencia ,  
Que he só mysterio occulto , á idéa occorre ;  
Mysterio ; que não vê mortal sciencia ,  
Que não alcança humana conjectura ,  
Por ley da inescrutavel providencia.

*Dal.* Algano , assim será : porèm que cura  
Queres , que tenha hum golpe tão violento ;  
Que me roubou tão breve huma ventura !

Se alheyo de si mesmo o entendimento ,  
O que vê , não comprehende , nem alcança ,  
Como hade agora discorrer attento !

Eu vejo , Amigo , a mizera lembrança ,  
Da que eu imaginava , gloria minha ,  
Prostrada a baze infiel da segurança.

Que fosse eterno tanto bem convinha :  
Ou que durar pudesse mais idade ,  
Segundo os raros dotes , que em si tinha .

Para que nos vem dar felicidade  
Jove , o grande senhor da humana vida ,  
Se hade acabar com tanta brevidade !

Entregar-nos huma alma enriquecida  
 De prendas tão gentis, só para effeito  
 Póde ser de lograda, e possuida.  
*Alg.* Quanto nesse discurso erra o conceito!  
 E sempre nessa credula ignorancia  
 O dezeno achamos mais estreito.

Chamar-mos nosso bem he vã jactancia;  
 Que entre nós os mortais só he precioso  
 O inestimavel dote da constancia.

Tudo he de Jove: em throno luminoso  
 Elle as mayores graças nos dispensa;  
 Se a nós se inclina o rosto seu piedoso.

Dos seus rayos despede a chama intensa;  
 E quando nos parece, que he castigo,  
 O faz por nosso bem, não por offensa.

Bem lhe podemos crer o rosto amigo;  
 Inda quando em vingança do innocente  
 O imaginamos nós mais inimigo.

Este segredo a nós não he patente:  
 E se o fôra, faltara a Divindade,  
 E o privilegio a Jove Omnipotente,  
 Não cabe na mortal calamidade  
 Exceder tanta mizera fraqueza,  
 E menos nesta vil rusticidade.

Aqui notamos só, como a fereza  
 Do lobo, animal feyo, monstro indigno;  
 Offende a ovelha, que a innocencia preza.

Vemos aquelle genio, mais maligno,  
 Que está cheyo de fructos abundantes,  
 Entre todos havido por mais digno:

Não são as suas prendas tão brilhantes;  
 Que offusquem o mayor merecimento

De outros, que vimos abatidos antes.

Jove, que lá criou o firmamento,  
A certos Astros deu mais resplendores;  
Deixando a outros menos luzimento.

*Dal.* Discorres muito livre; as tuas dores;  
O teu pezar, a tua pena, e magoa,  
Desconhece estes miseros horrores.

A pena inconsolavel, que na fragoa  
Da memoria me augmenta a desventura,  
Mal se suffoca em dous diluvios d'agoa.

! Ay Salicio infeliz! Ay morte dura!  
Como pôde esquecer tua lembrança,  
A quem te consagrava fé tão pura!

Minha saudade tomará vingança  
Dessa perfida, infame tyrannia,  
Que de affligir os homens não se cança!

Aqui entre estas penhas á porfia  
Hei de chorar, Amigo, a tua morte,  
Thé se abalar a mesma ferrania.

Será de minha dor, será tão forte  
Aquelle impulso, com que eu fira as brenhas,  
Que as mesmas féras á piedade exhorte.

Os Faunos nesses concavos das penhas  
Haóde escutar meu funebre gemido,  
Clamando em vão por ti, que ouvir me venhas;

Que deixes esse throno appetecido,  
Aonde estás sentado em teu descanzo;  
E me seja teu rosto concedido;

Que venhas escutar com gesto manso  
Aquella minha lyra descontente,  
Que tanto em affinalla hoje me canso;

Confessayas hum tempo, Amigo auzente;

Que o meu canto sonoro , elizongeiro  
Só abrandava a tua magoa ardente.

Mas ah ! que nesse throno derradeiro,  
Neste centro de luzes mal ouyido

O meu canto será tosco , e grosseiro.

Quebrar te quero , em vão de mim possuido,  
Instrumento infeliz : que me aproveita  
Da tope voz o dissonante ruido !

Ah ! Se fôras aquella voz eleita,  
Para trazer do Tartaro a formosa  
Deidade , cujo pacto Jove aceita !

Se fôras tão feliz , tão poderosa ,  
Que outra vez repuzesses nesta esfera  
Do meu Salicio a alma venturoza !

Naõ acabara a verde primavera  
Destes campos : nas arvôres , nas flores  
Senaõ vira a campina tão-austera.

Ao dominio dos rusticos Pastores  
Obedecendo a cabra , a ovelha , o touro  
Pastaraõ , dando gosto aos guardadores :

Naõ mostraria iudo infaulsto agouro ;  
Os Genios naõ andaraõ todos tristes ;  
Febo naõ escondera os rayos d'ouro.

*Alg.* No teu lamento , Amigo , em vão perzistes:  
Porque naõ he Salicio inda o primeiro ,  
Que do Lethe ás ribeiras baixar visses.

Em cada faya em fim , cada salgueiro  
Se lê hum epitafio a qualquer morto :  
Discôrte , e assim veras o campo inteiro.

No commum sentimento ache conforto  
O mal comunicado ; o teu gemido  
Assim do allivio se recolha ao porto !

*Dal.* Ay Alcano . . . ! porém se o meu ouvido  
Senaõ engaña ; eu ouço d'esta parte  
Hum canto harmoniozo , e muy sentido.

*Alg.* Eu estava tambem para avizar-te  
Da minha suspensãõ : daqui mais alto  
Podemos ver , se queres levantar-te.

*Dal.* Ay que divizo já de alentos falto  
O velho Agrario , e a conforte amada ,  
Eulina , a quem rendera o sobressalto !

Saõ de Salicio os Pays : oh ley pezada  
Da morte crua ! Que fatal desgosto  
Se vê na face de ambos magoada !

Elle no Ceo os olhos tem já posto ;  
Ella de grave magoa combatida  
Abaixa a terra o peregrino rosto .

*Alg.* O funesto espectaculo convida  
A romper , caro Amigo , o peito em pranto ;  
E a consumir em seu tormento a vida.

Naõ ha pena mayor , nem dor , que tanto  
Possa aggravar a humana desventura.  
Quem vio golpe mayor , mayor quebranto !

Affogaõ-se meus olhos de ternura ,  
Meu coraçãõ em mil pedaços feito  
Chora o golpe cruel da forte dura.

Ouçamos o seu canto : mas que peito  
Póde haver taõ constante , e endurecido !  
Eu naõ me exponho a lance taõ estreito.

Adeqs , Dalizo : em vaõ compadecido  
Me atrevo a consolar-te ; antes discorro ,  
Que vim buscar mais cauza a meu gemido.

*Dal.* Tambem , Amigo , eu a seguir-te corro :  
Mas que faço infeliz ! Onde pertendo

Esconder esta magoa, com que morro!

Já as amados Pays a voz erguendo,  
Vaó, consolando a pena: os seus pezares  
Tambem co' a minha dor iraó tecendo.

Que bem de compaixão ferindo os ares,  
Acompanhar o espirito faudozo  
Sabem do pranto seu nos ternos mares!  
Que fado taó cruel, taó rigorozo!

*Agrar.* A mizera fortuna

Naó maldigas, Esposa: que a suprema  
Sagrada maó naó sofre a dor blastema;

Ignorante, e importuna

Accuzas de impiedade,  
Dispozicoens da eterna Divindade;

Vive a humana fraqueza,

De Jupiter fugeita ao rayo activo;

E de seu braço o golpe executivo.

Empregando a fereza,

Bem que o effeito descobre,

A providencia summa nos encobre.

Salicio, o nosso amado,

Penhor da casta fé, querida Eulina,

Eu bem vejo, consorte peregrina,

Que era do nosso agrado

Digno objecto: mas este,

Que o Ceo nos rouba, foi penhor celeste;

He livre aos lavradores

Recolherem do campo a sua planta:

Ninguem disso se admira; nem se espanta;

E só nas nossas dores

Nos confunde, que leve

Jove, o que he seu, e em nós guardado teve!

De Jove era creatura  
 Salicio, o nosso filho; Jove o guia  
 A eterna luz, á eterna Monarquia;  
 Aonde em paz segura

Aquella alma ditoza  
 Zombe da nossa sorte lastimoza:

*Eulin.* Já mais contentamento,  
 Alegria, ou prazer será loucura,  
 Que eu espere na minha desventura;  
 Porque perdido o alento,  
 Na falta de Salicio,  
 Só lhe faço da pena sacrificio:

Sacrificio violento,  
 Se bem que enternecido; pois de todo  
 A chorar esta perda me accommodo:  
 Sem que do meu tormento  
 Outro allivio pertenda,  
 Mais que o termo fatal desta contenda.

Que vença o meu martyrio,  
 Só espero; e lhe cedo voluntaria  
 Qualquer constancia, ou força temeraria;  
 Que em meu nescio delirio  
 Me persuada alento,  
 Sobre tão porfiado sentimento,

*Agrar.* Que debalde procuro  
 Consolar-te, querida, se conheço,  
 Que delira também no mesmo excessão  
 O meu tormento duro!

Ah Salicio! Ah memoria!  
 Faltaste-me; faltou-me toda a gloria:

*Eulin.* Em quanto na floresta  
 Der alma a primavera ás tenras flores;

Em quanto o secco outono aos lavradores

Com mão nunca molesta

Conceder carregadas

As searas, que o Sol deixou douradas,

*Agrar.* Em quanto na montanha

Pela fresca manhã a aurora bella

Espalhar os orvalhos, que congela;

E na verde campanha

Brotarem foccorridas

As plantas do calor amortecidas.

*Eulin.* Em quanto neste monte

Se ouvirem os balidos faudozos

Dos tenros cabritinhos, e sequiozos

Buscando a pura fonte

Deste sitio sombrio

As ribeiras descerem desse rio;

*Agrar.* Não verás, filho amado;

Adorado meu bem, caro Salicio,

Não verás este amante sacrificio

Torpemente apagado,

Por despojo violento,

Com que se orne o altar do esquecimento;

*Eulin.* Verás a minha pena,

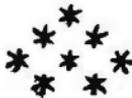
O sempre inestimavel, filho amado,

Agitando o rumor do meu cuidado;

Athé que em paz serena

Presente á tua vista

Na tua amada companhia assista.



---



---

# AMARILLIS.

## ECLOGA XII.

Salicio, Frondelio, Amarillis, e Feliza;

---



---

**A** Funebre harmonia,  
 Dissonante lamento  
 Dos estragos de Amor, escuta hum dia;  
 Adorada occasião de meu tormento;  
 E em mizera figura  
 Verás do teu Pastor a desventura,  
 Dalizb sou, que canto  
 De Salicio a desdita;  
 A ver, se deixo pela voz do pranto,  
 A minha magoa duramente escrita,  
 Tomando a sombra alheya;  
 Por não fazer a magoa inda mais feya;  
 Em hum bosque sombrio,  
 Funesto sitio, escuro,  
 Levado do seu louco desvario  
 Salicio, a quem o duro,  
 Ingrato fado havia  
 Roubado em Amarillis a alegria;

Apascentava o gado  
 De si tão esquecido,  
 Que todo pelas ferras espalhado,  
 Qual ficava perdido,  
 Qual entre as garras era  
 Despojo triste de maligna fêra.  
 Em quanto o Sol guiando  
 Para o berço das agoas  
 O luminoso carro vai girando,  
 Coberto o rosto, e cheyo em fim de magoas,  
 Em si mesmo attendendo,  
 Assim fallando vai, assim dizendo.

*Sal.* Aonde vou guiando o meu rebanho  
 Pobre de mim sem timo, e sem cautela,  
 Por tão escuro bosque, sitio estranho!

Como perdida a minha amada bella,  
 Me conduz meu tormento á esta estancia,  
 Se apenas o segredo habita nella!

Acazo o dezafogo de minha ancia  
 Acharei entre os troncos, e penedos,  
 Que são imagens da mayor constancia!

Acazo estes sombrios arvoredos  
 Poderão divertir a infauſta historia,  
 Dos, que Amor me receu, tristes enredos.

Mal feito, que o tumulto da memoria  
 Recobre algum focego, quando lida  
 Com as lembranças da passada gloria.

Tão viva n'alma a dor desta ferida  
 Está, que hade igualar da eternidade  
 A larga serie, a duraçãõ comprida:

E o pensamento meu, que se persuade  
 De querer apagar da idéa a chama,

Cada vez mais se cobre de faudade.

Naõ se desmaye assim, de quem bem ama;  
O extremo affecto; o fogo activo  
Com immortal ardor o peito inflamma.

Leva da morte o golpe executivo  
Para os campos do Elizio a luz inteira  
Do fino amor, que n'alma arde taõ vivo?

Lá dizem, que se estende huma ribeira;  
Por onde andaõ as almas vagabundas,  
Seguindo a sorte ingrata, ou lizongeira:

Tu, brando Rio, mansamente inundas  
Os fertes campos, onde a opposta via  
O passo inclina ás regioens profundas;

Neste Paiz faudozo a luz do dia  
Perpetua sempre, sempre vigilante,  
Põem em desterro as sombras da agonia.

Se pois só lá descança hum triste amante;  
Se nem ainda a mesma morte apaga  
O voto fiel de hum coração constante;

Como he possivel, que eu á idéa traga  
O delirio infeliz, de que alguma hora  
Allivio tenha minha infauستا chaga!

Morra minha loucura: que eu já agora  
Seguir-te espero, ó peregrino enleyo  
De hum coração, de huma alma, que te adora;

Perdido o tino, e da razaõ o freyo  
Torpemente estragado, me disponho  
A viver sempre de pezares cheyo.

Toda a gloria, e prazer terei por sonho;  
E crendo só na minha desventura,  
Já no meu damno a ponderar me ponho.

Dar não quero a meu mal outra mais cura;

Que trazer sempre impresso na lembrança,  
 Todo o passado bem, toda a ventura.

Vamos pois recordando esta mudança ;  
 E não me esqueça do suave alento,  
 Que achei de amor na placida bonança.

Quero esse bem lembrar ao pensamento,  
 Em cujo fer depositado eu via,  
 Cruel Amor, o teu contentamento.

Vamos dezentranhar da cinza fria  
 As imagens do gosto, que apagadas  
 Tem do destino a dura aleivozia. ( das

Que peregrina em tudo ... ! Ah ! q̄ embarga-  
 São minhas vozes de hum Pastor, que chega,  
 E vem talvez seguindo-me as pizadas.

Quanto commigo he a fortuna cega !  
 Pois até este bem da soledade,  
 Sómente porque he bem, gozar me nega.

Debalde he esperar, que haja piedade ;  
 Que vai da sorte o mizero progresso  
 Abrindo sempre o seyo da crueldade.

Quem será ! He Frondelio : eu o conheço ;  
 Importuno Pastor, inda que amigo :

Já não posso esconder-me : eu lhe appareço.

*Fron.* Valha-me o Ceo, Salicio ! que inimigo ;

Que ingrato, que maligno influxo he este,  
 Que tanto he contumaz em teu castigo !

Não he preciso, que eu te manifeste  
 A forçoza razão, que me acompanha,  
 Para o sentir : ha muito, que a soubeste.

Tem assombrado a toda esta montanha  
 Este semblante teu tão carregado,  
 Coberto de huma dor, e magoa estranha.

Vaga sem guarda o teu faminto gado ,  
Feito dos lobos innocente preza ,  
Pelos agrestes matos espalhado.

Foges de todo o trato ; e athé te peza ,  
Que hum amigo os teus passos vá seguindo ;  
Por saber a razão dessa tristeza.

Falla , dize ; que tens ? Que estás sentindo ?  
Mas tu dás hum suspiro , e emudecendo  
Co'a face sobre o peito vás cahindo !

Explica-te commigo ; eu estou vendo ,  
Que esperas , que os teus males nos declare  
De alguma grande dor o estrago horrendo.

*Sal.* Primeiro a doce vida dezampare  
Este fraco despojo , que hoje anima ,  
Que eu de outro algum, senão de ti, me ampare :

Se o ver-me , caro Amigo , te lastima ,  
Arranca-me esta vida ; que eu não quero  
Hum bem , que sem ventura não se estima.

Eu morro ; eu enlouqueço ; eu dezespero :  
E só da morte dura o horror maligno  
He , Frondelio , a piedade , que hoje espero.

Já me entrego de todo ao dezatino :  
Pois a tanto pezar , a tanto susto  
Allivio algum não ha , bem que imagino.

Nada faço em penar : a tanto custo  
Quero morrer , Amigo ; arranca ; arranca  
Este meu coração : he justo , he justo.

*Fronde.* Se a corrente da magoa não se estanca ,  
Pela falta talvez do dezafojo ;  
Por negar-te a piedade a porta franca ;

Commigo estale embora o ardente fogo ,  
Que recatas zelozo : ao doce effeito

Menos activa a magoa verás logo.

*Sal.* Quero fallar, Frondelio; mas desfeito

O coração em lagrimas, desmaya

Balbuente a lingua, a voz no peito. (*raya*)

*Fron.* Cobra socego hum pouco; e em quanto

O Sol já menos quente nessa esfera,

Para fallar-me o teu valor ensaya.

*Sal.* Custozo me ferá; mas ouve, espera,

Escuta, meu Frondelio: ah quanto he duro

Sentir de huma lembrança a ley severa!

Perdoa-me; Amarillis: eu te juro,

Que amor fim, não a falta de decoro

Rompe de meu silencio o voto puro:

Eu te respeito em fim, te amo, e te adoro;

Conheces a Amarillis,

A Pastora mimoza,

Mais bella do que Almena, e mais que Filis;

Amarillis formoza,

Meu Idolo adorado,

Filha de Alfemo, gloria deste prado?

Lembras-te, quantas vezes

Convidando a floresta

As bellas noites dos dourados mezes;

A pompa manifesta

De seus dotes se via,

E cada vez mais bella parecia?

Acordas-te de quando

N<sup>h</sup>uma noite daquellas

Huma flor para o jogo ella tomando;

Colhida entre as mais bellas,

Fingindo, que eu ganhara,

Rizonha me entregou a Ninfa clara;

Aqui, Frondelio amado,  
 O giro principia  
 De meu ingrato, meu injusto fado:  
 Tomou naquella dia  
 Por sua empresa a sorte  
 Lavrar na minha gloria a minha morte!

A inveja macilenta,  
 Filha do monstro indigno,  
 Começou a espalhar com mão violenta  
 O barbaro, o maligno  
 Contagiozo veneno,  
 Que hoje he cauza das magoas, em que peno?

No bosque prado, e valle,  
 Não ha, quem de Salicio  
 Depois daquella dia já não falte?  
 Daquelle flor no indicio  
 Já conhecido o engano  
 Se faz universal para meu damno!

A romper-se começa  
 Pouco, e pouco o segredo,  
 Em quanto a bella Ninfa, que travessa  
 De nada tinha medo,  
 Nutria os meus amores  
 Com o doce alimento dos favores.

Ah quem, Frondelio, agora  
 Lembrar-se não pudera  
 Daquelle dita, aquella enganadora  
 Gloria, que detivera  
 Toda a minha ventura  
 Sobre a baze gentil da formozura!

Mas se está meu tormento  
 Tam patente, e tão claro,

Quero lembrar o meu contentamento;  
 Cegamente reparo  
 Em dar mayor valia  
 No decoro ao pezar, do que á alegria;

Rocolhiaõ-se os rayos  
 Ao centro cristallino  
 Desse eterno Planeta; a seus desmayos  
 Succedia o benigno  
 Influxo de Diana,  
 Emula de Amarillis soberana;

A estas horas, quando  
 Ao somno se rendia  
 O velho Alfemo, a Ninfa o véo tomando;  
 A hum jardim descia;  
 Aonde alegre Flora  
 Espalha as agoas, que humta fonte chora;

Tu, dize, tu mimoza,  
 Sonora fontezinha,  
 Que regas a campina delicioza,  
 Que piza a Ninfa minha,  
 Tu dize aquella gloria;  
 Se inda a guardas impressa na memoria;

Dizei-o vós, ó plantas,  
 Vós o dizei, ó flores;  
 Que vós testemunhastes vezes quantas  
 Propicia á meus amores  
 Amarillis, a bella,  
 No vosso campo pareceo estrella;

Mas não digais; e antes  
 Discretamente attentas  
 Observai sempre os votos vigilantes;  
 Que as leys da dor violentas

Tem de todo estragado  
No recato infeliz de meu cuidado,  
Pois que a dita alcançaste,  
Ouve, Frondelio, a pena;  
Tu mesmo o meu pezar dezafiaste;  
Teu respeito me ordena,  
Ou a amizade tua,  
A que te faça narraçãõ taõ crua;  
Esta gloria gozava,  
Amigo, quando a inveja  
Aos ouvidos de Alfemo se avançava;  
E como ver dezeja  
Vivamente o seu damno,  
No descuido da Ninfa tece o engano;  
Comprehende o delicto;  
Accuza a ligeireza;  
E com impio rigor lhe tem perscrito;  
Que em hum carcere preza  
Pague a culpa, que eu tenho  
De a ter rendido ao amorozo empenho.  
Vê; considera, e diz,  
Com quanta dor, com quanta  
Sopportará minha alma este castigo!  
Lembrar-me gloria tanta  
Perdida em hum instante!  
Ah que dor taõ cruel a hum peito amante!  
Estar na minha idéa  
Pintando a tyrannia,  
Que opprime a bella Ninfa! A alma cheya  
De angustia, e de agonia  
Em tanto sentimento  
Suffoca-se no horror do pensamento.

Como hade estar aquella,  
Formosa como o dia,  
Cerrada em sombra escura? Como a bella  
Imagem da alegria,  
No funebre apozeno,  
Dormirá entre os suspiros do tormento!

Ora a fineza minha  
De cobarde accuzando,  
Ora a piedade, que em minha alma tinha,  
De ingrata condemnando;  
Tudo opposto em meu damno,  
Convertida a esperanza em dezengano!

Ah! Quando em tal discorro,  
Frondelio meu, a vida  
Me enfada, e me aborrece; expiro, e morro  
Entre a confuzo lida  
De taõ profunda pena,  
Que injusto Amor em meu martyrio ordena!

Vê tu, quanto hey perdido,  
E quanto em fim me resta!  
De Amarillis o encanto appetecido,  
A minha dor funesta,  
A gloria, a dita, o gosto,  
A desventura, a magoa, e o desgosto.  
*Fron.* Na verdade, Salicio, o teu successo  
Notavel compaixão me tem devido.  
Sei, onde chega o barbaro progresso  
De huma dor na lembrança do perdido;  
Porém não devo desculpar o excesso  
A tempo, que parece o teu gemido  
Algum remedio tem: vê, discorramos;  
Podemo-lo applicar, se acazo o achamos.

*Sal.* Pertendes , que nos laços da esperança  
 Outra vez , caro Amigo , a vida ponha !  
 Queres , que entre as ruínas da mudança  
 Para novo tormento me disponha !  
 Heide ser , como aquelle , que a bonança  
 No meyo da tormenta acazo sonha ,  
 E os olhos dezatando o somno amigo ,  
 Se acha infeliz no centro do perigo ?

Já não creyo , que pôde haver ventura  
 Para o pobre Salicio decretada ;  
 Salvo se vêm com máscara perjura  
 A desgraça impiamente disfarçada :  
 Eu , que em tantos triunfos vi segura  
 A gloria, que hoje he sombra, he fumo, he nada,  
 Posso esperar , que torne a minha dita ?  
 Quem tão grande loucura inda acredita !

*Fron.* Se em laço de Hymeneo o velho Alfemo  
 Te une á bella Amarillis , eu confio ,  
 Que passando hum extremo á outro extremo,  
 Não terás de culpar teu fado impio.

*Sal.* Ah ! Que nessa lembrança , Amigo, gemo ;  
 Pois he nescia loucura , he desvario  
 Aspirar hum Pastor humilde , e pobre ,  
 A' ventura de hum bem tão rico , e nobre.

O que faz o tormento mais dobrado ,  
 He ver a ley sagrada do decóro,  
 Impondo-me hum silencio tão pezado  
 No que soffro , suspiro , peno , e choro :  
 Eu hum triste Pastor , triste o meu gado ;  
 Ella Pastora de hum divino côro ;  
 Não pôde haver igual correspondencia ;  
 Sempre temo os excessos da violencia,

Mas se Amor he das almas harmonia,  
 Que o peito escuta, o ouvido não entende;  
 Esperar posso ainda, que algum dia  
 Seja pago este amor, que assim me accende,  
 Mas em quanto a soberba tyrannia  
 De Alfemo os meus gemidos não attende,  
 Como allivio terei, como descanso?  
 Como andarei com gesto alegre, e manso?  
*Fron.* Sitio sei eu, de donde me parece,  
 Que supposto Amarillis preza esteja,  
 Póde ser, se de ti se não esquece,  
 Que inda chegue á escutar-te, e que te veja,  
*Sal.* Guia-me tu, Frondelio: qual he esse,  
 Venturozo retiro, occulto á inveja?  
 Eu quero vèllo: vamos, vai diante.  
*Fron.* Vem; e não te demores hum instante;  
 Vês este valle? Para aquelle assento  
 Fica hum pequeno oiteiro; e se diviza  
 Vizinha a elle a choça, o apozento  
 De Alfemo, de Amarillis, e Feliza.  
*Sal.* Sagrado sitio, a meu gemido attento,  
 Se he, que amparas propicio, a quem te piza,  
 Mostra a minha Amarillis: dize aonde  
 Amarillis, meu bem, em ti se esconde.  
*Fron.* Que mais queres? Aquella he a belleza  
 Da tua amada Ninfa: o seu semblante  
 Coberto está de funebre tristeza.  
*Sal.* Triste vem: que pezar a hum pobre amante!  
 Alguem vio, como eu vi, a gentileza  
 Daquelle rosto, mais que a luz, brilhante,  
 Mais bella, do que a roza matutina,  
 Engraçada, gentil, e peregrina!

*Fron.* A seu lado Feliza está sentada ;  
Ambas na historia triste discorrendo ;  
Talvez de teus amores magoada  
A formoza Amarillis vai dizendo.

*Sal* Escuta: nesta estancia retirada  
Irei, o que ambas dizem, percebendo ;  
Ah ! Que hum ay Amarillis deu sentida !  
Triste fadiga ! Lastimoza vida !

*Amar.* Mal haja afeminil loucura minha,  
Que de hum homem na falsa ligeireza  
Imaginou firmeza.

Mal haja o cego monstro, que me tinha  
Na louca fantazia debuxado  
Taõ bello o meu cuidado ;  
Para comprar meu dezengano agora  
Nas mãos da experiencia roubadora.

Habitar esta sombra, ver o dia,  
Cheya a alma de horror, de affombro o peito,  
Trazer sempre sujeito  
O coração á vil melancolia,  
Oh quanto me atormenta, Amor, oh quanto!  
Ah mizero quebranto,  
Fiscal de meu amante rendimento !  
Só porque soube amar, sinto o tormento.

Estas eraõ, Salicio fementido,  
As lagrimas, que eu vi banhar teu rosto !  
Artificio disposto,  
A contrastar o Nume dezabrido  
De minha condiçãõ ! Ah ! se eu não fôra  
Taõ crédula á traidora,  
Lizongeira efficacia de teu pranto,  
Engenhoza em meu mal não fôra tanto.

Quantas vezes, ingrato, esta montanha  
 Girando por buscar-me á calma, ao frio  
 Com generoso brio,  
 Vieste, para empreza tão estranha!  
 Quantas a noite te deixou no prado!  
 Quantas o rosto amado  
 Da Aurora te encontrou, perfido amante;  
 A's portas desta choça vigilante!

Que inventos não achaste peregrinos,  
 Para me contrastar! Que cédro, ou faya,  
 Que ao tempo não desmaya,  
 Não guarda ainda os sonorosos hymnos,  
 Que na bem temperada, acorde avena,  
 Para tecer-me a pena,  
 Entoaste depois em meu tormento,  
 O veneno occultando no instrumento!  
*Fel.* Amarillis, o tempo tem mostrado,  
 Que a palavra do amante apenas dura,  
 Em quanto da ventura

Corre propicio o giro acelerado.  
 Verás, Irmaã, mudar-se aquelle outeiro  
 De seu lugar primeiro,  
 Que se veja nos homens algum dia  
 Segura a fé, que hum delles prometia.

*Sal.* Onde, Frondelio meu, me has conduzido?  
 Que ao escutar da minha amada a queixa,  
 Tão magoado me deixa  
 A constante razão de seu gemido,  
 Que ao passo, que igualando o seu estrago  
 Lhe recompenso, e pago  
 O martyrio, que o fado lhe destina,  
 He mayor, que o seu mal minha ruina.

Quero, que ella me veja: eu lhe appareço.  
 Que importa aventurar-me a seus rigores,  
 Se chegaõ minhas dores  
 Do ultimo golpe ao lastimozo excessõ!  
 Se hei de morrer distante á sua vista,  
 Onde he força rezista,  
 Por lograr este bem, da morte ao laço;  
 Vá-se o temor, o susto, o embaraço.  
*Fron.* Chega-te muito embora: arrependido  
 Já de minha piedade bem me peza,  
 De que a tua tristeza  
 Encontre aqui motivo mais crescido.  
 Mal haja a compaixaõ, que enganadora  
 Me persuadio, que huma hora  
 Quarta da tua pena, quebraria  
 (Prezente o bem, que adoras) a porfia.  
*Amar.* Se a fantazia acazo não me engana,  
 E a luz já menos firme no Orizõte,  
 Vizinho a este monte  
 Vejo hum vulto chegar de fórma humana.  
*Fel.* Se de meu triste horror não he pintura,  
 Nelle se me figura,  
 Amarillis, ptezente o teu Salicio.  
*Amar.* Será: oh que funesto precipicio!  
*Sal.* Salicio sou, querida; não te espantes;  
 Se bem, que de meus males a aspereza,  
 Qual nunca a vil fereza  
 Igualou da fortuna nos amantes,  
 Mudado tem de todo a humana fórma;  
 E este corpo se infórma  
 Da magoa, dos pezares, da amargura,  
 Das sombras, da afflicãõ, da desventura.

Taõ outro em fim me vejo, do que fôra;  
 Que huma estatua da pena me contemplo,  
 Dos martyrios exemplo  
 Me proponho á vingança; esta alma ignora  
 O uzo de razaõ; se bem, querida,  
 Ao passo, que duvida  
 Minha alma, se do corpo o moto ordena;  
 Conheço, que só vivo para a pena.

Vivo só para a pena; e tambem vivo  
 Para sempre te amar, Ninfa formosa.  
 Consulta esta amoroza,  
 Viva estampa de Amor; no fogo activo  
 Verás a tua imagem, que respeita  
 Taõ pura, e taõ perfeita  
 A minha adoraçãõ, verás prostrado  
 A teu desprezo duro o meu cuidado,  
*Amar.* Inda a meus olhos vens, perfido amante,  
 As traçoens escondendo em teu gemido?  
 Tu, monstro fementido,  
 Tu, coraçãõ mais duro que diamante,  
 Escandulo, e horror destas montanhas!  
 Nas asperas entranhas  
 Da Hyrcania o humor primeiro achar pudeste,  
 Onde a fereza indomita bebeste.  
 Crês, que inda, ingrato, o cego dezatino  
 De meu primeiro amor me tem cerrada  
 Na illuzãõ adorada  
 De acreditar-te verdadeiro, è fino?  
 Vens privar-me do allivio, que ainda gozo  
 No desterro penozo,  
 Sendo força, que allivio considere,  
 Quando ver-te, cruel, já mais espere!

Vens protestar finezas? Que esperança  
 Taõ delirante, e louca dezordena  
 A face taõ serena  
 Dessa tibieza tua? Vai, descança,  
 Segue o socego teu; deixa, que eu triste  
 Na magoa, que me assiste,  
 Deva á piedade tua o grande excesso  
 De escuzar-me este horror, com que faleço.  
*Sal.* Não venho, amada, não; porq̃ tyranno  
 Fiscal de teu martyrio me imagines;  
 Só para que me ensines,  
 A vencer de meu fado o deshumano;  
 Ingrato giro, venho; da firmeza,  
 Da fé, que guardo illeza,  
 Eu venho assegurar-te a chama activa,  
 Mais fina, cada vez, mais pura, e viva.  
*Amar.* Vai-te, inimigo, vai: o dezamparo;  
 Em que viva me tens, morta me deixa:  
 Verás, que a minha queixa  
 Fóra de mim não busca outro reparo.  
 O dezençano meu, que me acompanha;  
 Será de taõ estranha,  
 Taõ inflexivel sorte ultima cura.  
 Fóra de mim não quero outra ventura.  
 Desta só breve luz, que me permite  
 (Por melhor ver a sombra macilenta)  
 Hum Pay, que me atormenta,  
 Afflicta gozarei, pondo limite  
 Neste occulto retiro ao meu cuidado.  
 Memorias do passado  
 Entrada não teraõ neste apozeno,  
Habitação da sombra, e do tormento.

*Fel.* Auzentou-se Amarillis : ah ! Que errada  
 A contrastar, Salicio, se aventura  
 De huma paixão tão dura  
 A posse, que em seu peito tem tomado !  
 Mal haja o monstro cego ; que mantinha ;  
 Irmaã querida minha,  
 Teu enganozo passo ; onde tão crua  
 Vejas a face da desgraça tua.

Mas em quanto o voluvel movimento  
 Dessa Deuzã inconstante não descança ;  
 A' rapida mudança  
 Me conformo do giro seu violento.  
 Já agora seguir quero o curso ingrato  
 De seu ligeiro trato ;

Se póde ainda o fado pôr baliza  
 Aos cazos de Amarillis, e Feliza.  
*Sal.* Onde foges, cruel ? Onde, adorada,  
 Bellissima occasião de meu gemido,  
 Occultas essa face delicada ?

Em que tenho, Amarillis, delinquido ?  
 Porque fazendo aggravò da fineza  
 Me ordenas hum rigor tão dezabrido ?

Foi crime o adorar tua belleza ?  
 Seria : mas o Ceo só he culpado  
 N'hum delicto, (ay de mim!) que não me peza:

Elle deixou em ti recopilado  
 De seus astros a face peregrina ;  
 A pompa de seu rosto prateado:  
 Elle por influencia nos destina  
 A adoração de hum bem, cuja luz pura  
 A liberdade em carceres domina.

Se a minha estrella pois infausta, e escura

Me conduz a teus olhos, destinada  
 Victima de tão rara formozura ;

Aos Ceos hade chamar minha ancia irada ;  
 Porque dando-me amor tão peregrino ,  
 Me ordenaraõ fortuna tão pezada.

Injusto , ó Ceo , commigo te imagino ;  
 Ou não fôra Amarillis tão querida ,  
 Ou fôra mais feliz o meu destino :

Mas se era todo o bem da minha vida  
 Aquella rara idéa da belleza ,  
 Aquella formozura tão crecida ;

Como injuriando o obzequio da fineza ;  
 Inda reziste meu cançado alento  
 Aos assaltos da perfida fereza !

Quero encurtar da vida o passo lento ;  
 A desgraça igualando , que Anaxarte  
 Testemunhou no funebre instrumento.

Terás , bella Amarillis , terás parte  
 Na minha ingrata sorte : eu o consinto  
 Pela gloria , que tenho de adorar-te.

Frondelio meu , do triste labyrintho ,  
 Em que já suffocada está minha alma ,  
 Resgata este despojo tão distincto.

Nesta , que os membros gira , mortal calma ;  
 Já nada me consola ; nada quero ,  
 Mais que em fé deste Amor render-lhe a palma ;  
*Fron.* Socega , meu Salicio ; eu inda espero ,  
 Que daquella , que vez , ingrata , e dura ,  
 Possas ver o semblante menos fero.

Do tempo a direcção branda , e madura  
 Tudo sabe mudar ; a natureza  
 He varia ; e em variar sempre he segura

Amarillis, que barbara despreza  
 O teu suspiro agora, ( eu o discorro )  
 Hade hum dia ceder dessa aspereza.

*Sal.* Ah! Que pede meu mal outro soccorro  
 Mais prompto, mais ligeiro: eu imagino,  
 Que te contenga; Amigo, o ver, que eu morro.

Sim, meu Frondelio, sim: que onde taõ fino  
 De Amor se arêa o fogo, outro concerto  
 Não ha mais, do que hum cego dezatino.

Quando não foi de Amor no golfo incerto  
 A paixãõ, o delirio, e a loucura,  
 O norte, que conduz ao dezacerto!

Apenas escapou da força dura  
 De Amor a liberdade, que anda atada  
 A' direcção de huma prudencia pura.

Jove, o senhor da esplendida morada;  
 Deixa do eterno Olympto a estancia amena;  
 E deixa a Divindade abandonada;

De Europa, Danae, Leda, e mais Almena;  
 Vê, como foi despojo aquelle rayo,  
 Que a soberba de Encelado condemna.

Em quantos dezatinos faz enfayo  
 Aquelle activo incendio; que nos peitos  
 Imprime Amor com hum mortal desmayo?

Gira esses campos; vê os seus effeitos  
 Taõ raros, que estampados na memoria  
 Nunca do tempo se verãõ desfeitos.

Mas esta de Amor barbara victoria  
 Hade crescer mais peregrina; e rara  
 Na que pertendo dar-lhe, immortal gloria!

Tudo já me roubou a forte avara:  
 Nenhum bem eu espero já, perdida

A melhor gloria, que o meu peito amara.

Aqui quero acabar, Frondelio, a vida;  
Dando novas memorias, que este monte  
Respeitará na idade mais crescida.

Girando Ecco faudoza este Orizonte,  
Eu espero, que ainda em rouco accento  
A minha infaulta historia ao mundo conte:

Horrorizando a todo, o pensamento  
Vivirei; aos amantes dezatinos  
Mil dezenganos dando em meu tormento.

E trazendo em lembrança os peregrinos  
Excessos de hum amor, no bosque inculto  
Serei assumpto a numeros divinos.

De hirsutos Faunos ño retiro occulto  
Permittida a faudoza cantilena;  
Logrará meu amor perenne culto.

E tu, por dezafogo á minha pena,  
Em quanto meu espirito tornado  
Em cygne võe á região serena;

Ao triste caminhante encommendado  
Hum padraõ erguerás compadecido,  
Naquelle monte ágreste, e descalvado:

Nelle fique por ultimo esculpido:  
Aqui jaz... ( diga assim a cifra breve )  
Salicio, por amante perseguido:

Foi infeliz: seja-lhe a terra leve.

Isto dizia, quando  
Já desmayado o alento,  
Nos braços de Frondelio descansando  
O pezo triste, em fé do sentimento,  
Apenas hum gemido  
Despedio na lembrança do perdido;

Então o Sol auzente

Aos pouzos convidava ;

Já de pastar a relva florecente

O seu rebanho cada qual chamava ;

Frondelio era hum penedo ,

Triste , mudo , pasmado , absorto , e quedo ;

## S I L V I O .

## E C L O G A XIII.

Silvio , e Algano.

*Ag.* **Q**ue he isto , Silvio ? Aqui tão solitário  
 A' sombra deste freixo ! Já não vejo  
 Na tua companhia o amado Agrario,  
 Pastor tão bello , que no fresco Tejo  
 O repete a fadiga a cada instante ,  
 Por onde quer , que gire a vista errante ;  
 Valles correndo , atravessando ferras !  
 Como tambem da nossa companhia  
 Tu , a quem tanto amamos , te desterras ,  
 Com tão triste , e fatal melancolia ,  
 Que tudo já teu mal tem estranhado .

Os Pastores, o monte, e o mesmo gado!

Tão differente estas, tão outro admiro

O teu genio, Pastor, e o teu aspecto,

Que cuido, neste funebre retiro

Do fado injusto o barbaro decreto

Te hade usurpar a vida, se entregando

Toda a alma ao sentimento, em ocio brando

Naõ divertes a magoa: e se allivia

Qualquer pena; que a hum mizero atormenta;

Do amigo, que lhe assiste, a companhia;

Aqui me tens, Pastor; com'igo a'enta

Essa dor; bem que a vejo tão profunda,

Que temo, que este allivio mais confunda.

Que mal, ó Silvio, foi tão penetrante;

Que esse penhasco immovel da constancia

Põde abalar? Que dor ha, que quebrante

Hum peito; aonde nunca a mortal ancia,

O cuidado impaciente, a magoa afflicta

Entrar puderaõ? cuido, que exquizita

Cauza tens para tal: se he que a funesta,

Dura auzencia daquelle Pastor caro

Teu coração amante assim molesta;

Naõ chores, naõ, ó Silvio: pois reparo,

Que em todos nós geral he a faudade:

E o mal commum allivio persuade.

Naõ eras tu aquelle, que occupando

Entre os Pastores o lugar primeiro,

Em doce estilo os versos entoando,

Te fazias ao monte lizongeiro!

Que de vezes as arvores, e os montes,

As duras penhas, as sonoras fontes,

Correndo atraz do canto, que entoavas;

Te vimos attrahir, sendo verdade  
 Então, o que tu mesmo nos contavas  
 Da harmonioza, e cadente suavidade  
 Do Muzico feliz, que já houvera;  
 Cuja voz os Delfins render soubera!

Agora já dos versos esquecido,  
 Que alternaste contente, só lembrado  
 Da infopportavel magoa do sentido,  
 Taõ entregue te vejo a teu cuidado,  
 Que já não fôa o lirico instrumento:  
 Antes alli de hum choupo corpotento,  
 Como se elle de tédio te servira  
 Na tosca rama o vejo estar pendente.  
 E tu (ay triste!) como se ferira:  
 Teu coração hum intimo accidente,  
 Confuzo estás, pasmado, mudo, absorto;  
 E menos vivo ainda, do que morto!

Que tens, Pastor? A cauza me declara,  
 Se da minha amizade em fim te fias;  
 De taõ grande tristeza eu dezejara  
 Dar-te todo o prazer; e se porfias  
 Em ir dobrando a dor, mayor excessso  
 Tens na imaginação; eu te confesso,  
 Que daqui não me aparto, em quanto a dura  
 Paixaõ, que te maltrata, e te exaspera,  
 Me não matar tambem. Ouve; procura  
 Suavizar, Amigo, a pena fera;  
 Ou conta-me se quer: na mesma historia;  
 Que aviva a dor, diverte-se a memoria.  
*Sil.* Quem se não tu, Algano, quem pudera,  
 Se não tu, que os meus passos sempre alcanças,  
 Achar-me nesta soledade austera,

Onde me conduzio entre esperanças  
 De allivio não, mas sim de cruel morte,  
 Do incerto fado o duvidozo norte!  
 Aqui estava eu só; e se podia  
 Haver algum prazer, que inda lograsse  
 Na dezigual fortuna, eu te diria,  
 Sem que nisso o teu trato desprezasse,  
 Que nenhum outro fôra; mas sómente  
 Seria o estar só, e não ver gente.

Mas já que tu viesste, e pôde tanto  
 Commigo a tua supplica, a corrente  
 Suspenderei hum pouco ao largo pranto;  
 Em quanto rompo a dor, que o peito sente;  
 Sabe, Pastor Amigo, que me custa  
 Dizer-te a minha queixa: mas se he justa  
 Esta expressaõ, escuta o dezafoço,  
 Que entre os largos espaços da faudade  
 Descobrio o martyrio; e só te rogo,  
 Se alguma compaixãõ te persuade  
 Este horrorozo, mizero progresso,  
 Culpa a cauza, desculpa-me o excesso,

Querendo lizongear-me por taes modos;  
 Tu mesmo á aggravar vens a ferida.  
 Que importa ser geral a magoa em todos,  
 Se em quem mais ama, a pena he mais crescida!  
 Agrario sim de todos era amado;  
 Porém de mim foi quasi idolatrado:  
 A qualquer hora, ou fosse noite, ou dia,  
 Nos vias sempre juntos: a frequencia,  
 O cuidado, o desvelo, e a portia  
 De hum grande amor he certa consequencia,  
 Se Agrario ao monte alguma vez faltava,

Tambem de Silvio a auzencia se notava:

Fosse de amor segredo, ou sympathya,

Que influe cada estrella na creatura,

Vi-o huma vez; e desde aquelle dia

Larga amizade em nós se fez segura.

Pódes de seu amor ter por certeza,

Que em mim quazi venceo a natureza.

Hum genio me assistia solitario

Athé então de forte, que fomenta

O doce trato do fiel Agrario

Me fez communicavel entre a gente.

Entre todos vivi; mas occupado

De Agrario era fomenta o meu cuidado!

Como não pôde haver bem taõ seguro;

Que o não estrague a barbara mudança,

No mar incerto do destino escuro,

Tornou-se horror a placida bonança.

Interpôs-se huma auzencia, com que abrindo

O caminho á faudade, consumindo

Essa constancia foi, que me animava;

Que tu me louvas tanto: já de todo

Eu, que do fado nada receava,

A arrastar o seu carro me accommodo,

Prostrado já, desfeito, e destruido,

O templo, que á vaidade tinha erguido.

*Alg.* Bem vejo, Silvio, a cauza do tormento

He justa: eu sei, Amigo, que a amizade

Não se atreve a abrandar-te o sentimento!

E he offensa o allivio, que persuade.

Mas se nos longes vês de huma esperanza

O bem, que choras. Ó Pastor, descança;

Que se a dita não pôde estar segura,

O mesmo he a desgraça : igual Astréa  
 Ao pezo da balança mede , e apura  
 Tanto , o que afflige , como o que recrea.  
 Aqui tens o instrumento ; da-me o gosto  
 De ouvir os versos , que ahi tens composto.

*Sil.* Na casca deste tronco , onde feria  
 Mais livremente a ponta deste estilo ,  
 Ao meu Agrario huns versos escrevia ;  
 Duro tormento ; e tu queres ouvillo !  
 Muy differentes são do antigo estado ;  
 He triste o estro ; o genio he magoado ;  
 Não são , os que Fileno me ensinava ,  
 A louvar de Amarillis a divina  
 Belleza , que outro tempo me arrastava ;  
 São porém os que a magoa hoje me ensina  
 A lizongear meu mal : mas se tu queres ,  
 Ouve ; que eu leyo os tristes caracteres.

Caro Pastor auzente ,  
 Que o teu retrato deixas na lembrança ,  
 Por lograr-te presente ,  
 Quem na memoria mais tormento alcança ;  
 Com que contentamento eu te asseguro  
 No centro d'alma o meu affecto puro !

Tão louca he , e tão cega  
 De amor a natureza , que sabendo ,  
 Que o allivio , a que se entrega ,  
 O seu mayor martyrio está tecendo ,  
 Gostozo o segue , e adorando o estrago  
 De ver , que o logra , vive muito pago.

Qual aspid se affigura  
 A lembrança do auzente , que lhe assiste ;  
 Pois entre a pompa escura ,

Como entre a flor , o seu veneno triste  
 Se forja , se alimenta , se fabrica ;  
 E em vez de allivio , morte communica.

A morte , digo : oh antes  
 O encurvado ferro separara  
 O alento ; mas constantes  
 Os espiritos ( pena inda mais rara ! )  
 Como alegres , do mal atormentados ,  
 Na mesma pena vivem obstinados.

Estes discursos fórma,  
 Não a razaõ, ( que todá está perdida ; )  
 A dor , que se conforma  
 Com a cauza , trazendo repetida  
 A lembrança do bem , he , que discorre ;  
 E idéa de outro bem lhe não occorre.

Contempla as prendas raras  
 De hum Pastor , que na rustica palestra  
 Tu , monte , affinaláras  
 Entre todos distincto , quando a destra  
 Barra jogava , ou quando mais activo  
 Corria atraz de hum Tigre fugitivo.

Adverte o genio bello ,  
 Com que o geral agrado concilia ,  
 Podendo ser modello  
 De quantos dons a natureza cria :  
 Lembra-te do sonoro , acorde accento ;  
 Com que entoava o metrico instrumento,

Porém onde me guia  
 A cançada memoria , se conheço ,  
 Que está minha agonia  
 Na mesma fragoa , onde os allivios peço !  
 Destrua-se a memoria : acabe embora

Lembrança, que me afflige a toda a hora.

*Alg.* De teu canto foi tal a suavidade,  
Que enchendo de prazer este arvoredor,  
Tornou alegre a mesma soledade,  
Que estava de horror cheya, e mais de medo:  
Mouveo-se aquelle tronco de piedade;  
Abalou-se este rustico penedo;

Naõ será de teu mal o rigor tanto,  
Que o naõ mova tambem teu doce canto.

*Sil.* Para lizonja de meu triste damno  
Essa expressãõ, bem vejo, que retrata,  
Naõ teu conhecimento, amado Algano,  
Mas teu amor, que taõ fiel me trata.  
Se as duras queixas de meu mal tyranno  
Ouvir tua attençãõ, couza he taõ grata,  
O coraçãõ, que cheyo está de pena,  
Repetir outras mais inda me ordena.

*Alg.* Bem te quizera ouvir: mas estou vendo,  
Que já o pardo crepusculo do dia  
Por entre as ferras asperas rompendo,  
A luz espalha pela sombra fria.

Já o ferro do arado vem gemendo;  
Os bois tornaõ á mizera porfia;  
E todos os Pastores despertando,  
Da pobre choça as portas vaõ cerrando.

*Sil.* Bem sinto, que me dês tal novidade;  
Porqhe eu vivo de sorte em meu tormento;  
Que inda que despertasse a claridade,  
Distinguir naõ pudera o luzimento.

Mas já que este successo te persuade,  
Que a sorte athé me quarta o sentimento;  
Por naõ lograr hum bem, vamos: mas onde

O meu rebanho (ay mizero!) se esconde!

Naõ sei, por onde pasta o triste gado,  
 Que eu hontem neste monte apascentava:  
 Tanto me arrebatou o meu cuidado;  
 Que nem de mim, nem delle me lembrava;  
 Vai tu, Alcano; cerca deste lado;  
 Que eu vou bater aquella mata brava,  
 Onde o trilho he talvez mais perigozo.  
 Anda; busca o Bargado, e o Barozo.

# A L C I N O.

## ECLOGA XIV.

**E**M regiaõ distante,  
 Aonde o Sol dourado  
 Mal os rayos estende sobre os montes;  
 Em hum sitio funesto, e carregado,  
 Alcino de Beliza infausto amante,  
 Dos olhos duas fontes  
 Derramava em seu liquido lamento;  
 Dura, e preciza ley do seu tormento,  
 A rustica floresta  
 Apenas habitada  
 Era do rude genio dos Pastores;  
 A quem a doce flauta dezagrada.

A quem o baile, o jogo mais molesta.

Os suaves Amores

Não paraõ escutar Ninfas mimosas,

De adorno inculto, sem louvor, formozas.

Turvo, e feyo hum ribeiro

O campo dividia

Por entre as penhas com medonho estrondo,

A vista se assustava, quando via

Baixar seu curso de hum soberbo oiteiro,

Os troncos descompondo,

As profundas raizes arrancando,

Por onde a crespa enchente o vai levando.

Se os olhos levantava

A's altas ferranias,

O peito de huma nuvem de tristeza,

(Qual se vira da noite as sombras frias,)

Anciozo em triste luto se occupava:

E sempre a chama acceza

Da memoria propunha o bem perdido,

Para mayor verdugo do sentido.

Nesta cançada vida

Se achava aquelle amante

Pastor, que já nas margens florecentes

Do Mondego guiara o gado errante,

Trocado o antigo bem na infesta lida

De fadigas vehementes,

Transformando-se em pena aquelle gosto,

Que em braços da ventura o teve posto.

A hum penhasco, que os ares

Igualava na altura,

Huma tarde subia o pobre Alcino.

Alli depois, que a sua desventura

Chorando esteve em dous amargos mares ;  
 Seu louco dezatino  
 Rompe o silencio gravemente mudo ;  
 E para ouvillo suspendeo-se tudo.

Alegres prayas, humidas ribeiras  
 Do Mondego, que placido discorre,  
 Que do olmo a copa em ramas lizongeias  
 Com a sombra suavissima soccorre ;  
 Vós, que pelas campinas mais grosseiras ;  
 Que hoje o meu gado sem ventura corre,  
 Trocadas fostes, quando a inveja tinha  
 Postos os olhos na fortuna minha ;

Mimozas agoas, deliciozo hospicio  
 De Ninfas, que na espuma prateada  
 Fazendo estaõ gostozo desperdicio  
 De huma belleza docemente amada ;  
 Vós, que ouvis de Palemo, e de Salicio  
 A flauta brandamente temperada,  
 Quando hum a rede estende, o outro colhe  
 Em seus currais o gado, que recolhe ;

Dizei-me vós ; se acazo aquelle pranto,  
 Com que estou a chorar esta saudade,  
 Tem tanto impulso, tem esforço tanto,  
 Que vos empenhe a conceber piedade.  
 Dizei-me vós ; se aquelle amado encanto,  
 Que laço foi de minha fiel vontade,  
 Vive alegrando essa mimoza esfera ;  
 Como no campo faz a primavera.

Dizei-me ; se entre os rusticos Pastores  
 Na floresta o rebanho inda apascenta :  
 Se ainda ornada de vistozas flores  
 Ella entre todas mais gentil se ostenta ;

Qual foi o emprego em fim de seus amores ;  
 Quando o mizero Alcino se lamenta ;  
 Alcino , que da sua formozura  
 Desterrado suspira sem ventura.

Dizei-me, se inda cresce na belleza:  
 Porque , segundo meu cuidado via ,  
 Cheguei a imaginar , que a natureza  
 Mil perfeiçoens lhe dava cada dia :  
 Vendo-a eu muitas vezes , a alma preza  
 Em tanta gentileza se sentia ;  
 Crescendo a admiração , logo encontrava  
 Belleza , que de novo se admirava.

Dizei-me , se ao cahir da fresca tarde  
 Sahe a gozar do vento , que respira ;  
 Quando o mayor Planeta menos arde ,  
 Quando aos currais o gado se retira.  
 Se do seu bello encanto faz alarde ,  
 Sentada à sombra do álamo, onde ouvirá  
 Muitas vezes os éccos de meu pranto,  
 Nas vozes sentidissimas do canto.

Dizei-me ; se inclinando suavemente  
 Os ouvidos ao toque lizongeiro ,  
 De algum Pastor escuta a voz cadente ,  
 Que o gado guia desde o crespo oiteiro ;  
 Se alguma compaixão se lhe per sente ,  
 Girando os olhos , como no primeiro  
 Movimento do nosso amor ouvia ,  
 Ou quando olhava , ou quando me attendia ?

Porém vós vos calais : ah ! Que a distancia,  
 Ninfas do brando Rio , vos impede  
 Ouvir os tristes éccos de minha ancia ,  
 Que a mortal agonia tanto excede.

Sem duvida a ruina da constancia,  
 Que a mim me prometteo, Ninfas, vos pede  
 Este silencio. Ah! quanto em huma auzencia  
 Periga a mais segura perzistencia!

Mas se tanto em vós póde a ley sagrada  
 Do modesto decóro; e á fingileza  
 De vossos coraçoens samente agrada  
 Encobrir as traçoens dessa belleza;  
 Minha alma; que nas fragoas abrazada  
 De tanto ardente amor suspira acceza;  
 Vingança clamará, dando o segredo  
 Ao bolque escuro, ao funebre arvoredo.

Aqui me escutará esta corrente,  
 Que despenhada os duros troncos banha;  
 Ouça-me este penhasco; aonde auzente  
 Me vejo a lamentar traição tamanha.  
 Tenha este Rio em fim sempre presente;  
 Presente sempre tenha esta montanha  
 De Tisbe ingrata a perfida memoria,  
 De Alcino amante a lastimoza historia.

E aqui desta alta penha,  
 (Que se remonta aos ares,) de hum amante  
 Sempre firme, e constante;

A quem seu mal despenha,  
 Da mais infiel Pastora na mudança;  
 Se recomende a mizera lembrança;

Sabei, ó rochas duras;  
 Que de quantas o Ceo alenta, e cria;  
 Taõ bellas, como o dia,  
 Perfeitás creaturas,  
 Nenhuma he, do que Tisbe, mais formosa;  
 E nenhuma tambem mais aleivoza.

---



---

# BELIZA, E AMARILLIS.

## ECLOGA XV.

Corebo, e Palemo.

---



---

*Cor.* **A** Gora, que do alto vem cahindo  
A noite aborrecida, e só gostosa  
Para quem o seu mal está sentindo;

Repitamos hum pouco a trabalhoza  
Fadiga do passado; e neste assento  
Gozemos desta sombra deleitoza.

O brando respirar do manso vento  
Por entre as frescas ramas, a doçura  
Dessa fonte, que move o passo lento;  
A doce quietação dessa espessura,  
O silencio das aves, tudo, Amigo,  
Ouvir a nossa magoa hoje procura.

Principia, Palemo; que eu contigo  
A' memoria trarei, quanto deixámos  
No socego feliz do estado antigo.

Que esperas, caro Amigo? Sós estamos!  
 Bem podemos fallar: porque os extremos  
 De nossa dor só nós testemunhamos.

*Pal.* Não vi depois, que o monte discorremos,  
 Ha tantos annos, sempre atraz do gado,  
 Noite tão clara, como a que hoje temos:

Mas muito estranho ser de teu agrado,  
 Que despertemos inda a cinza fria  
 Da lembrança do tempo já passado.

Oh! não sei, o que pedes: bom seria,  
 Que desse qualquer bem não cobre alento  
 O estrondo, que talvez adormecia.

Loucura he despertar no pensamento  
 O fogo extinto já de huma memoria:  
 Não sabes, quanto he barbaro o tormento!

Em nos lembrar-mos da perdida gloria  
 Nada mais conseguimos, que ao gemido  
 Dar novo impulso na passada historia.

Não se desperte o mizero ruido;  
 Que veremos, Amigo, o dezançano  
 De hum bem caduco, de hum prazer fingido!

*Cor.* Debalde he a cautela; que o tyranno,  
 Continuo atormentar de huma lembrança  
 Não o pôde abrandar o esforço humano.

Vê, como o teu ardor em vão se canga;  
 E quanto mais te negas a meu rogo;  
 Despertas mais dos fados a mudança!

Buscar no esquecimento o dezaçogo  
 He não saber, que neste infausto empenho  
 Se atêa da memoria mais o fogo.

*Pal.* Diga-o minha alma: porque nella tenho  
 Impressa sempre a imagem de huma dita;

Em que firmava o gosto o dezempenho.

Recompensa huma dor quazi infinita  
A grandeza do bem ; a minha historia  
Deixando em vivo sangue n'alma escrita.

Quero estragar mil vezes a memoria,  
Meu amado Corebo , e a cada instante  
Torna mais viva a imagem de huma gloria.

Oh tyranna pensão de hum peito amante !  
Que só fôra feliz , se a agoa bebera ,  
( Quando perde o seu bem ) do Lethe errante ;

Se na idéa pintada não trouxera  
A continua lembrança de hum veneno ;  
Que Amor dissimulado offerecera.

Ah ! Que soluço , Amigo , estalo , e penos ;  
Quando me lembra a hora , em que o tyranno  
Fado roubou-me estado taõ sereno.

*Cor.* Caminhas , ó Palemo , de teu damno  
Como insensivel : vés , que não tem modo  
Da funesta lembrança o golpe infano. ( modo )

*Pal.* Bem me advertes , Corebo : eu me accon-  
Ao pensamento teu ; e divertida  
Fique a memoria minha ja de todo.

*Cor.* Ao cantico sonoro te convida  
Esta flauta , que he fama em nós guardada ;  
Que foi de Alfeo hum tempo possuida.

*Pal.* Eu a tomo , e com ella se te agrada ;  
Alterno o verso ; e seja aquelle , que antes  
Cantâmos lá na nossa retirada.

*Cor.* Se me lembra , assim era : Vinde , errantes  
Sembras , a suffocar-nos : porque a inveja  
He só fiscal dos mizeros amantes.

*Pal.* Ficai , bellas ovelhas : assim seja

Comvosco mais propício o duro fado ;  
Que Pastor mais feliz vos guie , e reja!

*Cor.* Aqui te deixo , rustico cajado ;  
Que algum tempo, a pezar do empenho cego ;  
De ninguem , só de mim , foste logrado.

*Pal.* Tu , Amarillis , adorado emprego ,  
Toma conta de duas ovelhinhas ,  
Que mais que todas amo:eu ras entrego.

*Cor.* Verás, Beliza , entre essas prendas minhas,  
Que eu te ci junto ás margens dessa fonte ,  
De vime dezigual duas cestinhas.

*Pal.* De ti , que ficas pois , faudozo monte ,  
Me despeço ; e talvez sem esperança.  
De tornar a ver mais este Horizonte.

*Cor.* Ficai-vos em pacifica bonança ,  
O' Ninfas ; que perdido o vosso agrado ;  
Me auzento a lamentar tanta mudança.

*Pal.* Adeos, Pastores ; vós, que em doce estado  
Tantas vezes nos bailes , na floresta  
Me vistes sempre alegre , e socegado ;

*Cor.* De vós me aparta agora a ley funesta ;  
E o tormento , a que esta alma está rendida,  
Bem o meu sentimento manifesta.

*Pal.* Heyde trazer na idéa sempre unida  
A imagem de Amarillis , que venero ,  
E que estimo inda mais , que a propria vida!

*Cor.* Alegria já mais nenhuma espero ;  
Antes nesta faudoza soledade ,  
Por ultimo remedio, a morte quero.

*Pal.* Adeos , bella Amarillis ; a vontade ;  
Por ser unico bem , levo abrazada  
Na chama inextinguivel da saudade,

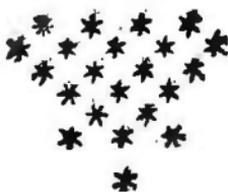
*Cor.* Adeos, Beliza; adeos, Ninfa adorada;  
 Veja-se neste campo eternamente  
 A tua formozura celebrada.

*Pal.* Basta já de cantar: que do Oriente  
 Já fomme o Sol vermelho; e o mariso gado  
 Os balidos esforça de impaciente.

As nuvens vão correndo; e a este lado  
 O resplendor se vê, com que a Aurora  
 Vai escondendo o rosto magoado.

Das lagrimas saudozas, com que chora  
 Se derrama o orvalho; aves, e plantas  
 Despertaõ; levantando a voz sonora.

*Cor.* Eu guiarei o gado; se tu cantas:  
 Que proseguindo tu, de meu tormento  
 O excesso ao menos, e o rigor quebrantas;  
 Não me negues, se pôdes, esse alento.



---



---

# PESCADORES.

## ECLOGA XVI.

Alicuto, e Marino:

---



---

**J**A' vinha a manhaã clara  
 Dourando os Orizontes,  
 E os empinados montes  
 Com a rozada luz, que os prateara;  
 Mostravaõ na campina  
 O lirio, o goivo, a roza, e a bonina;  
 Nas ondas scintilava  
 O rosto luminoso,  
 Com que de Cinthia o Espaço  
 A' pobre terra a clara luz mandava;  
 Formando hum transparente,  
 Na verde relva, resplendor luzente;  
 Ambos os Pescadores,  
 Alicuto, e Marino,  
 A quem o Deos Menino  
 Ateou na agoa o fogo dos amores;  
 As redes recolhiaõ;

E de bastante peixe o barco enchiaõ.

A praya procurando  
 Vinhaõ taõ mansamente,  
 Que nem o mar se sente  
 Ferido de hum, e outro remo brando;  
 Quando do seu destino  
 Começou a queixar-se assim Marino,  
 Alicuto o acompanha  
 Co'a sonora harmonia,  
 Que, ha tempos, aprendia  
 De hum Pastor, que viera da montanha;  
 E a seu modo vertendo  
 Para a Ninfa do mar, hia dizendo.

*Mar.* Se assim como a manhaá clara, e brilhante  
 He da minha adorada o bello rosto,  
 Como naufraga o peito vacilante,  
 No incerto mar de hum funebre desgosto!  
 Eu vejo, que se alegraõ neste instante  
 Cheyos de gloria, de prazer, e gosto,  
 Este mar, esta praya, esta ribeira:  
 Só não ha couza, que alegrar me queira!

*Alc.* Deyopéa adorada, a luz do dia,  
 Como funesta nasce a hum desgraçado!  
 Quanto me foi suave a noite fria,  
 Tanto o rosto da Aurora me he pezado:  
 O silencio da noite dirigia  
 O socego tambem de meu cuidado;  
 E apenas foge o horror da sombra escura;  
 Quando mais viva toco a desventura.

*Mar.* Que importa; q̃ em continua fentinella  
 Eu ande os crespos mares descobrindo,  
 Se ingrata sempre a luz da minha estrella

Me vai deffes teus olhos dividindo!

O vento, que suave entéza a vella,  
A meu ligeiro barco a estrada abrindo,

Solicito me guia a esta praya;

Onde sem ver-te o coração desfaya.

*Alic.* Tres dias ha, que giro, amada minha;

Dezesperado nesta mortal ancia

De ver o premio, que guardado tinha

A meu peito fiel tua inconstancia.

Outra ventura, outra mercê convinha;

De tanto amor á fatigada instancia

E quando o não mereça na verdade,

Quem ha, que não te estranhe a falsidade!

*Mar.* Abrazadas as ondas deste pégo

Tenho já com meus ays, com meus suspiros;

Elle me escuta; eu cada vez mais cego

Acciço a semrazaõ de teus retiros.

De meus males ao passo, que o navego;

O pezo sente, e se revolve em giros;

E athé as brutas penhas mais pezadas

Estão de meu tormento magoadas.

*Alic.* Qual o peixe innocente, que enganado

Bebe no curvo anzol a morte feya,

Sem ver, que o Pescador lhe tem armado

Escondida prizaõ, em que se enlêa;

Ou qual o navegante, que elevado

No canto está da perfida Serêa;

E prova sem cautella a morte dura

Entre os penhascos, onde o mar murmura.

*Mar.* Qual foge o grande monstro, q o mar cria,

Do arpaõ ferido, em sangue o mar banhando;

Quando cuida, que escapa á morte fria,

O alento pouco, e pouco vai deixando ;  
O destro Pescador, que a preza fia  
Do agudo ferro, a linha entaõ largando,  
Quando de todo já exangue o sente,  
O barco chega, e o colhe mais contente.

*Alic.* Tal eu, doce inimiga, sem cautella  
Adorava a traição de hum falso engano,  
Que no teu rosto, ó sempre ingrata, e bella ;  
Soube dissimular Amor tyranno ;

Acreditando aquella industria, aquella  
Mal escondida imagem de meu damno ;  
Imaginei, que o que era aleivozia,  
De hum fino, e puro coração nascia.

*Mar.* Não de outra sorte a barbara destreza  
Dessa humicida mão, dessa alma ingrata,  
Depois de assegurar minha firmeza,  
De mim se auzenta, e com rigor me mata ;  
Ah ! quanto temo, Ninfa, que a fereza  
De tua condição, que assim me trata,  
Nestas ondas em penha convertida,  
Pague o delicto de roubar-me a vida!

*Alic.* De que serve, que eu traga do mar fundo,  
A preço de fadiga tão pezada,  
Esta, que em tal excesso estima o mundo,  
Rama, que fóra d'agoa he encarnada ?  
De que serve ; que lá do mais profundo  
Venha offercer-te a perola engraçada,  
Se encontro semrazoens, iras, rigores ?  
Se os teus desprezos sempre são mayores ?

*Mar.* Para trazer-te o peixe delicado,  
No rio escondo as naças, Ninfa minha ;  
E ao levantar seu pezo desejado,

Vejo saltar a truta , e a tahinha :  
 Não me fica tambem no mar salgado  
 O retorcido buzio , e a conchinha ;  
 Que suppondo ser couza , que te agrade ,  
 Tudo se vem render minha vontade.

*Alic.* Em pensamentos mil eu me desfaço ,  
 Ao ver traição tão barbara , e tão crua ;  
 Rompo o vestido , o corpo despedaço ,  
 Quando me lembra a falsidade tua :

Loucuras mil , mil dezatinos faço ,  
 Sem pejo , e sem vergonha ; em pelle nua  
 Corro esta praya , giro esta ribeira ;  
 E ninguem ha , que socorrer me queira.

*Mar.* Mas que he isto , Alicuto ? O nosso canto  
 Quazi que vai passando a impaciencia.

*Lic.* Que ha de ser , se o meu mizero quebranto  
 Se apodera de mim com tal violencia ?

*Mar.* Mal haja o ter amor , que póde tanto,

*Alic.* Mal haja o conhecer huma inclemencia.

*Mar.* Que intentar-lhe fugir he dezatino.

*Alic.* Que assim o sinto eu , e tu , Marino.

*Mar.* Temos chegado ao porto : larga o remo ;  
 Salta na praya tu ; que eu aqui fico ;

A ver , se vejo a Ninfa , por quem gemo ,  
 E a quem as minhas lagrimas dedico .

*Alic.* Não fiques não , Marino : porque temo  
 Mayor magoa ; que a dor , que sacrificio .

Carreguemos o peixe ; que na Aldèa

Talvez estejaõ Glauce ; e Deyopea .

Affim se accomodavaõ ;

E o peixe dividindo

Entre ambos , vaõ subindo

Hum levantado oiteito, a que chegavaõ,  
Deixando em tanto posta  
No barco a vara, a rede ao Sol exposta.

---

# L I Z E.

## ECLOGA XVII.

Laurenio, e Lize:

---

*Laur.* **A** Qui tens, minha Lize, o teu vaqueiro,  
Que vem pelo calor do Sol ardente,  
A suspirar por ti o dia inteiro.  
Com a gloria, meu bem, de ter presente  
A meus olhos a tua formozura,  
Passo de pezarozo a estar contente.  
Toda esta noite vi tua figura  
Em huma sombra vaã, que me fingia  
A minha inconsolavel desventura.  
Só nisto fui feliz: porque te via  
Tão branda, tão suave, como aquella,  
Que a natureza em outra convertia.  
Abracei-te, Pastora; e tu mais bella,  
Mais compassiva ouviste o meu lamento.

Tornando venturoza a minha estrella?

*Liz.* Bem puderas, Laurenio, desse intento  
Delvanecer-te já: pois he sabido,

Que não posso attender a teu tormento.

Tu conheces muy bem, que em meu sentido

Só vive aquella ley, que me sujeita

A não ser livre, como tenho sido.

*Laur.* Eu conheço: mas fey, que n'alma aceita  
Póde ser a fineza de hum ferrano,

Que adora huma Pastora tão perfeita,

Se entre os amantes teus he só Montano

O ditozo Senhor de hum tal thezouro;

De que anda entre nós outros tão ufano?

Soprou-lhe a forte com melhor agouro!

Que o seu gado não foi de mais estima,

Nem o cajado seu de prata, ou ouro.

He hum tosco vaqueiro, que de cima

Da ferra aqui desceo: nós o alcançamos

Em tempo de Natércia, tua prima.

De bois huma só junta lhe contâmos,

Quando entrou neste campo: triste, e pobre

Aqui fez huma choça entre estes ramos.

Agora o seu rebanho os valles cobre:

Talvez, que o fazer mal isso lhe desse,

E que co'alheyo bem hoje os seus dobre,

Mizeravel daquelle, que os perdesse!

Que elle só, porque he rico, teve a dita;

De que tão bella mão teu Pay lhe desse,

Oh muitas vezes condição maldita

Esta, que fez no mundo differença

Entre aquelle, que tem, ou necessita!

*Liz.* Laurenio, o meu decoro não dispença

Nessa practica tua : a honestidade  
Tem a mais leve sombra por offensa.

Inda que o meu Pastor te não agrade,  
Ou seja murmurada a minha sorte ;  
He sua esta minha alma , esta vontade.

A ley , que me prendeo , fomenta a morte  
A póde dezatar : culpa o destino :  
Que eu tenho sobre mim poder mais forte.

*Laur.* Pois nem se quer, meu bem, meu dezatinho  
Te chega a merecer huma esperança ,  
De ser pago algum dia amor tão fino?

*Liz.* Não emprendas de mim mais segurança ,  
Que aquella , que te dou : ao Ceo protesto ,  
Que em meu obrar não hade haver mudança.

E tu , se me não queres ser molesto ,  
Deixa de repetir-me essa loucura :  
Pois yiste o meu desgosto manifesto.

*Laur.* O? barbara , ó cruel , ó impia , ó dura !  
Que em vez de agradecer-me , te conspiras  
Contra huma alma , que amar-te só procura.

Se quem te ama , merece as tuas iras ,  
Quem póde estar segura desses rayos ,  
Que contra tantos mil , cruel , atiras ?

Sò quem não vê , nem morre nos ensayos  
Do cego Deos de amor. Tudo te adora :  
Que em tudo influe Amor os seus desmayos.

Eu sò ( triste de mim ! ) eu sò , Pastora ,  
Te adoro mais que todos : que Amor cego  
Quiz , que eu dos tiros seus victima fôra.

Lá desde as verdes margens do Mondego  
Fez Amor , que na lira eu me ensayasse ,  
Para cantar de ti , meu bello emprego.

Mas ah tyranno Amor! Quem te arrancaſſe  
Eſſas azas, com que teu vôo elevas?

Quem arco, aljava, e flexas te quebraſſe!

Como he poſſivel, Monſtro, que te atrevas  
A pôr teu penſamento em tanta altura,  
Para cahir depois no horror das trevas?

Que bem ſe diz; que vens da maſſa dura  
Do Rhodope, ou do Mauro! Que bem creyo,  
Ignoras, cego Amor, noſſa brandura!

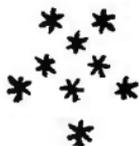
Tu me condemnas a chorar ſem freyo  
Por aquella, que zomba do meu pranto;  
Que farta o ſeu rigor do fangue alheyo.

Liz. Ah! Não, Laurenio, não: não paſſe a tanto  
Eſſe ingrato delirio: eu inda eſpero,  
Que tenha a tua dor algum quebranto.

A pouco a pouco me entra o golpe fero  
A traſpaſſar eſta alma; bem que ignoro,  
Se he piedade, ſe amor, o que pondero.

Verei, ſe ſem offenſa do decoro,  
Poſſo achar algum modo de pagar-te  
Eſſe ſuſpiro teu, eſſe teu choro.

Em todo aquelle alento, aquella parte;  
Que da caſta prizaõ ſe julgue izenta,  
Eu prometto, Laurenio, de eſtimar-te:  
Vai; leya eſta eſperança; e te contenta.



## FRANCELIZA.

## ECLOGA XVIII.

Menalca, e Licida.

*Lic.* **Q**üeres, Menalca Amigo, que sentados  
Debaixo destes álamos hum pouco  
Entremos a cantar nossos cuidados ?

*Men.* É crês, Licida meu, que sou tão louco,  
Que me anime a fazer-te companhia  
Ao som da minha flauta, que he tão rouco ?

Se em outra idade, Amigo, eu o fazia,  
Ou Franceliza a flauta me animava,  
Ou desculpa nos annos merecia.

*Lic.* Enfada-me o teu modo: eu esperava  
Achar-te, Amigo, menos enfadonho,  
Lembrado do que hum tempo em nós passava.

*Men.* Queres, q̄ torne a entrar naquelle sonho  
Da nescia mocidade ? Ah ? que do inverno  
Já hum novó retrato em mim componho,

Imito já no branco ao cyfne terno:  
E daquellas vaidades longe o engano,

Com estas caás maduras me governo.

Já fiz galla , já fiz alegre , e ufano  
Gosto de jogo , e bailes : mas agora  
Vivo só de escutar o dezengano.

*Lic.* Estou prompto a ouvir-te ; inda que fora  
Importuno a meus annos , bém quizera  
Ouvir de hum velho a muzica sonora.

Canta , o que te agradar ; ãnas considera ;  
Que me alegrara muito , se os amores  
Da tua Franceliza ouvir pudera.

*Men.* Eu tomo a flauta ; e tu canta os louvores  
Tambem da tua Nize ; que algum dia  
Foi adorado emprego dos Pastores.

*Lic.* Já esta alma os suspiros clezafia :  
Já entro a perguntar , onde encontrar-te  
Póde de meus clamores a porfia.

Nize ? Nize ? Meu bem ? Ah ! De qual arte  
A flauta se affinava , que o lamento  
Affavel a meu rogo soube achar-te !

Este mesmo suavissimo instrumento ,  
Este mesmo entoou aquelle canto ,  
Que tanto foi de teu contentamento.

Na montanha se ouviu , com grande espanto,  
A vez primeira , que soou , nascida  
Abranda voz das fragoas de meu pranto.

*Men.* Que direi eu tambem da despedida ;  
Que fiz da minha cithara ! Ao desprezo  
Lançando-a já de todo aborrecida.

O peito , que de amor ardia accezo ,  
Acodia a emendar , o que entoava  
Em diversas paixoens a hum tempo prezo.

Que busco , infausa lira . . ? já clamava,

Vem adorada lira . . . de outro modo ,  
A mesma cantilena já trocava. ( todo

*Lic.* Ao valle , ao monte , ao bosque , ao campo  
Por Nize só pergunto . . .

*Men.* Na mudança

A meu martyrio o cantico accommodo.

*Lic.* Entro na festa , baile , jogo , ou dança ;

Se não vejo de Nize a gentileza ,

Minha alma hum só instante não descança.

*Men.* Tanto por Franceliza esta alma préza  
Morrer de puro amor , que o valle , o monte  
Assombrados deixou minha fineza.

Testemunha me seja aquella fonte ;  
Onde estive á chorar toda huma tarde ,  
Que não me appareceo alli defronte.

*Lic.* O incontrastavel impeto , com que arde  
Este meu coração , diga-o Montano ;

Que hum dia me chamou fraco , e cobarde.

Disse-me que não deve hum peito humano ;  
Render-se com tal força ao golpe indigno ,  
Com que nas almos fere Amor tyranno.

*Men.* Foi o primeiro amor : tem o destino  
De cada hum forjado aquelle laço ,  
Que obra a seu tempo com rigor maligno .

Pastoras desprezei : pouco embaraço  
Achava n' huma , e n' outra : escarnecia  
Daquelle , que accuzava a Amor escaço.

*Lic.* Vês tu no despertar da Aurora fria  
O gosto , com que os passaros , e as flores  
Saúdaõ docemente o novo dia ?

Assim , não de outra sorte , os meus ardores  
Ao vella tão gentil a cada instante . . .

*Men.* A cada instante crescem meus amores.

De hum tronco sempre verde, e vegetante

Sobre a cortiça dura, em hum letreiro,

Alli gravado o nome . . .

*Lic.* O gado errante

Perdido, e sem Pastor sobre este oiteiro

Mil vezes o deixei: desta montanha

O sabe inda o mais rude pegureiro.

*Men.* Não mais, Licida; basta: he couza estranha

Esta ancia, que em mim vês: entende, Amigo,

Que está zombando assim, quem te acompanha.

*Lic.* Tu zombas, quando eu choro?

*Men.* Em vão profigo,

Lembrando-me de hum bem, que he já passado:

Leve-o, quem tudo o mais levou consigo.

Seja tua esta flauta: este cajado

Toma, Pastor, tambem: se esta alma queres,

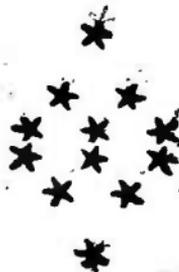
Recebe-a; mas sopporta o seu cuidado.

*Lic.* Feliz Menalca tu, no que proferes;

Se o tempo já te deve deenganos:

Que eu te acredite, Amigo, não esperes:

A Amor só vence a morte, não os annos.



---

V I D A  
DO CAMPO.  
ECLOGA XIX.

---

O H doce soledade!  
Oh patria do descanso!  
Da paz, e da concórdia  
Grosseira habitação, tosco palácio!  
Quantos a meus delirios  
Tu ditas dezenganos,  
Oráculos fazendo  
Das arvores, dos troncos, dos penhascos!  
Não fere os meus ouvidos  
O estrondo cançado,  
Que levanta a lizonja,  
Junto aos porticos d'ouro em regio Paço!  
A macilenta inveja  
Não derrama o contagio  
Nas innocentes almas,  
Que são de seu furor mizero estrago!  
Dos olhos se retira

O objecto sempre ingrato  
 Dos que suspirão mudos,  
 Em vez do premio, as semrazoens do damno,  
 Aqui tem a virtude  
 Erguido o seu theatro;  
 E nas rústicas scenas  
 Aqui mostra a pobreza os apparatus,  
 As mal seguras canas,  
 Que move o vento brando,  
 Da pobre rede tecem  
 Ao mízero Pastor o abrigo caro,  
 Colhida a tenra fruta  
 Vem de seu proprio ramo,  
 A adornar a choupana,  
 Em vez dos altos capiteis dourados,  
 Oh sitio venturozo!  
 Quanto te invejo, quanto!  
 Ditozo quem possue  
 O suave prâzer de teu descanso!  
 Se tu bem alcançaras,  
 Pastor, hum bem tão raro,  
 Não cessára o teu culto  
 De consagrar obzequios a teu fado,  
 Infeliz, o que envolto  
 No trafego inhumano  
 Da aborrecida côrte,  
 Só vê da confusão o rosto infausto,  
 Imagina do amigo  
 Seguir os doces laços;  
 E a torpe aleivozia  
 Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo,  
 Se q valimento encontra,

Teme com justo espanto ,  
 Quanto he grande a subida,  
 Que o despeño tambem seja mais alto,  
 Não ha frente segura,  
 Que em fim dissimulando  
 Não veja os seus affectos;  
 Como a flor entre os aspides ingratos!  
 Ah! mede , Pastor bello,  
 O bem , que alcanças : tanto  
 Dar-te não póde a côrte ;  
 Só póde a soledade deste campo!

---

# L I R A.

## ECLOGA XX.

---

**A** Qui deste salgueiro  
 Pendente ficarás , ó lira minha!  
 Tu que foste primeiro,  
 Em quanto á Amor convinha ,  
 Allivio de meus males,  
 Ferindo os montes , abalando os valles  
 De todo já deixada ,

228 E C L O G A XX:

Nem se quer nas imagens da memoria  
 Vivirás retratada ;  
 De tanta antiga gloria  
 Se consultada fores ,  
 As delicias aponta nas horrores.

Será lingua eloquente  
 A mesma face macilenta : o rosto  
 De meu mal inclemente ,  
 Pela voz do desgosto,  
 Com a muda harmonia  
 Poderá declarar minha-agonia.

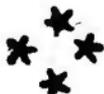
De Arachne o enredo escuro ;  
 Em ti as debeis linhas estendendo,  
 Cubra teu centro impuro ,  
 Que acorde respondendo  
 Do verso ás consonancias,  
 Tantas vezes ouvio as minhas ancias.

Genio funesto inspire  
 Sempre em teu damno ; e por mayor tristeza  
 De ti não se retire  
 A funebre aspereza,  
 Daquelle horror maligno ,  
 Que os passos acompanha a meu destino!

Ludibrio sejas feyo  
 De todos os Pastores deste monte:  
 O meu infausto enlevo  
 Teu mudo gesto conte ,  
 De hum triste , e desgraçado  
 Tosco instrumento, inutil, desprezado.

E se lá quando o dia  
 Desmayando-se o Sol ao mar se auzenta ;  
 Lá na tarde sombria ,

Lizarda , que se ostenta  
 Destes campos senhora ,  
 Baixar acazo , dando inveja a Flora ;  
 Seu vestigio dourado ,  
 Mais bello do que os goivos , e açucenas ;  
 Se inclinar seu cuidado  
 A este centro de penas ;  
 E aqui te achar pendente ,  
 Triste lira , deixada , e descontente ;  
 Quando chegue curioza ,  
 Sem horror de te ver , ao tronco duro  
 A Ninfa mais formozza ,  
 Lêa o epitafio escuro ;  
 Que em funebre letreiro  
 Guardará para sempre este salgueiro :  
 Breves vozes a historia  
 Explicaráo da minha desventura ;  
 Quanto empenhe a memoria  
 Dessa taõ impia , e dura  
 Belleza , em vaõ amada ,  
 Em vaõ de meus extremos contrastada ;  
 Aqui vivo ( este o lema ,  
 Que no funebre tronco fique escrito )  
 Para que sempre gema  
 O tormento infinito  
 De perder huma ingrata ,  
 Que perjura , e cruel me offende , e mata .





# EPISTOLAS.

---

## ALCINO

### A<sup>s</sup> FILENO.

## EPISTOLA I.

---

**A** Vós, Pastor distante,  
 Bem que presente sempre na lembrança,  
 Saude envia Alcino, que a vingança,  
 Da fortuna inconstante,  
 Do barbaro destino,  
 Chora na propria terra peregrino,  
 Se a flauta mal cadente  
 Entôa agora o verso harmoniozo,  
 Sabei, me communica este saudozo  
 Influxo a dor vehemente,  
 Não o genio suave,  
 Que ouviste já no accento agudo, e grave,  
 Entorpeceo-se o canto;

E a Muza tristemente enrouquecida  
 Se vio, depois que a sorte dezabrida  
 Trocou o doce encanto  
 Das Ninfas do Mondego,  
 Pelo deste retiro inculto emprego.

Como presente vejo,  
 Fileno, para estrago da memoria  
 Aquelle doce bem, que a mayor gloria  
 Formava a meu dezejo!

Como na estampa grata  
 Da lembrança o perdido se retrata!

Pela margem frondoza  
 Desse, que corre, vagarozo rio;  
 Quantas vezes, Pastor, a calma, o frio  
 Vencemos na gostosa,  
 Alegre sociedade,

Que alentava do canto a suavidade!

Quantas vezes rompendo  
 Das claras agoas a corrente fria,  
 Das Ninfas do Mondego a companhia  
 A ouvir se estava erguendo,  
 Por entre a espuma bella,  
 Que huma hora se desfaz, e outra congela!

Quantas vezes parava  
 A doce Filomena o triste accento!  
 E do álamo frondozo (em quanto o vento  
 As folhas meneava)

Os numeros ouyia,  
 Que a nossa acorde flauta repetia!

Que mudança importuna  
 Hoje diverso faz o genio antigo!  
 Negando á Muza o generozo abrigo

Da placida fortuna ;  
 Porque habite huma estancia ,  
 Em que só vive a pena , a magoa , a ancia !

O genio antes festivo ,  
 Prompto no baile , jogo , e na floresta .  
 Quanto se opprime , quanto se molesta  
 Ao golpe executivo  
 Do fado , que tem posto  
 Tanto empenho em tecer o meu desgosto !

O seu giro , ó Fileno ,  
 Não seja em vosso damno assim violento ;  
 Discorra só no bem , no obzequio attento ;  
 Porque no mais ameno  
 Campo , e entre os Pastores ,  
 Vos consagre Amarillis seus amores .

Não erre o vosso gado ,  
 Qual vaga o meu , sem dono : antes contente  
 Palte do campo a relva florecente .

O pomo sazonado  
 Colhei ; e na floresta  
 Tende fortuna mais ditoza , que esta .

E se no prado , ou monte  
 Pastor vive , que guarde inda a memoria  
 Da minha triste , lastimoza historia ;  
 Dizgilhe vós ; que conte  
 O seu verso canoro  
 Meu cazo triste no silvestre côro .

A minha tosca avena  
 Sempre hade respirar na actividade  
 Da , que me arde no peito , impia faudade ;  
 E creyo , á minha pena  
 Se hade ver algum dia  
 Respirar estes bosques alegria .

## F I L E N O

A: ALGANO.

## EPISTOLA II.

**D** E pois, Algano amado,  
Que por mais verde, e placido terreno;  
Deixaste o sitio ameno,  
Onde alegre pascia o manso gado,  
Tomou minha faudade  
Triste posse no horror da soledade.

De todos os Pastores  
Foi mui sentida a tua auzencia dura:  
Que o bem de huma ventura  
Se se perde, inda os mesmos moradores  
Da choça, que os abriga,  
Sabem sentir: oh quanto a dor obriga!

Pouco importa a cultura,  
E agudeza mayor do pensamento:  
Que a força do tormento  
Sobre a mesma rudeza o estrago apura;  
E quem melhor discorre,

He, quem buscando allivio, menos morre;

Talvez mais lizonjêa

Esta no meu pezar nescia jaçtancia ;

Por ser minha ignorancia

Alimento, em que a magoa mais se atêa :

Que a ser mais entendido,

Não fôra o meu tormento tão crescido.

Não sómente o effeito

De tão ingrato mal em nós sentimos ;

Mas, se bem advertimos,

Tudo ao grande pezar ficou fugeito :

Que fez a auzencia tua

A saudade em nós razaõ commua.

O rio, que algum dia

Liquida habitaçaõ das Ninfas era,

A cor, que a primavera

Nestes frondozos álamos vestia,

Tudo perde o seu brio ;

Não tem o álamo cor, Ninfas o rio:

Não se ouvem já sonoras,

(Quando arguindo o adultero condemna,)

Queixas da Filomena ;

E athé do tempo as carregadas horas

Correm mais dilatadas ;

E parece, que a dor as faz pezadas.

He tudo horror ; he tudo

Huma palida imagem da tristeza.

Habita esta aspereza

O funebre silencio, o assombro mudo ;

Que tanto pôde, tanto

De tua auzencia o mizero quebranto.

Ah meu Algano caro,

Doce consolação do campo ameno!

O teu triste Fileno

Busca debalde allívio: que o reparo

Da saudade está posto

Na imagem só de teu alegre rosto:

Não só o seu alento,

Porém inda dos campos a alegria,

A clara luz do dia,

Das aves o canoro, e doce accento,

E quanto tem mudado

Da tua ausencia o dezhumano estado.

Apressa, apressa o passo,

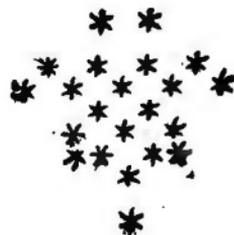
Com que hoje alegras as regioens do Tejo:

Rompe já o embaraço,

Que se interpoem á vista do desejo:

E possa alegre ver-te,

Algoz meu, quem sabe merecer-te.



## D A L I Z O

A<sup>c</sup> S A L I C I O .

## EPISTOLA III.

**A** Vós, Pastor amado,  
 Que lá do patrio rio  
 Nas frescas prayas, humidas ribeiras,  
 (Qual debaixo de hum álamo sombrio  
 Tityro, que abrazado  
 De Amarillis suspira,) as lizonjeiras  
 Horas lograis, no metrico exercicio,  
 Propicio seja o fado, ou impropicio;  
 Saude vos dezeja,  
 E placido descanso  
 Dalizo, o Pastor triste; cujo emprego  
 He mal tocada lira, e gado manso;  
 Que nem maligna inveja,  
 Nem emula porfia em seu socego  
 Altera, atravessando o bosque inculto,  
 Desde o monte frondozo, ao valle occulto;  
 Aquella harmonioza,

Nunca no bosque ouvida,  
Cithara, que regia o vosso canto,  
Com que activo dezejo me convida  
A' pena mais faudoza!  
Se souberas, Salicio amado, quanto  
Me chega á arrebatár aquelle accento;  
Duvidareis vós mesmo do tormento.

Então vi lem mentira,  
Ou fabuozo engano,  
Possivel, o que Alfemo nos contava,  
Do amante, que do Averno dezhumano;  
Ao som da acorde lira,  
A já perdida espoza resgatava.  
O vosso canto, Amigo, se quizera,  
O mesmo inferno adormecer pudera.  
Não duvidei, que houvesse  
Accento tão divino,  
Que enternecendo o barbaro pirata,  
Fiasse todo o bem do seu destino  
A hum Delfim, que pudesse,  
Rompendo as ondas, que esse mar dezata;  
Conduzir de Arion a amada vida,  
Sobre os hombros, á praya appetecida.

Tudo possivel cria;  
Que aquelle acorde accento,  
Que arrebatando a idéa contemplava;  
De vossa voz no doce movimento,  
Dar ao mundo podia  
Exemplos de prodigio: oh qual rasgava  
Nunca imitado canto o vento leve!  
Como o Zefyro a ouvilho se deteve!  
Crede-me; eu suspirando

Mil vezes a ventura  
 De ver-vos, a hum Pastor dessa montanha  
 Perguntava por vós; e a doce cura  
 Do dezejo buscando  
 Da noticia, que tinha em nada estranha;  
 Da que notei, feliz realidade,  
 Mayor motivo achava á saudade,  
 Quando verei, dizia,  
 Hum Pastor tão amado,  
 Que no baile, na dança, na carreira;  
 Ou perseguindo a fera, sempre ao lado  
 Por companheiro via?  
 Oh! Queira o brando fado, a sorte queira,  
 Que esta tão larga, tão cruel distancia,  
 Não venha a perverter sua constancia,  
 Hydropico meu peito  
 Sempre ver-vos suspira;  
 E por lizonja desta auzencia dura  
 Ao doce, e acorde som da vossa lira  
 Invoca o terno effeito.  
 Fazei, que eu logre o bem desta ventura;  
 Em quanto fica com attento avizo,  
 Para servir-vos o Pastor Dalizo.



---



---

# MELIZO

A<sup>c</sup> SALICIO.

## EPISTOLA IV.

---



---

**A** O duro tronco atado  
 O Grego enganador da Ninfa bella,  
 Ouvindo o som daquella  
 Consonancia do côro levantado,  
 Foge á ruina, teme o precipicio.

Mas se o canto, Salicio,  
 Que alternastes no verso harmoniozo,  
 No golfo perigozo  
 Das humidas Deidades se entoara,  
 Do acorde accento á suavidade rara,  
 Que alegre cederia  
 Ulysses, aos encantos da harmonia!

Hydropico bebendo  
 A liquida corrente, nunca tanto  
 Se vê com o quebranto  
 Do Sol ardente o gado, que descendo  
 Vem de huma, e outra parte da floresta

Quanto se manifesta  
 Anciozo o meu dezejo, achando agora  
 A lizonja sonora  
 Deste canto, Salicio, que respira  
 Taõ doce, que por mais, que a alma ferirá  
 O impulso harmoniozo,  
 Sempre o meu peito suspirara anciozo.

Oh ditozo falgueiro  
 Aquelle, Pastor bello, em que pendente  
 A cithara eadente  
 No silencio me vio por derradeiro,  
 Em quanto choro a tua auzencia dura!

Quanto mayer ventura  
 He ver da solitaria sombra fria  
 A perdida alegria,  
 O gosto desmayado, expor brilhante,  
 Mas rizonho esta vez o seu semblante,  
 Bem como a tenebroza  
 Noite, que a luz do Sol faz mais formozas!

Do muzico instrumento  
 O espirito the agora suffocado.  
 Bebeo mais esforçado,  
 O que respira, harmoniozo alento:  
 Deva-se tanto obzequio á faudade.

De Pan a Divindade,  
 Que unio primeiro a cera á debil cana,  
 Nunca taõ soberana  
 A voz ergueo; nem lá no Idalio monte  
 Ao murmurar feliz do Xanto a fonte,  
 Respirou taõ suave,  
 De Enone bella no tormento grave,  
 Só vós, Pastor querido,

As sombras desterrando da tristeza,  
 Podeis lograr a empreza  
 De suffocar os eccos do gemido,  
 Com tão acorde, sonorozo excessõ!

A tanto bem confesso;  
 Que do campo os prodigios celebrados  
 Seraõ mal comparados;  
 Inda quando a memoria os eternize  
 Pelos troncos das fayas; bem que avize  
 Hum; e outro letreiro;  
 Qual o segundo foi, qual o primeiro.

Se pois he de Salicio  
 Tão poderosa a voz; se a mão tão destra  
 No jogo, na palestra  
 Tem a gloria mayor; se no exercicio  
 Do canto o verde louro elle consegue;

Salicio não me negue,  
 Que dezigual a competencia fica,  
 Quando a seguir se applica  
 Do mizero Melizo a mal pulsada  
 Cithara; que he fomite acompanhada  
 De Faunos da espessura,  
 Não de branca Napéa, ou Ninfa pura;

Turva, e feya a corrente  
 Deste ribeiro nosso não habita  
 Dryada, que repita  
 Em branda voz o número cadente:  
 Que tudo nelle triste fez o fado.

Ditozo aquelle estado,  
 Em que pobre pastor me contentava  
 A terra, que lavrava,  
 O gado, que a pastar guiava errante

Destá montanha á aquella : ah que inconstante  
 Fortuna em mim figura  
 De Melibeo a triste desventura !

Mas eu cuido , que vejo  
 Aquella carregada sombra feya ,  
 De gosto , que recrêa ,  
 ( Senão mo finge a imagem do desejo )  
 Ir a face vestindo já mais clara.

Oh que mudança rara  
 Estou nesta ribeira contemplando !  
 Pouco , e pouco dourando  
 Se vai o escuro valle , e o alto monte !  
 Nova chama illumina este Horizonte.  
 Tanto gosto se deve  
 Do sonoro Salicio ao canto leve.

Vivei , ó Pastor grato ;  
 E o vosso campo eternamente seja  
 Dos Elisios inveja ,  
 Ditoza copia , placido retrato  
 Daquelle , que o Pastor pizou de Anfrizo ;  
 E vivei para gloria de Melizo.



## EURILLO

A<sup>c</sup> ALCIDO.

## EPISTOLA V.

**R** Ecebo, Alcido amado,  
 O transumpto feliz, o delicado,  
 Numerozo dezenho  
 Do vosso bello, peregrino engenho.  
 Nelle respira aquella suavidade,  
 Com que outro tempo a Delfica Deidade,  
 Pelas ribeiras do saudozo Anfrizo,  
 Tornava todo o monte de improvizo,  
 De Thebaida alegre, Chipre amena,  
 Centro da magoa, habitaçãõ da pena.  
 A imagem da saudade retratada  
 Qual se descobre aos eccos animada  
 Da vossa acorde lira!  
 Alli geme, alli chora, alli suspira  
 O rosto macilento,  
 Resclinando com brando movimento

Já sobre a mão , já enxugando o pranto;  
Que os olhos vertem com mortal quebranto.

Menos suave , menos elegante  
Pintou o Portuguez a fragoa amante ,  
Em que Venus dispunha aos Luzitanos:  
A dourada lizonja dos enganos ;  
Quando aos olhos descobre a feliz Ilha,  
Do mar d'Áthlante occulta maravilha.

Mas que muito respire tão activo  
O fogo da faudade executivo ,  
Se da razão no intrínseco conceito  
Bebe a força efficaz do agudo effeito!

He sempre menos dura  
A pena , que na rustica cultura  
Ao Pastor acompanha  
Na choça , no redil , que aquella estranha  
Paixão , que segue o cortezaõ polido ,  
Na civil' sociedade introduzido.

Affim o vosso engenho agado , e raro  
Concebe em grande excesso o estrago avaro  
Do faudozo tormento ;  
Dahdo-lhe tanto mais crescido alento,  
Que ao vigor do discurso ponderada  
He em vós a faudade mais pezada.

Oh se a guerra implacavel , que se accende  
Por dentro de minha alma , e que se estende  
Pelo campo espaçozo da lembrança  
Pudera retratar vos ! que mudança ,  
Tão contraria , tão funebre , tão dura  
Em mim verieis da fortuna escura !

Aquelle aspecto affavel da alegria ,  
Que o coração brotava , quando via

Presente em vós o bem, que adora tanto;  
 Apenas pelas clauzulas do pranto,  
 Pelas syllabas mudas do gemido,  
 Hoje publica o funebre ruido,  
 Que ergue a dor nas imagens da memoria,  
 Tentando em sombras a passada gloria.

O confuzo girar de meu cuidado  
 Encontro vivamente retratado  
 Em hum baixel vagando; que sem norte  
 Guia com varia sorte

A onda impetuoza  
 No golfo Egêo, soprando a tormentoza  
 Furia dos ventos, que na estranha guerra  
 O crespo Eólo no penhasco encerra.

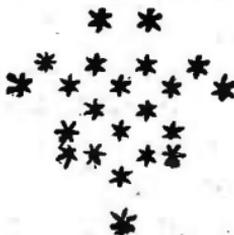
Más cesse de meu mal aquella activa  
 Tyranna agiração, que se deriva  
 Do tormento fatal da vossa auzencia,  
 Já parece desmayo esta violencia,  
 Quando do vosso espirito suave  
 A bella producção canora, e grave  
 Enche os ares de acorde melodia,  
 Que arreбата de todo a fantazia.

Dos nossos fieis amigos, que a lembrança  
 Vossa com tão gostozo excesso alcança,  
 Testemunho a plauzivel recompensa,  
 Enviando-vos d'hum a copia immensa  
 Desses, de Apollo gratos desperdícios;  
 D'outro interpretes sendo os sacrificios,  
 Que repete nas chamas da saudade  
 A vossa, em tudo candida, amizade.

Mas desta, que deixaste tão saudosa,  
 Ribeira, em outro tempo venturoza,

Quando animada do sonoro accento  
 Do vosso acorde, harmonico instrumento;  
 Como he possivel, que eu traslade as vozes;  
 Que entre os ays, e suspiros mais velozes,  
 Me estaõ recommendando a cada instante  
 As lembranças do seu obzequio amante?

Ella me pede ( que discreto rogo! )  
 Que aquelle generozo, ardente fogo,  
 Em que por vós se abraza, vos refira;  
 E que outra vez do vosso plectro, e lira  
 ( Porque a pena suffoque, extinga a ancia )  
 O toque busque, empenhe a consonancia.  
 Eu o supplico assim, meu caro Aleido;  
 E a vossos pés rendido  
 Offereço a vontade; com que posso  
 Dizer, que sou fiel amigo vosso.



## SILVIO

A<sup>c</sup> ALGANO.

## EPISTOLA VI.

**P** Ediz-me, Algano, que do meu destino  
 O enredo peregrino  
 Vos conte, desde o dia, em que deixada  
 A pobre choça, a habitação amada,  
 Para tão triste mal, tão cruel guerra,  
 Deixei esta montanha, e aquella serra  
 Busquei; onde já mais o manso gado  
 Havia apascentado  
 Dalizo, nem Alfemo,  
 Pastores, que nas prendas eu não temo,  
 Que competir-lhes possa  
 Couza alguma, a não ser a gloria vossa.  
 Ay quanto, caro Amigo,  
 Esta obediencia custa! Mas se digo,  
 Que me suffoca a voz o sentimento  
 De humã ardente paixão, o meu tormento,  
 Só na vossa amizade,

Que a compaixão promete, a atrocidade  
 Moderar pôde de hum profundo damno;  
 Que no intimo arcano  
 De meu afflicto peito  
 Não menos, que o respeito,  
 Amor tem encerrado.

Este Monstro vendado,  
 Gigante, que sem pôr sobre a grandeza  
 De hum monte o outro monte, a redondeza  
 Do Olympo tem prostrado,  
 E ao soberano Jove despojado  
 Do rayo fulminante;

Este estrago incessante,  
 A quem valor não basta, nem escudo;  
 Porque tudo destroe, e estraga tudo,  
 Sendo a sua impiedade  
 Verdugo infiel da pobre liberdade;  
 E o mizero alvedrio,  
 Perdida a gloria, despojado o brio,  
 Serve de ornar com precipicio infausto  
 De seu triunfante carro o ardente fausto;

Naquelle dia, Algano, em que apartada  
 Do rebanho a melhor, a mais amada,  
 Branca, e terra ovelhinha,  
 Solicito me tinha,  
 Levou-me o Monstro cego,  
 Desde as humidas margens do Mondego,  
 Habitação gostosa,  
 Ou já pela corrente delicioza,  
 Ou pela verde sombra dos saigueiros;  
 Por asperos oiteiros  
 Levou-me o Monstro cego. Entenderias

A cada instante , Alcano ,  
Vendo eminente o damno ,  
E a face da ruina tão presente ;  
Que aquelle escuro fitio era semente ,  
Ou de enigmas depozito sombrio ,  
Ou tumulo fatal do somno frio.

Alli não florescia o lirio brando ,  
Nem ovelha pastando  
Alli se divizava ;  
De esteril producção da pedra brava  
A terra se cobria.

Hum risco , e outro risco discorria  
Assim o meu cuidado :  
E Amor já tão ligado  
A seu carro fatal me tinha , que indo  
A noite as azas sobre o monte abrindo ,  
Da sombra carregada  
Nada me acobardava : porque nada  
Poder tão tão raro tinha , e tão activo ,  
Como de Amor o rayo executivo.

Depois em fim que a Aurora  
Foi accendendo a tocha brilhadora  
Do luminoso Febo ,  
Divizo de Corebo  
O campo dilatado ;  
Corebo , esse Pastor tão nomeado ,  
Não só pela riqueza ;  
Mas inda pela graça , e gentileza  
Das Ninfas , e Pastoras ,  
De fitio tão feliz habitadoras ,  
Pelo prado , e floresta  
Cada huma tão gentil se manifesta ,

Que não ha fresca roza,

Que possa competir-lhes, por formoza.

Cobertas andão todas de hum pelico

Mais candido, e mais rico,

Que a pelle de hum arminho esbranquiçado;

Por hum, e outro lado

Tecem as flores bellas,

Qual mostra o firmamento aureas estrellas.

Porèm mayor espanto

He ver o cajadinho, que com tanto

Capricho vão movendo;

Ora sobre elle tendo

A branca mão, ora encostando a face;

Em que Amor, era força, se abrazasse.

Ovelhas vem guiando;

E em vario som cantando

Os mizeros amores

De Ninfas, e Pastores;

Que naquella floresta

Vio a forte funesta,

Ou o soberbo fado,

Em venturozo, ou infeliz estado.

Não ha Ninfa mimoza,

A quem de Amor a setta venenoza

Não penetrasse o peito.

De Corebo o respeito

A todas suffocava;

Gada huma, o que sentia, mais callava:

Porque o Pastor tyranno,

Por zelo, ou crueldade (ay caro Alcano!)

A todas tinha posto

Violenta escravidão na ley do gosto.

Dalizo desterrado

Gemia a infausta pena de hum cuidado ;  
 Que para o sentimento  
 Vivo tem na memoria o seu tormento.  
 Anfrizo sem ventura  
 Suspirava a perdida formozura,  
 Em carcere cruel , que em dura pena  
 Corebo , o Pastor barbaro , lhe ordena ;  
 Imaginando ser culpa , que infama ,  
 Arder de Amor na venturoza chama.

Eu , que os exemplos via ,  
 De tanto estrago , e tanta tyrannia ,  
 Em Galatêa pondo o pensamento ,  
 Adorava por gloria o meu tormento.

Taõ bella era a Pastora , que fomenta  
 Ella fazia o campo estar contente.  
 Nos seus olhos Amor depositava  
 Hum veneno taõ doce , que , se olhava ,  
 Atraz do seu ligeiro movimento  
 Levava os coraçoes , e o pensamento.

Porèm já de meu peito terno , e brando  
 A dor fera , e cruel me está chamando ,  
 A que , Algano , vos conte  
 Os suspiros , que ao Ceo , ao valle , ao monte  
 Inutilmente dados ,  
 Foraõ da ingrata Ninfa desprezados.

A ancia continuava ;  
 Profeguia o gemido ; naõ cessava  
 Meu excessivo pranto ;  
 Mas a dispendio tanto ,  
 Compravaõ meus ardores  
 Ingratas semrazoens , duros rigores.

Hum mez quazi corria ;  
 E esperanças de hum dia , e outro dia  
 Guiavaõ meu desvelo  
 Atraz do seu rigor , só por vencello.  
 Ah quem vozes tivera ,  
 Algano meu , que referir pudera ,  
 Qual foi o excesso entaõ daquelle dia ;  
 Quando cedendo á força da porfia  
 De hum coração , que entre rigores arde ,  
 Interpretes seus olhos n' huma tarde ,  
 Fez de não sei que incognita piedade ,  
 Que recitava menos a vontade !

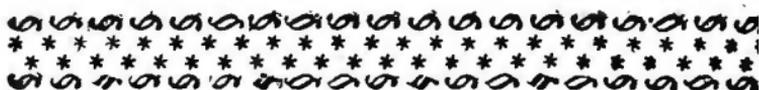
Desde entaõ . . . mas que emprendo !  
 Logo Amor aleivozo hum golpe horrendo  
 Contra mim fulminou , roubando a gloria  
 De taõ alta victoria,  
 De Corebo á noticia ,  
 Fez que chegasse o jubilo , a delicia ,  
 Que provava minha alma. O Pastor fero ,  
 Mais cruel , mais severo ,  
 A pena repartindo  
 Entre dous coraçãoes , ao gesto lindo  
 Da Ninfa mais mimoza  
 Ordena huma tristeza rigorosa ;  
 E a mim por mayor pena  
 Hum desterro durissimo me ordena.  
 Deixei-a desmayada,  
 Triste , desconsolada ,  
 Seu rizo convertido em vivo pranto :  
 E eu ( triste de mim ! ) martyrio tanto  
 Sopporto neste funebre retiro ;  
 Que a meus ays , a meu pranto , a meu suspiro :

Enterneço os rochedos,  
Môvo as feras, os troncos, e os penedos,  
Quem me dicera, Algano,  
Que o fado dezhumano,  
Fingindo-se propicio,  
Me encaminhava a tanto precipício!

E já que foi tão duro,  
Que com rosto perjuro  
Me pôde conceder hum breve instante  
De alegria, e de gosto ao peito amante;  
Que cauza teve o fado  
Para me não levar traz meu cuidado,  
Conspirando a fereza  
De Corebo cruel contra a firmeza  
De minha adoração, deixando affavel  
Do golpe inexoravel  
Da Parca enfurecida,  
Extincto o meu amor na minha vida!

Mas ah! Que em não matar-me  
O fado mais cruel se quiz mostrar-me:  
Assim mais se acredita  
A furia, que meu peito debilita:  
Pois louco, e delirante  
Vivo sempre em tormento. Astro inconstante;  
Maligno, dezigual, sempre em meu damno  
(Ay carissimo Algano!)  
Ordenará, que eu seja  
Victima do rigor, e mais da inveja.





# ROMANCES.

---



---

## L I Z E. R O M A N C E I.

---



---

**P**escadores do Mondego,  
 Que girais por essa praya,  
 Se vós enganais o peixe,  
 Tambem Lize vos engana.  
 Vós ambos sois pescadores;  
 Mas com differença tanta,  
 Vós ao peixe armais com redes,  
 Ella co' os olhos vos arma.  
 Vós rompeis o mar ondozo;  
 Para assegurar a caça;  
 Ella aqui no porto espera,  
 Para lograr a filada.  
 Vós dissimulais o enredo,  
 Fingindo no anzol a traça;

Ella vos expoem patentes  
As redes, com que vos mata.

Vós perdeis a noite, e dia  
Em continua vigilancia ;  
Ella em hum só breve instante  
Consegue a preza mais alta.

Guardai-vos pois, Pescadores ;  
Dos olhos dessa tyranna ;  
Que para trofeos de Lize  
Despojos de Alcemo bastaõ.

Em quanto as ondas ligeiras  
Desta corrente taõ clara  
Inundarem mansamente  
Estes álamos, que banhaõ ;

Eu espero, que a memoria  
O conserve nestas agoas,  
Por padraõ dos dezenganos,  
Por triumpho de huma ingrata.

E na frondoza ribeira  
Deste rio, triste a alma  
Girárá sempre avizando,  
Quem lhe soube ser taõ falsa.



---



---

# ANTANDRA

## ROMANCE II.

---



---

**P** Affora do branco arminho,  
 Não me sejas tão ingrata:  
 Quem quem veste de innocente,  
 Não se emprega em matar alma;  
 Deixa o gado, que conduzes;  
 Não o guies á montanha:  
 Porque em poder de huma fera,  
 Não pôde haver segurança.

Mas ah! Que o teu privilegio,  
 He louco, quem não repara:  
 Pois suavizando o martyrio,  
 Obrigas mais, do que matas.

Eu fugirei; eu, Pastora,  
 Tomarei somente as armas;  
 E haõde conspirar commigo  
 Todo o campo, toda a praya.

Tenras ovelhas,  
 Fugi de Antandra;  
 Que he flor fingida,  
 Que aspides cria, que venenos guarda.

---



---

# A L T E A.

## ROMANCE III.

---



---

**A** Quelle Pastor amante,  
 Que nas humidas ribeiras  
 Deste crystallino rio  
 Guiava as brancas ovelhas;  
 Aquelle, que vezes muitas  
 Affinando a doce avena,  
 Parou as ligeiras agoas,  
 Movêo as barbaras penhas;  
 Sobre huma rocha sentado  
 Caladamente se queixa:  
 Que para formar as vozes,  
 Teme, que o ar as perceba.  
 Os olhos levanta, e busca  
 Desde o tosco assento aquella  
 Distancia, aonde, discorro,  
 Que tem a origem da pena:  
 E depois que esmorecidos  
 Da dor os olhos, na immensa  
 Explicação do tormento,  
 Suffocada a luz, se cegaõ;

Só ás lagrimas recorre,  
Deixando-se ouvir apenas  
Daquellas arvores mudas,  
Daquella mimoza relva.

Com torpe aborrecimento  
A companhia despreza  
Dos Pastores, e das Ninfas;  
Nada quer, tudo o molesta.

Erguido sobre o penhasco  
Já vê, se he grande a eminencia;  
Porque busque o fim da vida,  
Na violencia de huma queda.

Já louco se precepita;  
E já se suspende: a mesma  
Appetencia do tormento  
Mayor tormento lhe ordena.

Pastores, vede a Dalizo;  
Vede o estado qual seja  
De num Pastor, que em outro tempo  
Gloria destes montes era:

Vede, como sem cuidado  
Pastar pelos montes deixa  
As ovelhas offrecidas  
A's iras de qualquer fera.

Vede, como desta rama,  
Que funebre está, suspensa  
Deixou a lira, que ha pouco,  
Pulsava pela floresta.

Vede, como já não gosta  
Da barra, dança, e carreira;  
E ao pastoril exercicio  
De todo já se rebella.

Segundo o vulto, que neste  
 Rustico penedo ostenta,  
 Cuido, que o fizeram louco  
 Desprezos da bella Altea.

# A N A R D A

## ROMANCE IV.

**A** Onde levas, Pastora,  
 Essas tenras ovelhinhas?  
 Que para seu mal lites basta  
 O seres tu, quem as guia.  
 Acazo vão para o valle,  
 Ou para a terra vizinha?  
 Vão acazo para o monte,  
 Que lá mais distante fica?  
 Vão por ventura, Pastora,  
 A beber as cristallinas,  
 Doces agoas, que discorrem  
 Por entre essas verdes silvas?  
 Ah! Quem sabe, triste gado,  
 Onde a mayor humicida  
 Dos coraçãoes, e das almas,  
 Comvêscq agora caminha!

Prezimir, que cuidadoza  
 Vos conduz á serra altiva,  
 Imaginar, que á ribeira  
 Vos vai levando propicia;  
 Não o posso, não o posso;  
 Quando a conjectura aviza,  
 Que mal as ovelhas guarda;  
 Quem as almas traz perdidas.

Porem se a vossa ventura  
 De mais nobre se acredita,  
 Se podeis vencer de Anarda  
 A condição sempre esquivã;  
 Ella vos conduza: os passos  
 Segui da minha inimiga;  
 Em quanto para cantalla  
 Meu instrumento se affina.

Mais que Tityro suave,  
 Aqui sentado á sombria  
 Copa desta verde faya,  
 Chorarei as penas minhas.

Farei, com que sôe o bosque  
 A seu nome: esta campina,  
 Vereis, como só de Anarda  
 A doce gloria respira;

Essas arvores, e troncos  
 Concorrendo á harmonia  
 De meu canto, Orfeo nos valles;  
 Cuidaraõ, que ressucita.

Eu repetirei contente  
 A cantilena, que tinha  
 Com Alcimedon composto,  
 Quando no monte vivia,

Direi aquellas cadencias ,  
 Que á casca de huma cortiça  
 Encommendou meu cuidado ,  
 De meu sangue com a tinta.

Pastora , ( se bem me lembra  
 Assim meu verso dizia )  
 Mais branca , que a mesma neve ;  
 Mais bella , do que a bonina ;

Eu sou , quem estas ribeiras ,  
 Sou , quem estes campos piza ,  
 Atraz de huma alma , que roubas ,  
 Taõ preza , como rendida.

Naõ te peço , que ma entregues :  
 Porque quem ta sacrifica ,  
 De seu voluntario culto  
 Faz a ostentaçãõ mais fina :

Quero só , que ma não deixes ,  
 Que a não dezampares ; inda  
 Quando do Lethes faudozo  
 Vires a margem sombria.

Mais seguro , e mais constante  
 Que aquella mimoza Ninfa ,  
 Que no concavo das penhas ,  
 Por ley do destino , habita.

Ecco serei destas rochas ,  
 Aonde os clamores firaõ  
 Dos coraçõens , que se queixaõ ,  
 Das almas , que se lastimaõ.

Assim , candidas ovelhas ,  
 Assim clamarei : sózinhas  
 Correi embora contentes  
 O valle , o monte , a campina.



# A' LIRA DESPREZO.

## I.

**Q**ue busco, infausta Lira,  
 Que busco no teu canto,  
 Se ao mal, que cresce tanto,  
 Allivo me não das?  
 A alma, que suspira,  
 Já foge de eleutar-te:  
 Que tu também és parte  
 De meu saudozo mal.

## II.

Tu foste ( eu não o nego )  
 Tu foste em outra idade  
 Aquella suavidade,  
 Que Amor soube adorar;  
 De meu perdido emprego  
 Tu foste o engano amado:  
 Deixou-me o meu cuidado;  
 Também te heide deixar.



# A LIRA PALINODIA,

---

## I.

**V** Em, adorada Lira,  
 Inspira-me o teu canto;  
 Só tu a impulso tanto  
 Todo o prazer me dás.  
 Já a alma não suspira;  
 Pois chega a escutar-te,  
 De todo, ou já em parte  
 Vai-se auzentando o mal,

## II.

Não cuides, que te nego  
 Tributos de outra idade:  
 A tua suavidade  
 Eu sei inda adorar;  
 Desse perdido emprego  
 Eu busco o encanto amado;  
 Amando o meu cuidado,  
 Já mais te heide deixar,

## III.

Ah! De minha ancia ardente  
 Perdeste o caro imperio,  
 Que já n'outro emisterio  
 Me vejo respirar.  
 O peito já não sente  
 Aquelle ardor antigo:  
 Porque n'outro norte figg;  
 Que fino Amor me dá.

## IV.

Amei-te (eu o confesso)  
 E fosse noite, ou dia,  
 Já mais tua harmonia  
 Me viste abandonar.  
 Qualquer penozo excessõ;  
 Que atormentasse esta alma,  
 A teu obzequio em calma  
 Eu pude ferenar.

## V.

Ah! Quantas vezes, quantas  
 Do somno despertando,  
 Doce instrumento brando,  
 Te pude temperar!  
 Só tu (disse) me encantas;  
 Tu só, bello instrumento,  
 Tu es o meu alento;  
 Tu o meu bem serás.

## III.

Vê, de meu fogo ardente,  
Qual he o activo imperio;  
Que em todo este emiserio  
Se attende respirar.

O coração, que sente  
Aquelle incendio antigo,  
No mesmô mal, que sigo,  
Todo o favor me dá.

## IV.

Se tanto bem confello,  
Ou seja noite, ou dia,  
Já mais essa harmonia  
Espero abandonar.

Naõ hade a tanto excessso,  
Naõ hade, naõ, minha alma  
Desta ameroza calma  
Meus olhos serenar.

## V.

Ah! Quantas ancias, quantas  
Agora despertando,  
A teu impulso brando  
Eu venho a temperar!

No gosto, em que me encantas,  
Suavissimo instrumento,  
Em ti só busco o alento,  
Que eterno me serás.

## VI.

Vai-te ; que já não quero,  
 Que devas a meu peito  
 Aquella doce effeito ,  
 Que me deveste já.  
 Contigo já mais fero  
 Só trato de quebrarte :  
 Tambem has de ter parte  
 No estrago de meu mal.

## VII.

Naõ saberás desta alma  
 Segredos , que sabias ,  
 Naquelles doces dias ,  
 Que Amor soube alentar :  
 Se aquella ingrata calma  
 Foi só tormenta escura ,  
 Na minha desventura  
 Tambem naufragaras.

## VIII.

Nize , que a cada instante  
 Teus numeros ouvia ,  
 Ou fosse noite , ou dia ,  
 Já mais não te ouvirá.  
 Cansado o peito amante  
 Somente ao dezengano  
 O culto soberano  
 Pertende tributar,

## VI.

Comtigo partir quero  
As magoas de meu peito;  
Quanto diverso effeito,  
Do que provaste já!  
Não cuides, que sou fero;  
Porque já quiz quebrar te:  
No meu delirio em parte  
Desculpa tem meu mal.

## VII.

Se tu só de minha alma  
O caro amor sabias,  
Comtigo só meus dias  
Eterno hei de alentar.  
Bem que ameace a calma  
Fatal tormenta escura,  
Na minha desventura  
Já mais naufragarás.

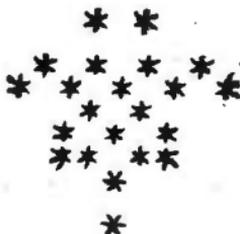
## VIII.

Clamar a cada instante  
O nome, que me ouvia,  
Ou seja noite, ou dia,  
O bosque me ouvirá.  
Bem, que a meu culto amante  
Rezista o dezengano,  
O voto soberano  
Te espero tributar.

## IX.

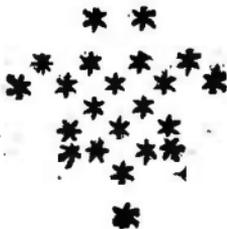
De todo em fim deixada  
No horror deste arvoredó,  
Em ti seu tosco enredo  
Arachne tecerá.

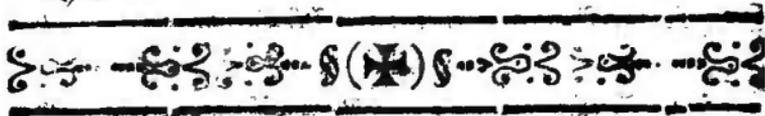
Em paz se fique a amada,  
Por quem teu canto inspiras;  
E tu, que a paz me tiras,  
Tambem te fica em paz.



## IX.

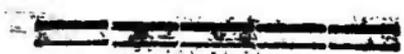
Naõ temas, que deixada  
Te ocupe este arvoredo,  
Onde meu triste entredo  
O fado tecerá;  
Conhece, ó Lira amada,  
O affecto, que me inspiras;  
Na mesma paz, que tiras,  
Me das a melhor paz.





FILENO  
 O ANIZE.  
 DESPEDIDA DE  
 GLAUCESTE  
 SATURNIO,

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.



I.

A Deos, Idolo amado ;  
 Adeos ; que o meu destino  
 Me leva peregrino  
 A não te ver já mais.  
 Sei , que he tormento ingrato  
 Deixar teu fino trato :  
 Mas quando he , que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar !



# N I Z E A F I L E N O .

REPOSTA DE

## E U R E S T E F E N I C I O ,

Pastor Arcade , Romano , Ultramarino!

I.

**E** M vado , Fileno amado ;  
 Accuzas teu destino ;  
 Se foges peregrino ,  
 Por me não ver já mais .  
 Viste-me , falso , ingrato ;  
 Preza a teu doce trato :  
 E tu , que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## II.

Tu ficas; eú me auzento;  
 E nesta despedida  
 Se não se acaba a vida,  
 He só por' mais penar,  
 De tanto mal, e tanto  
 Allivio he só o pranto:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## III.

Quantas mêmorias, quantas  
 Agora despertando,  
 Me vem acompanhando  
 Por' mais me atormentar!  
 Faria o esquecimento  
 Menor o meu tormento:  
 Mas quando he, que viste  
 Hum triste,  
 Respirar!

## IV.

Girando esta montanha,  
 Os sitios estou vendo,  
 Aonde Amor tecendo  
 Seu doce enredo está.  
 Aqui me occorre a fonte,  
 Alli me lembra o monte:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar.!

## II.

Dizias : eu me auzento.  
 Foi esta a despedida ,  
 Que toda a minha vida  
 Me hade fazer penar.

Entre martyrio tanto  
 Eu me desfiz em pranto :  
 E tu , que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## III.

Oh quantas vezes , quantas  
 Do somno despertando ,  
 Te vou acompanhando ,  
 Por não me atormentar !

Não ha esquecimento ,  
 Que abrande o meu tormento :  
 E tu , que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## IV.

No prado , e na montanha ,  
 Saudosa hoje estou vendo  
 O engano , que tecendo  
 A minha idéa está.

Baixei contigo á fonte ;  
 Subi contigo ao monte :  
 E tu , que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## V.

Sentado junto ao rio,  
 Me lembro, fiel Pastora,  
 Daquella feliz hora,  
 Que n'alma impressa está.  
 Que triste eu tinha estado;  
 Ao ver teu rosto irado!  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## VI.

De Filis, de Lizarda  
 Aqui entre desvelos,  
 Me pede amantes zelos  
 A cauza de meu mal.  
 Alegre o seu semblante  
 Se muda a cada instante:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## VII.

Aqui colhendo flores  
 Mimoza a Ninfa cara,  
 Hum ramo me prepara,  
 Talvez por me agradar:  
 Anarda alli se agasta;  
 Dalizo aqui se affasta:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## V.

Ao som do manso rio,  
Nize, fiel Pastora,  
Chorando à toda a hora  
A tua auzencia está.

Afflicta neste estado  
Accuzo o Ceo irado:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar.

## VI.

Nem Filis, nem Lizarda,  
Que forão teus desvelos,  
Me podem já dar zelos,  
Nem já me fazem mal.

Só teu cruél semblante  
Me lembra à cada instante:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!

## VII.

Fileno as bellas flores  
A' Nize amada, e cara,  
Já agora não prepara;  
Já não quer agradar.

Commigo Amor se agasta;  
O meu Pastor se affasta:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!

## DESPEDIDA

## VIII.

Tudo isto na memoria  
 (Oh barbara crueldade!)  
 A' força da saudade  
 Amor me pinta já.

Rendido desfaleço  
 De tanta dor no excesso:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## IX.

O mais, que augmenta a magoa,  
 He ter sempre o receyo,  
 De que outro amado enleyo  
 Teu peito encontrará.

Amante nos teus braços,  
 Quem sabe, se outros laços...!  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## X.

Por onde quer, que gires,  
 Desta alma, que te adora,  
 Ah lembra-te, Pastora,  
 Que ja te loube amar.

Verás em meu tormento  
 Perpetuo o sentimento.  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## VIII.

Conseruo na memoria  
 A tua crueldade ;  
 Nem fei, como a saudade  
 Me não tem morta já.  
 Mas ah ! que desfaleço ,  
 Chorando em tal excesso :  
 E tu, que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## IX.

Crescendo a minha magoa ;  
 Se augmenta o meu receyo ;  
 Que entregue a novo enleyo  
 Talvez te encontrará.  
 Que vezes nos meus braços  
 Eu te formei os laços !  
 E tu, que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## X.

Por mais, que ausente gires  
 De Nize, que te adora ,  
 Não has de achar Pastora ,  
 Que mais te saiba amar.  
 Vê bem, a que tormento  
 Me obriga o sentimento :  
 E tu, que assim me viste ,  
 Partiste  
 A respirar !

## DESPEDIDA

## XI.

Lá desde o meu desterro ;  
 Verás , que esta corrente  
 Te vem fazer presente  
 A ancia de meu mal.

Verás , que em meu retiro  
 Só gemo , só suspiro :  
 Mas quando he , que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar !

## XII.

As Ninfas , que se escondem  
 Lá dentro do seu seyo ,  
 De meu querido enlevo  
 O nome haõ de escutar .

No bem desta lembrança  
 Allivio a alma alcança :  
 Mas quando he , que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar !

## XIII.

Ah ! Deva-te meu pranto  
 Em taõ fatal delirio ,  
 Que pagues meu martyrio  
 Em premio de amor tal .  
 Mereça hum mal sem cura  
 Lograr esta ventura :  
 Mas quando he , que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar !

## XI.

Aqui posta em deſterro,  
 Ao ſom deſta corrente,  
 Sempre terei prezente  
 A cauza de meu mal.

E tu neſſe retiro  
 Deſprezas meu ſuſpiro:  
 E tu, que aſſim me viſte,  
 Partiſte  
 A respirar!

## XII.

Athé de mim ſe eſcondem  
 As Ninfas no ſeu ſeyo;  
 Pois teu fingido enleyo  
 Não querem eſcutar.

E nem eſta lembrança  
 Se quer minha alma alcança:  
 E tu, que aſſim me viſte,  
 Partiſte  
 A respirar!

## XIII.

Conheço, que o meu pranto  
 Paſſou a ſer delirio:  
 Pois meu cruel martyrio  
 Chega a extremo tal.

Mas como ha de ter cura,  
 Quem nasce ſem ventura!  
 E tu, que aſſim me viſte,  
 Partiſte  
 A respirar!

## XIV.

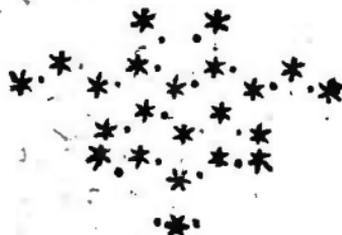
E se por fim, Pastora,  
 Duvidas de minha ancia,  
 Se em ti não ha constancia,  
 Minha alma o vingará.

Farei, que o Ceo se abrande  
 Aos ays de huma ancia grande:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!

## XV.

Terás em minha pena,  
 Com passo vigilante,  
 A minha sombra errante,  
 Sem nunca te deixar.

Terás... ah bello emprego!  
 Não temas: eu socégo:  
 Mas quando he, que tu viste  
 Hum triste  
 Respirar!



## XIV.

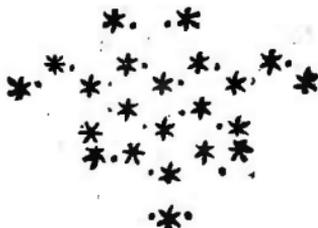
Talvez outra Pastora,  
Zombando de tua ancia,  
Da falta de constancia  
Em ti me vingará.

Mal feito, que se abrande,  
Vendo rigor tão grande:  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!

## XV.

Verás na minha pena,  
Que sempre vigilante,  
Por todo o campo errante,  
Já mais te hei de deixar.

E tu... ah louco emprego  
De quem não tem socego!  
E tu, que assim me viste,  
Partiste  
A respirar!





# IL PASTORE

## A N I C E.

CANZONETTA DI

# GLAUCESTE

## SATURNIO,

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.



I.

**D** Ove, mia Nice, dove;  
 Dove trovarti spero  
 Nel lido, a cui straniero  
 Mi trasse ingrato Amor!  
 Chiedendo a i tronchi, a i sassi;  
 In vano io volgo i passi;  
 E solo sento ( oh Dio! )  
 Che perdo anch'io  
 Il cor.



N I C E

AL PASTORE.

RISPOSTA DI

N I N F E J O

CALISTIDE,

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.

I.

**A** Addio, Pastor. Ma dove  
 Così lontan ti spero ;  
 Si fuor di me straniero  
 Tu vai fuggindo amor !  
 Addio. Io piango ai sassi,  
 Men sordi, che i tuoi passi.  
 Ah! Che nel dirti addio,  
 Già non é mio  
 Il cor !

## II.

Il fior veggio nel prato ;  
 E negli affani miei,  
 Ah ! Quest' , io dico , ( oh Dei ! )  
 Nice sarà talor.

Le tue pupille belle ,  
 Credo , che son le stelle ;  
 E solo sento ( oh Dio ! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## III.

Del monte alla foresta  
 Mal cieco Amor mi guida ;  
 Dove piu dolce arrida  
 Il Cielo al mio dolor.

Vola di pianta in pianta  
 L'augel , che scherza , e canta :  
 E solo sento ( oh Dio ! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## IV.

Nel mio sospiro amante  
 Altro il dolor non dice ,  
 Che dove , dov' é Nice ,  
 Che non la trovo ancor !

Echo , ch' il fasso asconde ,  
 Per lei nepur risponde ;  
 E solo sento ( oh Dio ! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## II.

Al bosco, al monte, al prato,  
 Spargo i sospiri miei;  
 È in vano spargo ( oh Dei! )  
 I miei sospir talor.

Veggio le sfere belle;  
 Non veggo le mie stelle:  
 Ah che nel dirti addio,  
 Già non è mio  
 Il cor!

## III.

La greggia alla foresta  
 Non guido, ne mi guida;  
 Nepure il fiore arrida:  
 Che tutto á il mio dolor.

Mustia si fé la pianta;  
 Mai piu l' auzel non canta:  
 Ah che nel dirti addio,  
 Già non è mio  
 Il cor!

## IV.

Torna, spietato amante;  
 Torna: ma il cor mi dice,  
 Che tu lasciasti Nice,  
 Che te scordasti ancor.

Per che, crudel t'ascondi?  
 Per che non mi rispondi?  
 Ah che nel dirti addio,  
 Già non é mio  
 Il cor!

## V.

Tutto per me s' oscura,  
 La terra, il mare, il Cielo:  
 Il sangue e freddo gelo;  
 Tutto mi fa terror.

Nessuno a dolor tanto  
 Sa trattener-mi 'l pianto:  
 E solo sento ( oh Dio! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## VI.

Il tenero mio voto  
 Grato, mio ben, ti fia:  
 Tu puoi col alma mia  
 Far piu superbo Amor.

Tu puoi... ma sudo in vano  
 Nel culto, in cui m' affano:  
 E solo sento ( oh Dio! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## VII.

Or mi rammento, ó cara,  
 Di quel felice stato,  
 Che dolce, innamorato,  
 M'accolse il tuo favor.

Di tanti beni, e tanti  
 Or nascono i miei pianti:  
 E solo sento ( oh Dio! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## V.

*Non temo l'onda oscura,  
Non temo il mare, il Cielo:  
Per te, mio ben, mi gelo;  
Per te sento terror.*

*Veddi, che a dolor tanto  
Mi sto sfogando in pianto:  
Ah che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor!*

## VI.

*Non olvidar quel voto;  
Presente ognor ti sia:  
Ah! Sì. Del alma mia  
Tu fosti 'l solo amor.*

*Tu fosti... io fuggo in vano  
Il duolo, in cui m'affano:  
Ah! Che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor!*

## VII.

*Non olvidar, che cara  
Ti fui nel dolce stato,  
Che fido, innamorato,  
T'accolse il mio favor.*

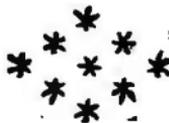
*Di tanti amori, e tanti;  
Son premio questi pianti:  
Ah che nel dirti addio,  
Già non é mio  
Il cor!*

## VIII.

Chi sa, qual altro amante ;  
 Chi sa, qual piu felice ;  
 Della mia bella Nice  
 S'accenda allo splendor !  
 De miei crudi sospetti  
 Non veggio i mesti oggetti ;  
 E solo sento ( oh Dio ! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.

## IX.

Chi sa, dove s'annida ;  
 Nel mar, nel Cielo, o terra !  
 Chi sa, dove se ferra  
 Quel candido thezor !  
 Per lei ( crudel tormento ! )  
 Per lei morir mi sento ;  
 E solo sento ( oh Dio ! )  
 Che perdo anch' io  
 Il cor.



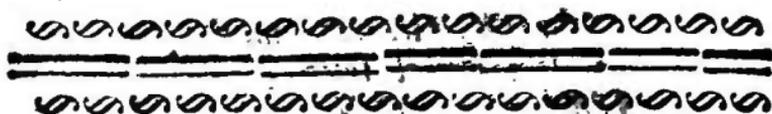
## VIII.

Chi sa, tirannò amante,  
 Se alla rival felice,  
 L'abbandonata Nice  
 Invidia il suo splendor!  
 Chi sa, s' i miei sospetti  
 Tardano i cari oggetti!  
 Ah che nel tirti addio,  
 Già non é mio  
 Il cor!

## IX.

Faró, se pur s'annida  
 L'indegna in Cielo, ó in terra,  
 S' il mio thesoro serra,  
 Mi renda il mio thesor.  
 Faró . . . crudel tormento,  
 Per cui morir mi sento!  
 Faró . . . ma come (oh Dio!)  
 Se non é mio  
 Il cor!





# N I C E.

## CANZONETTE.



### I.

**A** H ch' io mi sento  
 D'Amor ferito!  
 Non sono ardito,  
 Parlar non só.

Mi vinse Amore  
 Crudo, tyranno;  
 Per questo affanno  
 Valor non o'.

Nice crudele,  
 Tu sei l'ardore,  
 Ch' inspira Amore  
 Entro il mio cor.

## II.

Lascia, ch' io solo;  
Nel mio martire;  
Vada a morire  
Senza pietà.

Amor lo chiede;  
Chiede-lo il mio  
Crudel desio  
Di più penar.

Tu non fai, Nice,  
Qual sia il vanto;  
Che nel mio pianto  
Amor mi dà.

## III.

Folle, chi crede  
Trovar fermezza  
Nella crudezza  
D'una beltà.

Or da se scaccia;  
Or a se chiama;  
Altro non brama;  
Che 'l variar.

Lo so' per prova :  
 Tu, Nice-bella,  
 Tu sol sei quella,  
 Ch' instrutto m'a.

---

 IV.

Ombra onorata  
 De la mia face,  
 Lasciami in pace,  
 S' ai pur pietá

Io riconosco  
 Il tuo sembiante :  
 Ei pur amante  
 N'el alma stá.

Ah qual m'accusi !  
 Qual mi condanni !  
 Mi fan gl'affanni  
 Già delirar.



---



---

# CANTATAS.

---

## O PASTOR DIVINO.

### CANTATA I.

*Fé, Esperança.*

---

*Fé.* **O** Nde, Enigma adorado,  
Onde guias perplexo,  
Confuzo, e pensativo  
Da minha idéa o vacilante curso?

*Esp.* Que sombras, que portentos  
Encobres a meus olhos,  
O ignorado arcano,  
Que lá dessa distancia:  
Inspiras de teu rayo o esforço activo?

*Fé.*

Eu vejo, que rompendo  
Da noite o manto escuro  
Vem scintillando a chama,  
Que sobre o mundo todo a luz derrama!

*Esp.*

Eu vejo, que do Oriente  
A luminosa estrella,  
Que os passos encaminha,  
Quazi a buscar a terra se avizinha!

*Coro.*

Chegai, Pastores,  
Vinde contentes;  
Que o novo Sol  
Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto  
Nestes campos se vê respirar!

*Fé.*

He esta a flor mimoza,  
Que da Vara bendita,  
Venturoza, jucunda,  
Da raiz de Jessé brota fecunda!

*Esp.*

He este o Pastor bello,  
Que o rebanho espalhado  
Vem acazo buscar! He este aquelle;  
Que por montes, e valles  
Conduz a terra Ovelha,  
E mais que a propria vida,  
Ama o rebanho seu! He este aquelle;  
Que as ovelhas conhece, e a seu preceito  
Obedecendo bellas,  
Tambem o seu Pastor conhecem ellas!

*Fé.* Eu o tinha alcançado,  
De enigmáticas sombras na figura,  
Unigenito Filho  
Do Eterno Creador. O Filho amado  
De Abraão o testifica;

*Esp.* Jacob o comprehende, Abel o explica.

*Ambas.* Brandas Ninfas, que no centro  
Habitaes dessa corrente,  
Vinde ao novo Sol nascente  
Vosso obzequio tributar,

*Fé.* Já do monte descendo  
Vem o pobre Pastor: de brancas flores,  
Ou já grinaldas, ou coroas tece,  
E ao novo Deos contente as offerce,

*Esp.* Já de lírios, e rozas,  
Pela gloria, que alcança,  
Animada a Esperança se coroa;  
E alegres hymnos de prazer entoaa;

### Coro.

Chegai, Pastores,  
Vinde contentes;  
Que o novo Sol  
Já resplandece.

Oh que gloria, que dita, que gosto  
Nestes campos se vê respirar!

*Fé.* Aquelle tenro,  
Cordeiro amado,  
Sacrificado  
Por nosso amor,

## CANTATA I.

*Esp.*

Sobre seus hombros  
 Conduz accezo  
 O duro pezo  
 Do peccador.

*Fé.*

Nascido Infante  
 Ao mundo afflicto  
 Nosso delicto  
 Paga em amor.

*Esp.*

Oh recompensa  
 Do bem perdido!  
 Oh do gemido  
 Premio mayor!

*Ambas.*

Vem, Pastor bello;  
 Vem a meus braços;  
 Vem; que teus passos  
 Seguindo vou.

*Fé.*

Mas ah! Que de prazer, e de alegria  
 Respirar posso apenas. Todo o campo  
 Florecente se vê. Estaõ cobertos  
 Os claros Orizontes  
 De nova luz, de novo Sol os montes.

*Esp.*

Melhor luz não espere  
 Ver o mundo já mais. Concorraõ todos  
 A este luminoso  
 Assento; aonde habita

*Fé.*

Aquelle Sol, que a vida resuscita.

Vem, Sol peregrino,  
 De nós suspirado;

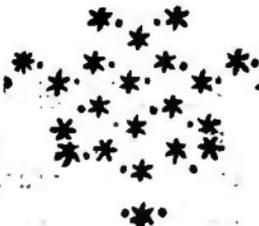
*Esp.*

Vem, Filho adorado  
 De Deos immortal.

## Coro.

Chegai, Pastores ;  
Vinde contentes ;  
Que o novo Sol  
Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto  
Nestes campos se vê respirar !



---

LA  
SS. VERGINE.

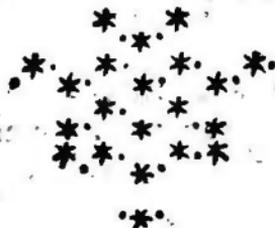
CANTATA II.

---

O H de gli Aſtri, e del Ciel Regina Augusta !  
 Tu , ch' al mondo cadente  
 La ſalute portaffi , ed il ſacrato ,  
 Antidoto felice de la colpa ,  
 Nel tuo ſeno di grazie il piu ſecondo ;  
 Tu , che donaffi al mondo  
 Quel adorato Figlio ,  
 Che a pró di noi veſtí l' umana ſpoglia ;  
 Quello , che vendicó l' infauſta doglia ,  
 Che l' inexperto Adamo  
 Comune a noi ſenza riſtore piange ,  
 Tu ſei quella , ch' io chiamo ,  
 Bella Madre d'Amor , ma d'Amor degno ;  
 De ſi gran Madre venturoſo pegno.  
 Io t'adoro , io t'amo , o' cara ,  
 Sacra Vergine , ch' il Cielo

Dona a noi , involta in velo ,  
Di Colomba , che innocente  
L' ali spiega , al Ciel s' en vâ :

Così dolce , amante Sposo  
Le sue braccia apre in un giorno :  
Vieni , dice , ó mio soggiorno ,  
Tu , che porti ogni beltà .



---



---

# GALATEA.

## CANTATA III.

*Galatea.*

*Acis.*

---



---

*Acis.* **G** Alatêa adorada ;  
 Mais candida , e mais bella ;  
 Que a neve congelada ,  
 Que a clara luz da matutina estrella ;  
 Mais , do que o Sol , formoza ;  
 Não digo lirio já , não digo roza.

*Gal.* Acis idolatrado ,  
 Pastor mais peregrino ,  
 Que quanto ostenta o prado ,  
 Quanto banha d'Aurora o humor divino ;  
 Pois junto ás tuas cores  
 Não tem o prado cor , não tem as flores.

*Acis.* Acis he , quem saúdozo  
 Corre desta ribeira  
 Todo o campo espaçozo ,  
 Buscando , ó bella Ninfa , a lizongeira ;  
 Doce vista , que tanto  
 De Amor atêa o suspirado encanto.

*Gal.* Desde o azul imperio,  
 Que rege o aureo Tridente,  
 Por todo este emiserio,  
 Galatéa te busca impaciente;  
 E amante nos seus braços  
 Te prepara de amor gostozos laços!

*Acis.* Vem ouvir-me hum instante;  
 Que em mim tudo he ternura.  
 Do barbaro Gigante  
 Não temas, não a pallida figura:  
 Que o tem seu triste fado,  
 Tanto como infeliz, dezenganado;  
 Vem, ó Ninfa ditoza,  
 Vem, vem;  
 Que em ti Amor guarda  
 Todo o meu bem.

*Gal.* Oh! Firaõ teus ouvidos  
 Meus saudozos clamores;  
 Mereção meus gemidos  
 Mover a femrazaõ dos teus rigores;  
 Já que taõ docemente  
 Sempre ao meu coração estás presente!  
 Vem, ó Pastor querido,  
 Vem, vem;  
 Que em ti Amor guarda  
 Todo o meu bem.



## L I Z E.

## CANTATA IV.

Sobre a Cantata antecedente.

**N**A forte, Lize amada,  
 Do mizero Gigante,  
 Que triste de meu fado se traslada  
 O funebre semblante!  
 Ao ver a copia do Cyclope infauſto;  
 Respiraõ de meu peito iguais ardores,  
 Os zelozos furores,  
 Que dentro n'alma sinto,  
 Como em lamina triste escrevo, e pinto:  
 Zelozo elle, e eu zelozo,  
 Ambos sentimos hum igual extremo.  
 Mas ay fado aleivozo!  
 Que infeliz inda mais, que Polifemo;  
 Me queixo. Elle a occaziaõ de seu ciume  
 Suffoca, eſtraga, dezaenta, e mata;  
 E eu de hum.a alma ingrata

CANTATA IV.

303

Sinto o desprezo , e não extingo o lume :

Fois sempre desprezado

Vivo afflicto , infeliz , dezesperado.

Se em mim pois , se em Polifemo

Influo a mesma estrella ,

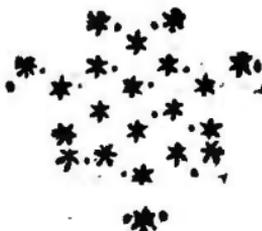
Aqui tens , ó Lize bella ,

Huma copia de meu mal.

Mas ay Lize ! Quanto sinto !

Bem que nesta copia o pinto ,

Nada iguala o original !



# N I Z E.

## CANTATA V.

**N** ão vejas, Nize amada,  
 A tua gentileza  
 No cristal dessa fonte. Ella te engana:  
 Pois retrata o suave,  
 E encobre o rigoroso. Os olhos bellos  
 Volta, volta a meu peito:  
 Verás, tyranna, em mil pedaços feito  
 Gemer hum coração: verás huma alma  
 Ancioza suspirar: verás hum rosto  
 Cheyo de pena, cheyo de desgosto,  
 Observa bem, contempla  
 Toda a mizera estampa. Retratada  
 Em huma copia viva  
 Verás distincta, e pura,  
 Nize cruel, a tua formozura:

Não te engane, ó bella Nize;  
 O cristal da fonte amena:  
 Que essa fonte he muy serena,  
 He muy brando esse cristal.

Se assim como vês teu rosto,  
 Viras, Nize, os seus effeitos,  
 Póde ser, que em nossos peitos  
 O tormento fosse igual.

---



---

# P A L E M O,

E

L I Z E.

CANTATA VI.

Epythalamica.

---



---

**O** H quanto, Lize, oh quanto,  
 Quanto alentaõ teus olhos  
 Ao mizero Palemo! Já tres dias  
 O mar anda girando. Em tua auzencia  
 Saudozõ tem movido as bravas ondas.  
 Aos peixes tem chegado  
 O clamor de seus ays. Ah! Se tu viras,  
 Qual foi o seu lamento,  
 Não fõras mais cruel, que o mar, que o vento!  
 Eu o vi ( não te engano )  
 Sem acordo entregar o fragil barco  
 Ao arbitrio das ondas. Poucos passos  
 De huma rocha fatal já se apartava;

V

A morrer se apressava;  
 Quando eu, que no seu rumo hia seguindo;  
 Palemo? (lhe gritei) olha, Palemo:  
 Desvia dessa penha a vela, o remo.

Mas fosse providencia, acazo fosse;

A outra parte a onda  
 O seu barco voltou. Já perguntado  
 Me torna o Pastor caro: eu entendia;  
 Que a penha, em que Nicandro me fallava;  
 Era Lize fomite, que eu buscava.

Lize a rocha deshumana,  
 Lize o bem, que tanto adoro;  
 Por quem vivo, por quem choro;  
 Por quem ando a suspirar.

Ah! Se corro a morrer nella,  
 Venha a barbara ferida;  
 Que esta morte só he vida;  
 Porque he Lize, quem a dá.

Mas não he isto engano! O infaulto agouro  
 De todo se apartou. Tornou-se em calma  
 O mar tempestuozo: o vento irado  
 Já suave respira: esta ribeira  
 De alegria se veste: hum doce encanto  
 Nos álamos, nos freixos,  
 Que estaõ fazendo sombra ás verdes ondas;  
 Communica a harmonia  
 Dos passaros, que cantaõ. Que gostosa  
 Manêa as brandas folhas  
 A aura lizongeira! D'entre as ramas  
 Ah como fere o rayo sobre as agoas,  
 Tornandó prateadas  
 As cristallinas vês! Finge a sombra

Outro bosque nas ondas; e parece;  
 Que outras aves no mar em competencia  
 Formando estão suavissima cadencia.

E que alegre entre tanto  
 Esta praya se vê! Que grande copia  
 De redes se derrama! Em cada parte  
 Se senta hum Pescador: bailes; e jogos  
 Se attendem na ribeira: ao doce avizo  
 Das vizinhas Aldêas  
 Vem o povo chegando. He grande o dia;  
 Grande annuncio he de gosto. Mas que muito,  
 Se neste feliz dia  
 De Lize, e de Palemo  
 Se premêa a virtude! Hum terno laço  
 Ao Pescador amante  
 A Ninfa delicada  
 Neste dia assegura: Ah! queira o Fado  
 Propicio queira o Ceo  
 Chama fecundar deste hymeneo.

Forme das almas bellas

Amor o seu thezouro;  
 E com as settas d'ouro  
 Se veja triunfar.

De perolas tributo  
 Lhe renda a fertil onda;  
 O mar lhe não esconda  
 A rama do coral.



---



---

# N I Z E.

## CANTATA VII.

---



---

**O** Nde, ó Nize divina,  
 Onde te encontrarei, bella Pastora!  
 O monte, o prado, o valle ando girando;  
 Nize? Nize? Suspiro. A meus clamores  
 O ecco apenas me responde. Tudo  
 Informa, ó Nize, de que auzente vives;  
 Que outro campo já pizas,  
 Outras ovelhas, outro gado reges;  
 Que desprezas aquella choça amada,  
 Junto á nossa ribeira fabricada.  
 Ah! Se he certo, que Nize  
 Nestes campos faltou! Mas que duvido!  
 Sem cor a planta, a flor amortecida,  
 O ar escuro, o Sol sem luzimento,  
 Este monte, este rio, aquelle prado,  
 Me diz, que Nize (oh Ceos!) lhe tem faltado!  
 Nize? Nize? Meu bem? Ah! se inda aos longes  
 Chega o clamor de meus suspiros, sabe,

Quê vives na minha alma ,  
 Na minha alma , que adora  
 Taõ bello encanto , taõ gentil Pastora!

Vou pizando esta floresta ,  
 E os teus passos vou seguindo ;  
 Cego Amor vai conduzindo ,  
 Como norte , a minha fé.

Vejo a flor no campo alegre ;  
 Vejo a luz nos Ceos taõ bella ;  
 Nize , digo , he esta estrella ;  
 Nize , digo , esta flor he.

Mas ay ! É que mal chego a conhecer-me  
 No delirio , que occupa os meus sentidos !

Como , ó Nize , imagino ,  
 De meus olhos auzente ,  
 Que lembrada estarás da fé constante ,  
 Que hum tempo me juraste ;  
 Naquelle tempo , quando  
 Em tua companhia

Toda a montanha , ó Nize , a cada instante ;  
 A cada hora em fim , cada momento ,  
 Me via ( oh doce estado ! )  
 Já conduzindo o teu rebanho ao prado ,  
 Mais ditozo , que todos os do campo ,  
 Quando o Sol mais ardia ,  
 As agoas a beber da fonte fria ;  
 Ou já sendo o calor do Sol mais brando ;  
 Ao curral , onde o tinha entaõ cercado ,  
 Menos dos caens , do que de mim guardado !

Quantas vezes ( oh Ceos ! ) quantas  
 Digo ao valle , digo ao monte :  
 Visite a Nize ? Aquella fonte

810 CANTATA VII:

Testemunha póde ser.

Mudo o valle, o monte mudo;  
Tudo está suspenso: tudo  
Me parece, que responde:  
Eu não vi Nize, o teu bem;



## N I C E.

## CANTATA VIII.

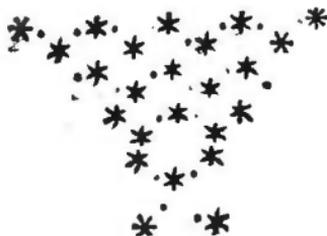
**V** I lascio, ó mie felici ;  
Pasciute Pecorelle ;  
Ch' or non provo per voi quella dolcezza ;  
Che le frondose selve  
M' ispirarono un giorno : d'altra cura ,  
D' altri diletti io sono già ferito :  
La mia Nice , la mia  
Inganatrice Dea  
Così possiede il cor , ch' altro non bramo ;  
Che vederla ogni instante ,  
Che ogni instante adorarla ,  
Che muover in sua traccia i piedi miei ;  
Che per lei respirar , morir per lei.  
Ite , miè care agnelle  
Fra queste ombrose piante ;  
Ch' io non son meno errante  
Di voi , che senza guida  
Andate del Pastor.  
Io vago il campo , il prato ;

E veggo, nel mio fato,  
 Come il destino vostro  
 Non é del mio peggior.  
 Correte ( oh Dio ! ) correte : itene voi,  
 Oh delle mie fatiche  
 La piu dolce, la piu gradita cura.  
 Voi farete, io lo veggo ;  
 E pur pietá per voi non sento ( oh Dio ! )  
 Voi farete de' lupi  
 Preda infelice ; e liberi tra voi  
 Si vedranno stracciar le vostre membra  
 Fra i sanguinosi denti. Io non vi piango.  
 Nice, Nice crudele,  
 Nice, fiamma del-core,  
 Non men bella del candido ligustro,  
 E non men della spina,  
 Che circonda la rosa, aspera, e cruda ;  
 Tu sei, tu sei, ó Nice,  
 Chi mi toglie la cura  
 Delle felici mie, candide agnelle.  
 Lagnatevi di lei :  
 Quello, che á me non lice ;  
 Io non son che vi lascio, é la mia Nice.  
     Nice vi lascia ( oh Dio ! )  
 e Nice, la mia tiranna,  
 Che della sua capanna  
 La libertá mi toglie,  
 Che respirava il cor.  
     Per lei piango : per lei  
 Vi lascio alla sventura :  
 Se Nice di me cura,  
 Io curaró di voi.

Itevi, dolci mie ;  
Dilette Pecorelle ;  
Che già non siete quelle ;  
Que pascolava Amor.

Itevi pur ; se lice ,  
Cercate la mia Nice :  
Se voi non la trovate ;  
Cercate  
Altro Pastor.

F I M.



## Protestação.

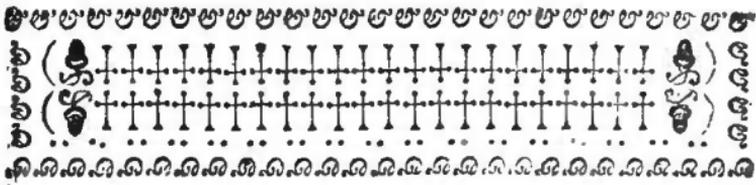
**P**rotesta o Author, que sómente por adorno da Poesia uzou das palavras Deozes, Numes, Divindades, Agouros, &c. e outras expressoens dissonantes aos dogmas da Santa Madre Igreja de Roma: o que tudo sujeita á sua correcção, como verdadeiro Catholico, &c.

---

### E R R A T A S.

| Pag. | Versos. | Erros.             | Emendas.                |
|------|---------|--------------------|-------------------------|
| IX.  | 11.     | respeita, ó como   | <i>respeitaõ, comõ</i>  |
| 13.  | 6.      | desta              | <i>esta</i>             |
| 23.  | 3.      | vais               | <i>vás</i>              |
| 49.  | 10.     | vieggo             | <i>veggo</i>            |
| 49.  | 19.     | Di mertí           | <i>Dé mertí</i>         |
| 63.  | 26.     | se houve           | <i>se ouve</i>          |
| 67.  | 7.      | escuar             | <i>estura</i>           |
| 68.  | 21.     | amaõ               | <i>a maõ</i>            |
| 79.  | 22.     | futnro             | <i>futuro</i>           |
| 138. | 72.     | esereva            | <i>escreva</i>          |
| 170. | 2.      | as amados          | <i>os amados</i>        |
| 170. | 13.     | accuza             | <i>accuzas</i>          |
| 175. | 3.      | o extremo          | <i>o extremozo</i>      |
| 201. | 27.     | Porqhe             | <i>Porque</i>           |
| 202. | 14.     | de Beliza infausto | <i>que de Tisbe foã</i> |
| 216. | 9.      | falsidade          | <i>falsidade</i>        |
| 219. | 22.     | segura             | <i>seguro</i>           |
| 223. | 21.     | almos              | <i>almas</i>            |
| 228. | 5.      | nas horrores       | <i>nos horrores;</i>    |
| 240. | 12.     | tua                | <i>vossa</i>            |
| 249. | 19.     | taõ taõ            | <i>taõ</i>              |
| 256. | 3.      | Quem quem          | <i>Que quem</i>         |
| 262. | 4.      | Allivo             | <i>Allivio</i>          |
| 283. | 3.      | Si fuor            | <i>Se fuor</i>          |

○ Lector advertirá os erros da orthografia;



# I N D E X

D A S O B R A S ,

que se contêm neste Volume.

## SONETOS.

|                                                |        |
|------------------------------------------------|--------|
| <b>A</b> Cada instante, Amor, a cada instante. | p. 23. |
| Adeos, Idolo bello, adeos, querido.            | 26.    |
| Altas ferras, que ao Ceo estais servindo.      | 30.    |
| Apenas rebentava no Oriente.                   | 35.    |
| Apri Giano il gran Tempio; orrido, e nero.     | 43.    |
| Apressa-se a tocar o caminhante.               | 14.    |
| Aquella cinta azul, que o Ceo estende.         | 10.    |
| Aquelle, que enfermou de desgraçado.           | 18.    |
| Aqui sobre esta pedra aspera, e dura.          | 17.    |
| Assim como o Pastor, tambem o pobre.           | 105.   |
| A vós, canoras Ninfas, que no amado.           | 80.    |
| Ay de mim! Como estou tao descuidado!          | 11.    |
| Ay Nize amada! Se este meu tormento.           | 15.    |
| Bella imagem, emprego idolatrado.              | 29.    |
| Brandas ribeiras, quanto estou contente        | 4.     |
| Breves horas, Amor, ha, que eu gozava          | 20.    |

Breves horas , que em rapida porfia.  
 Campos , que ao respirar meu triste peito.  
 Clara fonte ; teu passo lizongeiro.  
 Continuamente estou imaginando.  
 Corino , vai buscar aquella ovelha.  
 De cosi degno Eroela Regia fronte.  
 De hum ramo desta faya pendurado.  
 Deixa , que por hum pouco aquelle monte.  
 Deixemos-nos , Algano , de porfia.  
 Del tuo Fileno a la incerata avena.  
 Destes penhascos fez a natureza.  
 Dolci compagni miei , dolce mia cura,  
 Dolci parole , or piu non siete quelle.  
 Enfim te heide deixar , doce corrente.  
 Em profundo silencio ja descança.  
 Entre este álamo , ó Lize , e essa corrente.  
 Erra d' intorno a me l' ombra onorata.  
 Esci d' inganno , ó Nice ; io non t' adoro.  
 Este he o rio , a montanha he esta.  
 Estes braços , Amor , com quanta gloria.  
 Estes os olhos são da minha amada.  
 Eu cantei , não o nego , eu algum dia.  
 Eu ponho esta sanfona ; tu , Palemo.  
 Fatigado da calma se acolhia.  
 Faz a imaginação de hum bem amado.  
 Formoza he Dálina ; o seu cabello.  
 Formozo , e manso gado , que pascendo.  
 Guarda , ó tronco , este funebre letreiro.  
 Ha quem confie , Amor , na segurança.  
 Já me enfado de ouvir este alarido.  
 Já rompe , Lize , a matutina Aurora.  
 Ingrata foste , Eliza ; eu te condenno.

|                                                        |      |
|--------------------------------------------------------|------|
| <i>Injusto Amor , se de teu jugo izento.</i>           | 21.  |
| <i>Junto desta corrente contemplando.</i>              | 41.  |
| <i>Lea a posteridade , ó patrio Rio.</i>               | 2.   |
| <i>Lembrado estou , ó penhas , que algum dia.</i>      | 30.  |
| <i>Memorias do prezente , e do passado.</i>            | 26.  |
| <i>Misera rimembranza che mai temi?</i>                | 45.  |
| <i>Morféo doces cadéas estendia.</i>                   | 22.  |
| <i>Muzas , canoras Muzas , este canto.</i>             | 51.  |
| <i>Nada póde escapar do golpe arvaro.</i>              | 139. |
| <i>Naõ de Tigres as testas descarnadas.</i>            | 13.  |
| <i>Naõ ha no mundo fé , naõ ha lealdade.</i>           | 39.  |
| <i>Naõ se passa , meu bem , na noite , e dia.</i>      | 16.  |
| <i>Naõ te affuste o prodigio : eu , Caminhante.</i>    | 34.  |
| <i>Naõ te cazes com Gil , bella Serrana.</i>           | 34.  |
| <i>Naõ vês , Lize , brincar esse menino.</i>           | 24.  |
| <i>Naõ vês , Nize , este vento dezabrido.</i>          | 14.  |
| <i>Neste álamo sombrio , aonde a escura.</i>           | 12.  |
| <i>Ninfas gentis , eu sou o que abrazado.</i>          | 28.  |
| <i>Ninfas , que sobre a espuma prateada.</i>           | 149. |
| <i>Nize ? Nize ? onde estás ? Aonde espera.</i>        | 7.   |
| <i>Non lasciarmi , crudel ; quella , ch' io rendo.</i> | 48.  |
| <i>Non ó valor , che basti ; io corro in vano.</i>     | 45.  |
| <i>Non parlarmi d'amor , ingrata Nice.</i>             | 46.  |
| <i>Onde estou ! Este sitio desconheço.</i>             | 4.   |
| <i>Os olhos tendo posto , e o pensamento.</i>          | 25.  |
| <i>Ou já sobre o cajado te reclines.</i>               | 27.  |
| <i>Para cantar de Amor tenros cuidados.</i>            | 1.   |
| <i>Parece , ou eu me engano , que esta fonte.</i>      | 50.  |
| <i>Pastores , que levais ao monte o gado.</i>          | 2.   |
| <i>Piedozos troncos , que a meu terno pranto.</i>      | 42.  |
| <i>Polir na guerra o barbaro Gentio.</i>               | 42.  |
| <i>Pouco importa , formozza Daliana.</i>               | 5.   |

|                                                     |      |
|-----------------------------------------------------|------|
| <i>Quando cheyos de gosto , e de alegria.</i>       | 41.  |
| <i>Quando , formozza Nize , dividido.</i>           | 20.  |
| <i>Que feliz fora o mundo , se perdida.</i>         | 18.  |
| <i>Que inflexivel se mostra , que constante.</i>    | 24.  |
| <i>Que molesta lembrança , que cançada.</i>         | 27.  |
| <i>Que tarde nasce o Sol , que vagarozo.</i>        | 33.  |
| <i>Quem chora auzente aquella formozura.</i>        | 21.  |
| <i>Quem deixa o trato pastoril , amado.</i>         | 8.   |
| <i>Quem és tu ? Ay de mim ! Eu reclinado.</i>       | 22.  |
| <i>Quem se fia de Amor , quem se assegura.</i>      | 37.  |
| <i>Questo , che la mia Musa oggi a te rendi.</i>    | 49.  |
| <i>Se á memoria trouxeres algum dia.</i>            | 35.  |
| <i>Se este tronco , adorado dos Pastores.</i>       | 101. |
| <i>Se os poucos dias , que vi-vi contente.</i>      | 17.  |
| <i>Se sou pobre Pastor , se não governo.</i>        | 3.   |
| <i>Sombrio bosque , tio destinado.</i>              | 38.  |
| <i>Sonha em correntes d'agoa o que abrazado.</i>    | 13.  |
| <i>Sorpreso de cosi sonori accenti.</i>             | 44.  |
| <i>Sou Pastor , não te nego ; os meus montados.</i> | 3.   |
| <i>Sposi felici , per la vostra face.</i>           | 43.  |
| <i>Toda a mortal fadiga adormecia.</i>              | 9.   |
| <i>Torno a ver-vos , o montes ; o destino.</i>      | 32.  |
| <i>Traidoras horas de enganozo gosto.</i>           | 25.  |
| <i>Tu , Ninfa , quando eu menos penetrado.</i>      | 29.  |
| <i>Tu , sonora corrente , fonte pura.</i>           | 12.  |
| <i>Valha-te Deos , cançada fantazia.</i>            | 31.  |

## E P I C E D I O S.

|                                                 |     |
|-------------------------------------------------|-----|
| <i>A morte do Senhor Conde de Bobadella. I.</i> | 52. |
| <i>A morte de Salicio. II.</i>                  | 65. |
| <i>A morte de hum Amigo. III.</i>               | 70. |

## R O M A N C E H E R O I C O .

|                                        |     |
|----------------------------------------|-----|
| <i>Do Senhor Jozé Gomes de Araujo.</i> | 73. |
|----------------------------------------|-----|

## FABULA

*Do Ribeirão do Carmo.* 80.

## ECLOGAS.

|                             |        |      |
|-----------------------------|--------|------|
| <i>Albano.</i>              | III.   | 107. |
| <i>Alcino.</i>              | XIV.   | 202. |
| <i>Amarillis.</i>           | XII.   | 173. |
| <i>Angelica.</i>            | X.     | 158. |
| <i>Arancio.</i>             | V.     | 133. |
| <i>Beliza, e Amarillis.</i> | XV.    | 207. |
| <i>Dalizo.</i>              | XI.    | 163. |
| <i>Eulino.</i>              | VI.    | 140. |
| <i>Fido.</i>                | VII.   | 145. |
| <i>Fileno.</i>              | II.    | 103. |
| <i>Franceliza.</i>          | XVIII. | 221. |
| <i>Laura.</i>               | IX.    | 152. |
| <i>Lira.</i>                | XX.    | 228. |
| <i>Lize.</i>                | XVII.  | 217. |
| <i>Lysia.</i>               | IV.    | 127. |
| <i>Os Mayoraes do Tejo.</i> | I.     | 89.  |
| <i>Pescadores.</i>          | XVI.   | 212. |
| <i>Polifemo.</i>            | VIII.  | 150. |
| <i>Silvio.</i>              | XIII.  | 194. |
| <i>Vida do campo.</i>       | XIX.   | 225. |

## EPISTOLAS.

|                          |      |      |
|--------------------------|------|------|
| <i>Alcino a Fileno.</i>  | I.   | 230. |
| <i>Dalizo a Salicio.</i> | III. | 236. |
| <i>Eurillo a Alcido.</i> | V.   | 243. |
| <i>Fileno a Albano.</i>  | II.  | 233. |
| <i>Melizo a Salicio.</i> | IV.  | 239. |
| <i>Silvio a Albano.</i>  | VI.  | 247. |

## ROMANCES LIRICOS:

|                                    |      |      |
|------------------------------------|------|------|
| <i>Altea.</i>                      | III. | 257. |
| <i>Anarda.</i>                     | IV.  | 259. |
| <i>Antandra.</i>                   | II.  | 256. |
| <i>Lize.</i>                       | I.   | 254. |
| <i>Desprezo á lira.</i>            |      | 262. |
| <i>Palinodia á lira.</i>           |      | 263. |
| <i>Despedida de Fileno á Nize.</i> |      | 270. |
| <i>Resposta de Nize á Fileno.</i>  |      | 271. |

## CANZONETTA

|                                     |      |
|-------------------------------------|------|
| <i>Il Pastore á Nice.</i>           | 282. |
| <i>Risposta de Nice al Pastore.</i> | 283. |

## CANZONETTE

|              |      |
|--------------|------|
| <i>Nice.</i> | 290. |
|--------------|------|

## CANTATAS.

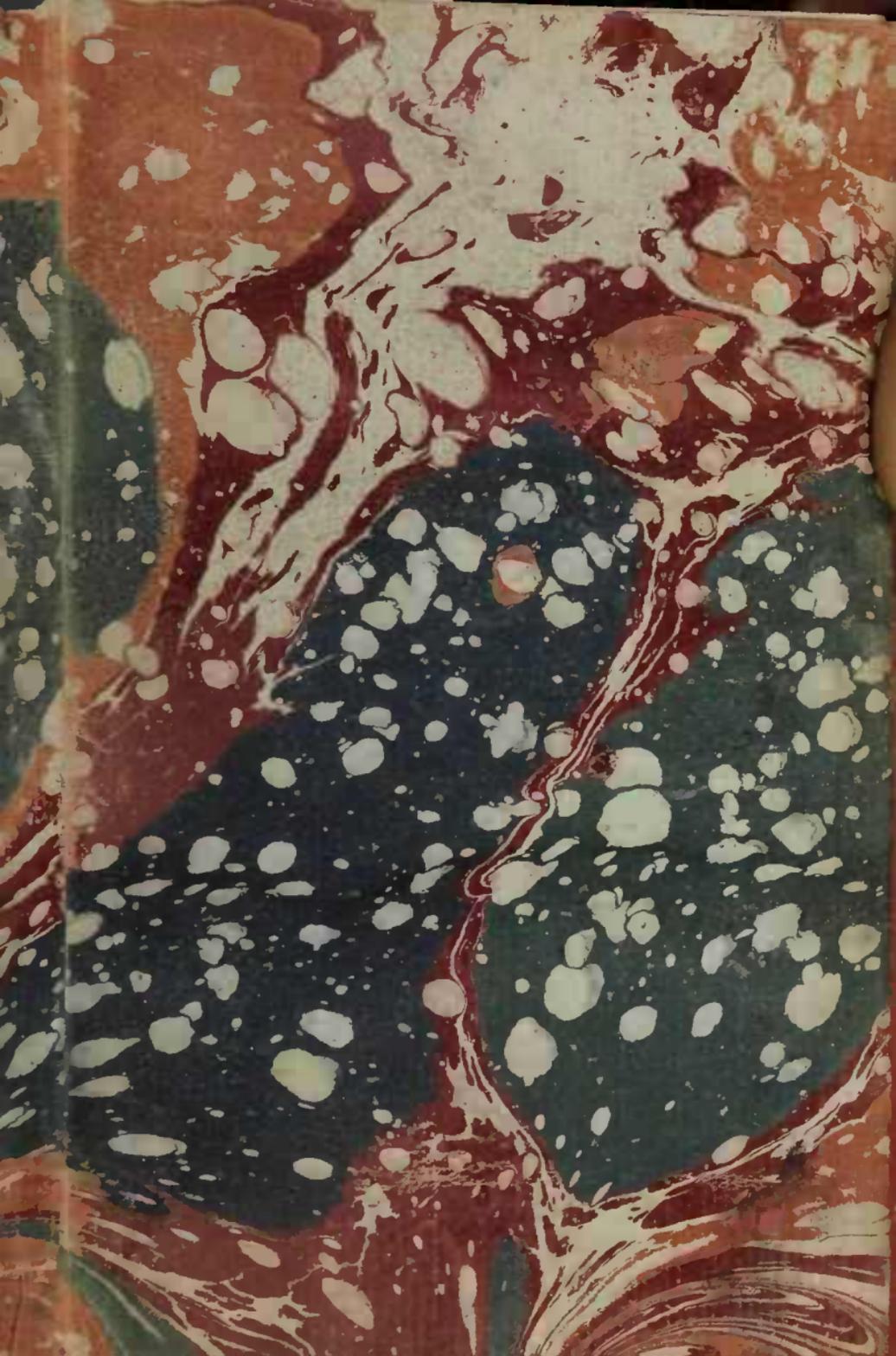
|                         |       |      |
|-------------------------|-------|------|
| <i>O Pastor Divino.</i> | I.    | 293. |
| <i>La SS. Vergine.</i>  | II.   | 298. |
| <i>Galatea.</i>         | III.  | 300. |
| <i>Lize.</i>            | IV.   | 302. |
| <i>Nize.</i>            | V.    | 304. |
| <i>Paleno, e Lize.</i>  | VI.   | 305. |
| <i>Nize.</i>            | VII.  | 308. |
| <i>Nice.</i>            | VIII. | 311. |













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).